

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE ARQUITETURA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO**

**ANTONIO CAETANO TEIXEIRA PAZ ARAGÃO**

**ARQUITETURA DO MEDO EM FORTALEZA**

Salvador

2017

**ANTONIO CAETANO TEIXEIRA PAZ ARAGÃO**

**ARQUITETURA DO MEDO EM FORTALEZA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof. Dr. Francisco de Assis da Costa

Salvador

2017

A671a

Aragão, Antonio Caetano Teixeira Paz  
Arquitetura do Medo em Fortaleza / Antonio Caetano Teixeira  
Paz Araújo. -- Salvador, 2017.  
165 f. il

Orientador: Prof. Dr. Francisco de Assis da Costa.  
Tese (Doutorado - Programa de Pesquisa e Pós-graduação em  
Arquitetura e Urbanismo) -- Universidade Federal da Bahia,  
Faculdade de Arquitetura, 2017.

1. Arquitetura. 2. Cidade, 3. Violência Urbana. 4.  
Arquitetura do Medo. 5. Processos de Subjetivação. I. Costa,  
Prof. Dr. Francisco de Assis da. II. Título.

CDD 720.98131

**ANTONIO CAETANO TEIXEIRA PAZ ARAGÃO**

**ARQUITETURA DO MEDO EM FORTALEZA**

Tese aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia, pela seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. Francisco de Assis da Costa (PPG-AU/UFBA) – Orientador

Prof. Dr. Pasqualino Romano Magnavita (PPG-AU/UFBA)

Profa. Dra. Ariadne Moraes Silva (FAUFBA)

Prof. Dr. Juarez Paraíso (EBA/UFBA)

Prof. Dr. Washington Luis Lima Drummond (UNEB)

Salvador, 5 de maio de 2017

À memória de meus pais, Rita e Inocêncio.  
Aos meus filhos, Fernanda, David e Sarah.

## AGRADECIMENTOS

À Administração Superior da UFC, amigos, colegas e alunos do Centro de Tecnologia, particularmente, do Departamento de Arquitetura e Urbanismo que me permitiram o afastamento para realização do doutorado na Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia – FAUBA.

Aos colegas: Beatriz Diógenes, Clóvis Jucá, Margarida Andrade, Paulo Costa, Ricardo Bezerra, Ricardo Fernandes, Roberto Castelo, Romeu Duarte Jr., pelo apoio e incentivo à conclusão da pesquisa Arquitetura do Medo em Fortaleza.

À Professora Auxiliadora Lemenhe, pelas leituras e orientações iniciais de minha proposta de pesquisa. Ao meu grande amigo, Prof. José Lemenhe, que sempre esteve me incentivando nesta empreitada. Ao Professor Xico Costa que me aceitou orientar, e o fez com muita competência, profissionalismo e amizade. Ao Professor Pasqualino Romano Magnavita pela grande amizade e pelas novas formas de pensar a contemporaneidade, ajudando substancialmente nesta pesquisa. Aos membros da banca de qualificação e defesa, professores, Washington Luis Lima Drummond, Ariadne Moraes Silva e Juarez Paraíso, pelas importantes sugestões no momento da qualificação, me permitindo chegar com êxito ao texto final aqui apresentado.

Agradecimentos especiais ao Prof. Luiz Antonio F. Cardoso, e ao colegiado do PPGAU-UFBA pelas considerações positivas às particularidades e circunstâncias que me envolveram ao longo do período de preparação desta tese.

Aos meus irmãos, Antonio José, Inocêncio Jr. e Maria de Lourdes, pelo apoio que me deram nas horas mais difíceis. Finalmente, agradecimentos também especiais aos meus filhos, Fernanda, David e Sarah, de quem estive afastado para este desafio, mas foram capazes de aceitar com paciência os períodos de falta do convívio com eles. Por fim, mas não menos importante, a meus pais (já falecidos) e às Forças Divinas e da Natureza que me operam o milagre da existência.



O atual *regime de fantasmagorias* que rege nosso imaginário urbano pode ser resumido, num primeiro estágio, em torno da querela sobre o conceito de *comunidade*, seja ela perdida como encontro originário ou desejada como um lugar futuro. Nessa teatralização teórica, os muros, enquanto aparatos cênicos, totêmicos, encenam a comunidade estilhaçada e a vida urbana que não se realiza em sua plenitude.

Washington Luis Lima Drummond



## RESUMO

Estudamos nesta pesquisa uma *Arquitetura do Medo em Fortaleza*, um processo urbano, ainda que de modo diferenciado e menos expressivo, sempre existiu nas cidades e que, recentemente, tem-se apresentado de forma mais explícita nas cidades brasileiras que sofrem com os problemas da violência e do medo.

Apresentamos, no primeiro capítulo, a conceituação da Arquitetura do Medo que investigamos, a sua singularidade como objeto de estudo, e o enunciado da tese que aqui apresentamos. No segundo capítulo, tratamos da abordagem das questões fundamentais da pesquisa que desenvolvemos na busca de situações que nos mostrassem os “limites” de onde pudessem surgir as “diferenças”, encontros e constituição de territórios, saberes associados à problemática e motivos da construção da Arquitetura do Medo em Fortaleza. No terceiro capítulo, procedemos a uma abordagem complementar, onde e quando estaremos identificando os limites (do fora e do dentro) numa análise de micropolíticas urbanas e processos de subjetivação, no âmbito da problemática da construção do medo, da violência, da construção dos espaços da arquitetura analisada e da cidade, mais especialmente dos espaços urbanos que sofrem interferência da implantação da arquitetura das grades e dos muros que isolam, explicitam dicotomias: seguro e inseguro; privado e público; ricos e pobres, bons(cidadãos) e maus(“elementos”), ou em três palavras: segregação, auto-segregação e medo.

Concluimos com um capítulo que nos mostra que estamos lidando com um tema em que valorizamos, como método de abordagem, estudos da relação de subjetividade com a exterioridade social que é de fundamental importância para a compreensão do mundo presente, onde a arquitetura do medo é inserida, mas também mostramos que tratamos aqui de processos que podem ser reabertos, revisados, de qualquer lugar do tempo e do espaço, sem início, sem teleologia, mas com a esperança de que os processos de homogeneização dos organismos possam ser quebrados, dando espaço ao *campo de imanência do desejo*, onde a criatividade pode fluir em benefício de melhores espaços da arquitetura e das cidades brasileiras.

**Palavras-chave:** arquitetura; cidade; violência urbana; medo; arquitetura do medo; processos de subjetivação capitalística.

## ABSTRACT

We study in this research an *Architecture of Fear in Fortaleza*, an urban process, although in a different and less expressive way, has always existed in the cities, and that has recently been presented more explicitly in Brazilian cities that suffer from the problems of violence and fear.

We present, in the first chapter, the conceptualization of the Architecture of the Fear that we investigate, its singularity as object of study, and the statement of the thesis presented here. In the second chapter, we deal with the fundamental questions of the research that we developed, in the search for situations that would show us the "limits" of where "differences" could arise, meetings and territorial constitution, knowledge associated with the problem and reasons for the construction of Architecture of Fear in Fortaleza. In the third chapter, we proceed to a complementary approach, where and when we will be identifying the boundaries (from the outside and the inside) in an analysis of urban micropolitics and processes of subjectivation, within the scope of the problem of fear construction, violence, the analyzed architecture and the city, more especially of the urban spaces that undergo interference of the implantation of the architecture of the bars and the walls that isolate, explain dichotomies: safe and insecure; private and public; rich and poor, good (citizens) and bad ("elements"), or in three words: segregation, self-segregation and fear.

We conclude with a chapter that shows us that we are dealing with a theme in which we value, as a method of approach, studies of the relation of subjectivity to social exteriority that is of fundamental importance for understanding the present world, where the architecture of fear is inserted, but we also show that we are dealing here with processes that can be reopened, revised, from any place of time and space, without beginning, without teleology, but with the hope that the processes of homogenization of organisms can be broken, giving space to a field of immanence of desire, where creativity can flow to the benefit of better spaces of Brazilian architecture and cities.

**Keywords:** architecture; city; urban violence; fear; architecture of fear; processes of capitalistics subjectivation.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Localização dos bairros estudados e do Centro de Fortaleza. Fonte IPECE – adap.do autor .....	18
Figura 2. Recorte urbano pesquisado. fonte: Google (adaptação do autor).....	19
Figura 3. Campo do América - Comunidade de baixa renda dentro no recorte urbano da pesquisa.....	20
Figura 4. Diagrama. 01. Fonte: o autor. ....	22
Figura 5. Rua República do Líbano.....	23
Figura 6. Foto á esquerda: Palacete do Plácido, década 1960. Foto à direita: Quadra do Palacete do Plácido, hoje. ....	25
Figura 7. Materializações e atualizações do conceito-signo "muro" para diferentes níveis de renda de usuários. ....	29
Figura 8. Signos do medo para diferentes tipologias de Arquiteturas do Medo. ....	30
Figura 9. Atualizações do signo "guarita" com localidades e funcionalidades diferentes.....	31
Figura 10. Diagrama. 02. Elementos da Análise. ....	48
Figura 11. Na Rua Bela Cintra. São Paulo. Fonte: “frame” de vídeo do autor, publicado em: <a href="https://youtu.be/GS5R8PWe5S8">https://youtu.be/GS5R8PWe5S8</a> .....	57
Figura 12. Equipamentos e dispositivos urbanos antimendigos.....	58
Figura 13. Diagrama. 02a - ( Limites – o Fora e o Dentro - Diferenças).....	67
Figura 14. Rua República do Libano – Meireles próximo ao nº 20. Fortaleza – fonte: Google.....	143
Figura 15. Comunidade do Campo do América nos bairros Aldeota e Meireles: fonte: Google.....	154
Figura 16. Aspecto da Comunidade do Campo do América – Após requalificação urbana. Fonte: Google .....	154

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Quadro de exemplos de signos da "Arquitetura da Segurança".....	39
Tabela 2. Quadro de exemplos de signos da "Arquitetura da Insegurança". ....	39
Tabela 3. Quadro de exemplos de signos da "Arquitetura da Violência". ....	40
Tabela 4. Quadro de exemplos de signos da “Arquitetura do Medo”. ....	40

## SUMÁRIO

<b>1. ARQUITETURA DO MEDO EM FORTALEZA .....</b>	<b>13</b>
1.1. INTRODUÇÃO.....	13
1.2. PRECEDENTES, ESTADO DA ARTE, ENUNCIADO DA TESE .....	14
1.3. RECORTE URBANO DE ESTUDO .....	18
1.4. URBANISMO DO FRAGMENTO.....	19
<b>2. OBJETO EMPÍRICO: constituição e problemática da investigação.....</b>	<b>22</b>
2.1. O OBJETO DA TESE (problematização e questões centrais).....	26
2.2. ARQUITETURA DO MEDO – SIGNO E CONCEITO .....	28
<b>3. METODOLOGIA DE EXPLICAÇÃO DO TEMA .....</b>	<b>35</b>
3.1. USANDO A SEMIÓTICA .....	35
<b>4. CAMPOS TEÓRICOS DA PESQUISA.....</b>	<b>48</b>
<b>5. CAPÍTULO 2.....</b>	<b>51</b>
5.1. CONCEITOS, PROBLEMÁTICA, DINÂMICA .....	51
5.2. ARQUITETURA, VIOLÊNCIA URBANA E O MEDO .....	53
5.3. O MEDO .....	60
5.3.1. <b>O Medo normal</b> .....	63
5.4. VIOLÊNCIA URBANA E MEDO.....	65
5.5. GLOBALIZAÇÃO, VIOLÊNCIA, MEDO .....	68
5.6. DEMOCRACIA E MERCADOS NA NOVA ORDEM MUNDIAL .....	69
5.7. GLOBALIZAÇÃO .....	73
5.7.1. <b>Aspectos Históricos</b> .....	73
5.7.2. <b>A Globalização Atual</b> .....	76
5.7.3. <b>Globalização e Desemprego</b> .....	77
5.8. CULTURA DA VIOLÊNCIA.....	78
<b>6. O INDÍVIDUO E A SOCIEDADE.....</b>	<b>80</b>
<b>7. PRODUÇÃO SOCIAL DA VIOLÊNCIA URBANA.....</b>	<b>82</b>
<b>8. VIOLÊNCIA URBANA E SEGREGAÇÃO .....</b>	<b>86</b>
<b>9. VIOLÊNCIA URBANA NO PRIMEIRO MUNDO.....</b>	<b>90</b>
<b>10. A VIOLÊNCIA: SEGMENTAÇÃO, ESTIGMATIZAÇÃO.....</b>	<b>94</b>
<b>11. MEDO, VIOLÊNCIA URBANA, URBANIZAÇÃO, SEGREGAÇÃO EM TEMPO DE GLOBALIZAÇÃO. ....</b>	<b>96</b>
<b>12. TEORIAS DA EXCLUSÃO SOCIAL.....</b>	<b>121</b>
12.1. CONCEPÇÃO INDIVIDUALISTA.....	121
12.2. A CONCEPÇÃO ESTRUTURALISTA.....	123
12.3. O PARADIGMA MARXISTA. ....	123
12.4. O PARADIGMA KEYNESIANO.....	126
13. PRODUÇÃO ESPACIAL URBANA .....	128

<b>13. CAPÍTULO 3.....</b>	<b>134</b>
13.1. CONDIÇÕES E MODOS DE APREENSÃO DA ARQUITETURA DO MEDO PESQUISADA (ATUALIZADA EM RECORTE URBANO EM FORTALEZA) .....	134
13.2. A PRODUÇÃO DA SUBJETIVIDADE (conceito) .....	140
<b>14. SUBJETIVIDADE CAPITALISTA E A PRODUÇÃO DE UMA ARQUITETURA DO MEDO INVESTIGADA EM FORTALEZA. ....</b>	<b>142</b>
14.1. MICROPOLÍTICAS URBANAS – CONSTRUINDO A CIDADE .....	142
14.2. AS VOZES DO PODER.....	144
14.3. AS VOZES DO SABER .....	146
14.4. AS VOZES DE AUTORREFERÊNCIA .....	148
<b>15. CAPÍTULO 4.....</b>	<b>152</b>
CONCLUSÃO.....	152
<b>16. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>161</b>

## 1. ARQUITETURA DO MEDO EM FORTALEZA

### 1.1. INTRODUÇÃO

Investigamos neste trabalho a importância de um tipo de arquitetura na mitigação do medo da violência urbana e no processo de reprodução imobiliária residencial nas cidades, principalmente as mais violentas, como é o caso de Fortaleza. Trata-se de um processo urbano contemporâneo, resultado das políticas voltadas à reprodução do capital, via produção imobiliária e exploração do medo da violência urbana. Nesta pesquisa valorizamos, como método de abordagem, estudos da relação da *subjetividade* com sua exterioridade social. Acreditamos que tanto a arquitetura investigada quanto a violência o medo e a segregação, que afetam o espaço e a vida nas cidades, fazem parte de um desequilíbrio que acentua as diferenças entre classes sociais. Tal desequilíbrio é tratado pela “*ecosofia*”, definida por Guattari como a articulação ético-política entre “[...] os três registros ecológicos (o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana.”<sup>1</sup> Esse desequilíbrio afeta relações sociais, espaciais e econômicas, dentro do território urbano pesquisado, com consequentes efeitos de segregação, acumulação de riqueza, pobreza extrema, violências diversas.

Antes da apresentação do desenvolvimento desta pesquisa, no segundo capítulo, com o estudo dos desequilíbrios dos registros ecológicos tendo como base de investigação estudos de construção da subjetividade capitalística apresentamos aqui:

- **PRECEDENTES:** estado da arte da pesquisa com alguns estudos precedentes mais significativos e de algum modo, relacionados ao tema, comparados à problemática, importância e especificidade da nossa investigação e enunciado da tese da pesquisa Arquitetura do Medo em Fortaleza.
- **RECORTE URBANO DE ESTUDO**
- **EXPLICITAÇÃO** do objeto de investigação pela exposição semiótica dos signos da Arquitetura do Medo em comparação aos signos de arquiteturas com designações ambíguas como: a arquitetura da violência, a arquitetura da segurança e a arquitetura da insegurança.

---

<sup>1</sup> GUATTARI, 2011, pág.7

## 1.2. PRECEDENTES, ESTADO DA ARTE, ENUNCIADO DA TESE

São vários os contextos em que a denominação “*Arquitetura do Medo*” se apresenta na literatura contemporânea. Muitos desses modos são tratados em ensaios de diversos autores, como no conhecido livro, *Architecture of Fear*, editado por Nan Ellin, citada pelo sociólogo polonês, Zigmunt Bauman, em seu livro *Confiança e Medo na Cidade*. Os ensaístas no livro *Arquitetura do Medo*, examinam os modos pelos quais a paisagem urbana é moldada em decorrência do medo na sociedade contemporânea, como pode-se ver nos sistemas de segurança que fazem parte do desenho de casas; nos condomínios residenciais fechados, verticais ou horizontais, com sistemas de vias e espaços comunitários, porém, privativos, segregados; vê-se também a preocupação com o medo nos espaços semi-públicos e “não lugares”<sup>2</sup>, (shoppings, parques temáticos, cassinos, átrios de escritório) e em propostas de zoneamentos e regulamentações de uso do espaço urbano. Mais recentemente com a violência do terrorismo, qualquer espaço gregário é motivo de preocupação e medo. A violência do terrorismo tem especificidade e escala não tratadas neste estudo.

Nan Ellin interessou-se pelo tema da relação entre medo e desenho urbano, quando fazia trabalho de campo para uma dissertação com abordagem etnográfica do desenho urbano, na *New Town* francesa de *Jouy-le-Moutier* em 1985. O objeto da tese de Nan Ellin foi uma avaliação de princípios neotradicionais de desenho urbano em *Jouy-le-Moutier*, abordagem e tema, que não têm relação com o que se desenvolve em “*Arquitetura do Medo em Fortaleza*”. Violência e medo, também, foram estudados por Nan Ellin, que percebeu em seu estudo que a questão do medo surgia invariavelmente nas entrevistas, embora a taxa de crime fosse considerada mínima. As preocupações com a violência urbana, a insegurança nas ruas e espaços de moradia nos Estados Unidos levaram o arquiteto Oscar Newman<sup>3</sup> a desenvolver seus estudos de “Espaço Defensável” - *Defensible Space*

---

<sup>2</sup> Conceito tratado por Marc Augé, na obra *Não Lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade* – 1994.

<sup>3</sup> <https://www.huduser.gov/publications/pdf/def.pdf>

- onde ele apresenta instruções de como devem ser projetadas comunidades seguras. São propostas de segurança que se caracterizam mais por interesse próprio (auto-ajuda) dos moradores, do que por intervenções governamentais. Essas comunidades dependem de envolvimento dos residentes para reduzir a criminalidade, eliminando a presença de criminosos. A inspiração para produção das diretrizes para o “*espaço defensável*” veio do fracasso do conhecido conjunto de habitação popular Pruitt-Igoe em St. Louis, construído nos anos 60, constituído de 2.740 unidades residenciais em edifícios de 11 pavimentos, numa grande área verde, construído segundo diretrizes da arquitetura moderna e que tornou-se espaço insuportável devido à violência lá existente, e teve que ser implodido. A principal causa do não funcionamento desta proposta de habitação, segundo Oscar Newman, era porque as pessoas não se sentiam responsáveis por equipamentos em espaços comuns, depredando lavanderias, caixas de correio, corredores, elevadores, equipamentos colocados distantes das unidades de moradia, sem vínculo de pertencimento. As propostas do “*espaço defensável*” levam em conta a necessidade de que a comunidade crie vínculos que lhe permitam lutar em conjunto contra ameaças externas, levando a que os princípios do “*defensible space*” possam ser aplicados em comunidades muito pequenas, com potencial de ações em prol de interesses comuns. Procedimentos de segurança pensados por e para grupos, nos espaços de habitação, com sentido de dar o caráter de espaço defensável, podem ser vistos em cidades brasileiras, como a busca por segurança em pequenos grupos de moradores de condomínios horizontais e verticais, onde há normas de uso e segurança nos espaços compartilhados pelos moradores das unidades residenciais que compõem o conjunto. Como modelos em grande escala, podemos citar os Condomínios Alphaville, já existentes em muitas cidades brasileiras. Em algumas outras situações em menor escala, há bloqueio de ruas, criando vias e espaços permitidos apenas a moradores e pessoas identificadas, e são protegidos por muros, cercas, guaritas e câmeras de segurança. Em Fortaleza, em pequenos conjuntos habitacionais, é possível ver adaptações de espaços entre prédios de apartamentos, com o fechamento do espaço entre os blocos residenciais, criando uma área comum de acesso apenas aos moradores dos dois prédios próximos. Outro estudo também relacionado à arquitetura do medo,<sup>4</sup> porém, abordando a

---

<sup>4</sup> [www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed.../contemporanea\\_n14\\_10\\_sousa.pdf](http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed.../contemporanea_n14_10_sousa.pdf)

prática do não encontro, difere dos questionamentos fundamentais de nossa pesquisa. O não encontro decorrente do medo não é o objeto da pesquisa que elaboramos, embora seja uma percepção dentre outras tantas, relacionadas às questões e processos de que faz parte a pesquisa que desenvolvemos. A arquitetura do medo, também, é tema de um livro de fotografias de André Gardenberg. Tais fotos foram objeto de exposições. André Gardenberg assim definiu o objeto de suas fotos:

A mudança na arquitetura das cidades brasileiras, devido ao crescimento da violência nos grandes centros urbanos é visível em cada rua, em cada esquina. Prédios e residências protegidos por seguranças fortemente armados, cercados com grades cada vez mais intransponíveis, elétricas e eletrônicas, com redes de circuito interno, também cada vez mais sofisticados, nos colocam diante de um dilema: onde foi parar a nossa liberdade? (GARDENBERG, 2008, p. 47)

As fotografias de André Gardenberg representam de forma artística e visual signos do medo da violência urbana em cidades brasileiras.

Outro estudo sobre medo e violência urbana pode ser visto no livro *Cidade de Muros*, de Tereza Pires Caldeira, que trata do medo da violência, até mesmo a provocada pela polícia no combate ao crime. Mostra a segregação sócio-espacial em São Paulo, relacionada ao desenvolvimento da cidade. Caldeira trata da violência urbana e do medo, porém destaca a questão da violência da repressão contra infratores, principalmente pobres e negros.

Nossa pesquisa destaca a importância dos processos de subjetivação capitalística na produção da arquitetura em análise. A *Arquitetura do Medo* é representativa de processos de segregação dentro do território urbano. Mesmo em se tratando aqui de cartografias e territorialidades, levamos em conta a história de sua construção, e a sua relação com o contexto geral da Cidade de Fortaleza. Em "*Cidade de Muros*" há abordagem diferente da pesquisa que elaboramos, uma vez que nossa tese dá ênfase ao processo de produção espacial, entendida pela construção de subjetividade capitalística, leitura do significado e importância da Arquitetura do Medo, em relação ao crescimento urbano. A tese sobre *A Arquitetura do Medo* que pesquisamos nasce da conjunção das várias percepções, questões condutoras da pesquisa. Trata-se de uma arquitetura que pode existir principalmente, em sociedades como a nossa, com grandes diferenças entre ricos e pobres, embora estas diferenças, por si apenas, não sejam suficientes para justificar esta Arquitetura

do Medo. Na atualidade brasileira, é também a violência urbana, de causas tão complexas quanto as relacionadas às diferenças de classes, que leva à segregação e tentativas de isolamento das pessoas, independentemente da classe a que pertencem. Pobres se sentem ameaçados por pobres, estes explorados pelos ricos que se sentem também ameaçados não só por pobres, mas também, por membros da mesma classe social. Nas relações entre ricos e pobres, sempre existiram conflitos e contrastes. Ambos, sempre, de algum modo, representaram ameaças um para o outro. Os pobres se considerando explorados pelos ricos, e estes achando que os primeiros lhes devem ser gratos por ter as oportunidades de trabalho que o movimento do capital lhes permite, mesmo ambicionado a mais valia. Sempre se percebendo entre eles diferenças, ameaças mútuas, comprováveis historicamente.

Das cidades medievais aos dias atuais, os dispositivos de segurança na arquitetura ajudaram a mitigar o medo, porém, hoje, sobre essa arquitetura, principalmente nas cidades, com dispositivos de proteção, e que chamamos de Arquitetura do Medo, podemos formular, em destaque no quadro seguinte, o enunciado da tese nestas páginas apresentada:

*Arquitetura do Medo do recorte pesquisado, além da intenção de reduzir medo, ajuda a promover a produção imobiliária, principalmente da habitação, nas cidades brasileiras violentas, independentemente de classificações territoriais relacionadas aos potenciais riscos da violência em qualquer área urbana edificável, em detrimento da segurança e vitalidade das ruas e espaços públicos abertos, em áreas de implantação e influência deste modelo de configuração de arquitetura encontrado no recorte em estudo,*

a exemplo do que se percebe nesta pesquisa, onde se constata o contínuo aumento de condomínios verticais cercados por muros, grades, demais cuidados e dispositivos de segurança. Arquiteturas do Medo podem ocorrer modelizadas em diversos territórios urbanos, tanto em centros quanto em periferias pobres ou ricas. Algumas em grandes glebas segregadas, na forma de condomínios de luxo, como os inspirados nos modelos *Alphaville*, que se instalam no Brasil, mas não fazem parte do foco deste estudo. Não nos propomos a uma abordagem de todos os tipos de possíveis Arquiteturas do Medo, pois cada tipo merece pesquisas específicas.

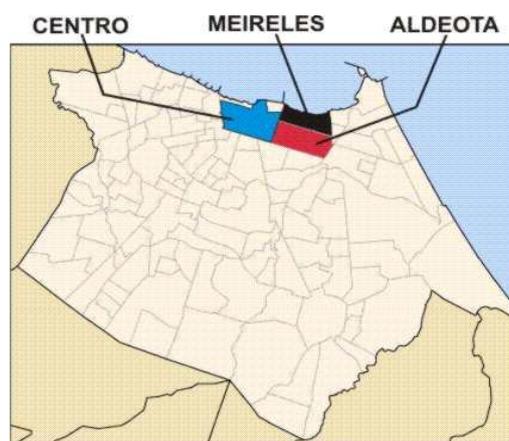
Limitamos-nos ao estudo dessa arquitetura existente em recorte espacial dos bairros Aldeota e Meireles, em Fortaleza. Arquitetura essa que consideramos mais

expressiva e representativa da problemática urbana relacionada à tese que expomos. No estudo deste recorte encontramos os dados que acreditamos necessários e aplicáveis a uma modelização de Arquitetura do Medo que se repete em outras localidades brasileiras, com maior grau de semelhança, principalmente, em áreas urbanas de classes média e alta. Percebe-se no recorte urbano eleito para elaboração do estudo, que muros e grades são as principais formas físicas de dispositivos de proteção utilizados no trato da relação entre os espaços dos lotes residenciais e a rua, espaços esses, nesta pesquisa, ocupados por residências, tanto unifamiliares quanto multifamiliares, na forma de condomínios verticais.

Definimos a seguir o recorte das determinações físicas e territoriais da pesquisa na cidade de Fortaleza, e depois, o recorte conceitual da *Arquitetura do Medo em Fortaleza*, nossa pesquisa. São muitas as possibilidades de conceituação de um estudo relacionado à Arquitetura do Medo, como também são inumeráveis os exemplos desse tipo de arquitetura nas cidades brasileiras e particularmente em Fortaleza, onde realizamos esta investigação.

### 1.3. RECORTE URBANO DE ESTUDO

Aldeota e o Meireles, dois bairros contíguos de Fortaleza, foram definidos como segmentos urbanos, objeto empírico principal desta pesquisa. Em conjunto, os dois bairros compõem o quadrilátero e área de influência, definidos pelas Avenidas: Beira-Mar, Barão de Studart, Santos Dumont e Desembargador Moreira. A escolha dos dois bairros se justifica por algumas de suas características: são áreas que passaram, nos últimos trinta anos, por um processo de supervalorização imobiliária, de adensamento populacional e de diversificação das atividades (moradia, comércio e outros serviços).



MUNICÍPIO DE FORTALEZA- CE

**Figura 1.** Localização dos bairros estudados e do Centro de Fortaleza. Fonte IPECE – adap.do autor

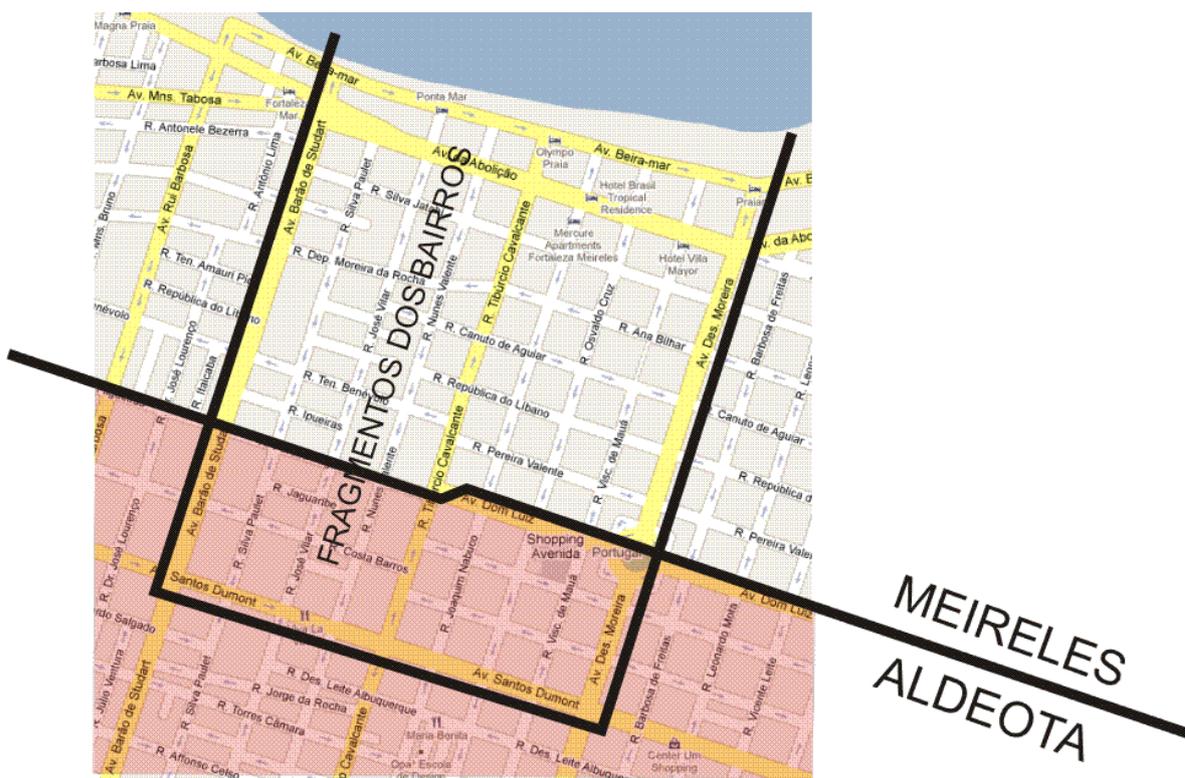


Figura 2. Recorte urbano pesquisado. fonte: Google (adaptação do autor)

Caracterizam-se ainda por apresentarem desigualdades sociais e espaciais, uma grande variedade de formas de interação social, uma diversidade de relações entre espaços públicos e privados, bem como, considerável índice de violência, principalmente nos espaços públicos. Ainda, distinguem-se os bairros por apresentarem edificações com muros altos com concertinas, grades com pontas de lança, cercas eletrificadas. São estes, alguns dos “dispositivos de segurança” presentes nas edificações de ambos os bairros, seja em edificações para fins residenciais ou de serviços. O registro fotográfico apresentado ao longo do texto exhibe a arquitetura pesquisada na área.

#### 1.4. URBANISMO DO FRAGMENTO

O conjunto urbano que se desenvolveu, e continua em crescimento na área, apresenta problemas estruturais em decorrência da incongruência entre

adensamento do uso do solo urbano, (principalmente por habitação na forma de

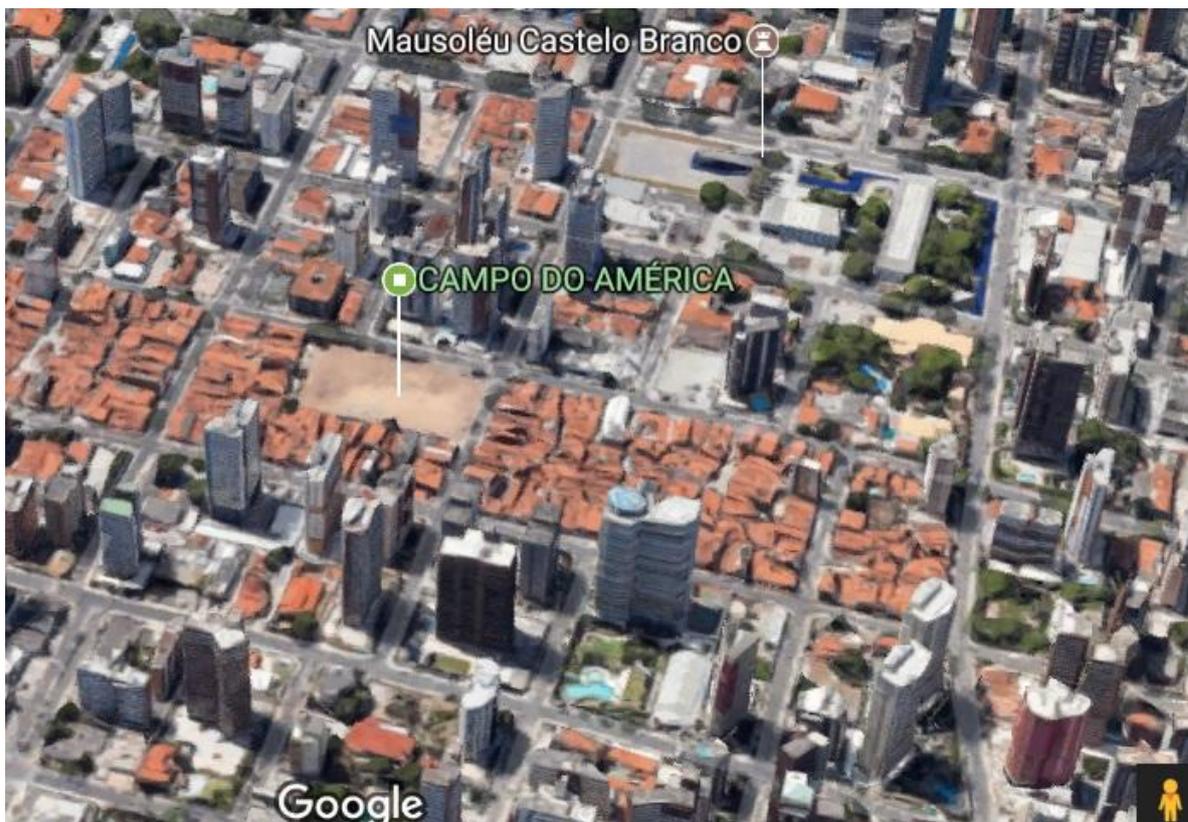


Figura 3. Campo do América - Comunidade de baixa renda dentro no recorte urbano da pesquisa.

edifícios condomínios verticais), e o dimensionamento das vias internas do trecho em estudo. Do mesmo modo como foram projetadas, há mais de quarenta anos, permaneceram estas vias até hoje com as mesmas larguras. Apesar da existência dos planos diretores do desenho urbano para a cidade de Fortaleza, o alargamento das vias não foi exigência para o adensamento proposto e hoje se apresenta deficiente para o fluxo exigido nas horas de pique e que é um motivo de medo da violência urbana, principalmente assalto ou sequestro, para quem tem que ficar muito tempo nos sinais esperando a vez de continuar em movimento e livrar-se dos perigos já citados, que podem ocorrer principalmente com o veículo em repouso e enfileirado no lento tráfego das ruas em determinadas horas. Em horas de pouca solicitação, estas vias transformam-se em espaços desertos, onde podem ocorrer violência urbana, principalmente assaltos, muito comuns nas entradas e saídas dos condomínios.

Ao lado do problema específico do dimensionamento das vias, percebe-se que no interior da área, o padrão espacial das ruas é de confinamento, entre muros ou grades dos condomínios verticais fechados, como também, de outros

equipamentos urbanos. Exceções podem ser percebidas para o comércio, quando a necessidade de garantir comodidade de estacionamento força estratégias de controle diferenciadas, porém, são veladamente de segregação e direcionamento para quem realmente fará uso do equipamento. Em estacionamentos, por exemplo, há quase sempre o aviso: “Permitido apenas para clientes”, que pode vir de uma simples placa ou de um vigilante, funcionário do estabelecimento.

O insuficiente dimensionamento das muitas vias internas, para o fluxo em algumas horas de pique é problematizado ainda mais pela inexistência de vagas para visitantes nos estacionamentos internos dos condomínios, forçando estacionamento paralelo às estreitas calçadas, nos dois lados da rua, criando reduzido espaço entre os muros ou grades e os veículos lá estacionados. Tal espaço, em ruas isoladas, é fator de medo quando o pedestre tem que passar ao lado de pessoa(s) desconhecida(s). Muito frequente é a atitude (sinalizador comportamental) das pessoas em atravessar a rua para evitar a proximidade de estranhos no mesmo lado da rua. Isso, à noite é mais frequente, principalmente nas situações em que a arborização e o isolamento por muros ou grades criam áreas escuras e abandonadas, propiciando clima para o medo de possíveis violências.

## 2. OBJETO EMPÍRICO: CONSTITUIÇÃO E PROBLEMÁTICA DA INVESTIGAÇÃO

Os signos (sinalizadores) expressivos do medo da violência urbana são representados por formas físicas e procedimentos relacionados às demandas por segurança contra violência urbana que ameaça a vida, a propriedade e o bem estar em um fragmento do espaço urbano de Fortaleza. O estudo dos objetos destes sinalizadores ou signos configura uma semiótica de proteção, e permitirá chegar ao entendimento da importância da *Arquitetura do Medo* em Fortaleza, arquitetura essa, que é parcial e simultaneamente causa e efeito (figura 4) de sua própria construção que lhe atribui um caráter expressivo de medo da violência em um fragmento da cidade de Fortaleza.

Para a construção do caráter de medo na área investigada contribuem a própria violência em registros estatísticos, a divulgação da imprensa, alimentando a indústria do medo, mostrando crimes, criminosos e vítimas. Há também os discursos sobre a ineficiência de políticas de combate ao crime, impunidade, insuficiência de prevenção e controle da violência. Os dispositivos físicos de proteção contra as ameaças urbanas podem ser percebidos nas diversas modelizações e tipicidades assumidas pela *Arquitetura do Medo* em áreas diferentes da cidade. Estas formas construídas, modelizadas pelas especificidades territoriais, pelas características socioeconômicas e culturais dos usuários, pelas necessidades de proteção contra as violências, e também pelas características de cada localização, são construções mitigadoras do medo, cada qual a seu modo. No caso do modelo que analisamos, há redução de medo dentro dos lotes, porém, os espaços externos ficam isolados, abandonados e desertos, com pouca movimentação de pedestres devido ao medo da violência, como a dos assaltos, sequestros, latrocínios, o que têm ocorrido até mesmo quando motoristas param em

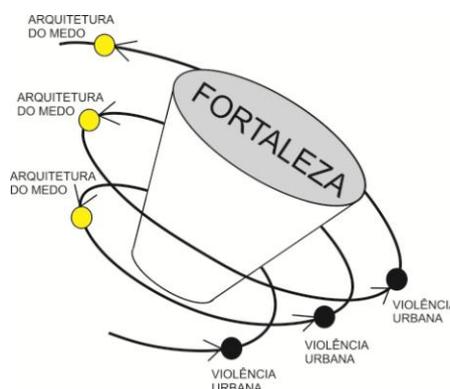


Figura 4. Diagrama. 01. Fonte: o autor.

sinais. Os mais diversos tipos de violência urbana podem ocorrer fora dos lotes.



Figura 5. Rua República do Líbano.<sup>5</sup>

O excesso de muros e grades, no caso específico de nosso objeto empírico, dá às ruas um aspecto de abandono e isolamento e, a seus usuários, a sensação de insegurança e medo, principalmente em áreas mais próximas à favelas em que possam haver atividades de tráfico e consumo de drogas, fato comprovado no cotidiano, na vivência urbana, e estatísticas dos órgãos de segurança. São áreas de moradias precárias e de baixo custo, em que também, quase sempre, há consumo e tráfico de entorpecentes e onde, simplesmente, vivem ou se escondem traficantes e outros tipos de bandidos, muitos detendo controle das comunidades, pela intimidação dos moradores. Em muitas comunidades pobres, jovens entram para o crime, e quase sempre tornam-se vítimas fatais, quando não, da repressão, às vezes violenta da polícia, como se pode verificar também em grandes cidades brasileiras.<sup>6</sup>

O lucro com atividades de comércio de entorpecentes tem levado a que determinados praticantes de crimes, menores assaltos, como roubo de pedestres em ponto de ônibus e outros “pequenos crimes”, em algumas comunidades, sejam punidos pelos donos do tráfico da área, inibindo crimes que motivam investidas policiais (rondas) nestas áreas controladas por traficantes. É uma prática que se

---

<sup>5</sup> Vias desertas é uma das características desta Arquitetura do Medo. Fonte: Google

<sup>6</sup> Ver a violência policial contra jovens pobres em Cidades de Muros de Teresa Pires Caldeira (pag. 162)

generaliza nas cidades brasileiras. Os chamados crimes proibidos por “lei do tráfico” tem como punição como mostra o texto:

Surra, tiro na mão, expulsão da favela ou morte são penas impostas por traficantes a quem rouba ou furta em comunidades não pacificadas do Rio de Janeiro. As chamadas “leis” do tráfico determinam que os problemas sejam resolvidos dentro da própria comunidade sem a intervenção da polícia.<sup>7</sup>

No recorte de estudo, o medo da violência urbana leva à uma arquitetura de muros, grades, concertinas, guaritas. Ele afeta a todos, principalmente, a quem está nas ruas e espaços públicos. O medo da violência urbana no Brasil é generalizado e suas causas são diversas, porém, não é o medo o objeto desta pesquisa, mas, a IMPORTÂNCIA de seus efeitos no espaços da arquitetura e da cidade. Na construção do território pesquisado incluem-se o medo e a violência como integrantes de totalidades fragmentárias e de problemáticas mais abrangentes, de subjetividade capitalística, que orientam a produção da cidade, o consumo e atividades semióticas (atividades de orientação no mundo social e cósmico).<sup>8</sup>

A geografia privilegiada e a busca da renda imobiliária levaram os Bairros Aldeota e Meireles a grande desenvolvimento após 1975, com a mudança de permissão uso do solo, passando de uso residencial unifamiliar, para multifamiliar, em edifícios condomínios verticais, em contínua construção no bairros em análise. Percebemos, nestes condomínios, signos de medo, mais precisamente, nas estratégias e formas físicas de isolamento entre o lote urbano e a rua, entre habitação e espaços públicos.

O bairro da Aldeota já nasceu com tendência a segregar, era local privilegiado para os que podiam morar longe do centro. O padrão dos lotes da Aldeota se adequava às necessidades da moradia burguesa com uma nova estrutura fundiária que o centro não permitia e isso motivou o deslocamento para o bairro (DIÓGENES 2005).

O desenvolvimento do bairro da Aldeota parece estar intimamente ligado às classes dominantes do Estado e às respectivas fortunas, fato citado por vários autores ao se referirem ao crescimento do bairro. Apesar da maioria da população ser pobre, construíram-se algumas grandes fortunas, embora concentradas nas mãos de uma minoria, o que sempre caracterizou a composição econômica do Estado. No entanto é comum surgiram especulações sobre as origens desse recursos, quanto a sua procedência. (DIÓGENES, 2005, p. 42)

---

<sup>7</sup> Em: <http://www.folhavoria.com.br/policia/noticia/2011/10/crimes-proibidos-por-leis-do-trafico-afligem-favelas-pacificadas-do-rio-de-janeiro.html> (pesquisado em 08/03/2017)

<sup>8</sup> Definição dada por Guattari em: Micropolítica. Cartografias do Desejo. ( 2005, Pág.21)

Os bairros estudados, Aldeota e Meireles, surgiram de um processo de segregação que já era uma tendência “[...]desde a segunda metade do séc. XIX, quando a maioria das atuais metrópoles do País começou a apresentar altas taxas de crescimento, as classes de renda mais alta passaram a exibir um processo de segregação que persiste até hoje.”<sup>9</sup>

A segregação sócio-espacial, tanto da Aldeota, quanto do contíguo bairro Meireles, têm origens desde sua ocupação, em início dos anos 30 do século XX. A partir de então, tornaram-se local de grandes residências com destaque para o “palacete do Plácido:”

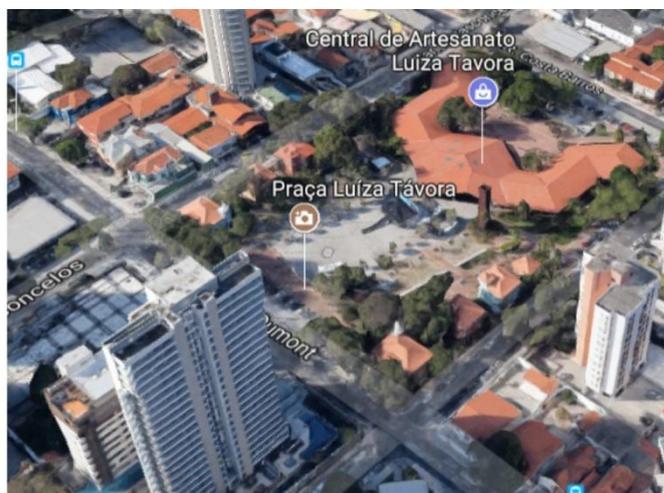
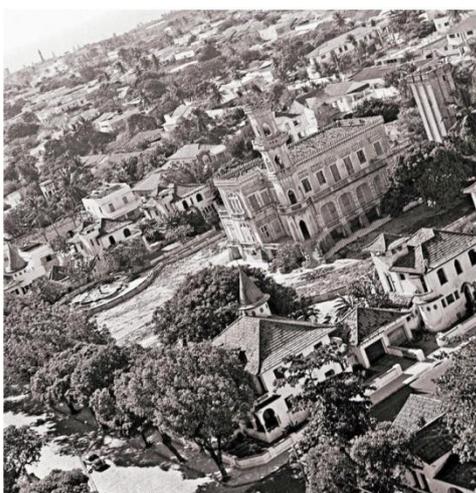


Figura 6. Foto à esquerda: Palacete do Plácido, década 1960.<sup>10</sup> Foto à direita: Quadra do Palacete do Plácido, hoje.<sup>11</sup>

Atualmente, a segregação social nestes bairros é bem marcante, principalmente na orla (Beira Mar), onde estão situados condomínios luxuosos e hotéis de nível internacional. É local onde se encontram pessoas de diversos estratos sociais, convivendo no mesmo território da cidade, com suas atribuições dentro do corpo social e produtivo, com direitos e necessidades, em um lugar em que as possibilidades dos conflitos de alteridade podem levar a mais oportunidades

<sup>9</sup> Idem.

<sup>10</sup> Foto aérea do Castelo do Plácido datada da década de 60. Fonte: [https://www.google.com.br/search?q=palacete+do+Plácido&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ah\\_UKEwiknf\\_M17HVAhUGEpAKHbd1AagQ\\_AUIBygC&biw=1088&bih=486#imgrc=JpuLrvxF8TShRM:](https://www.google.com.br/search?q=palacete+do+Plácido&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ah_UKEwiknf_M17HVAhUGEpAKHbd1AagQ_AUIBygC&biw=1088&bih=486#imgrc=JpuLrvxF8TShRM:)

<sup>11</sup> Fonte: <https://www.google.com.br/maps/place/Central+de+Artesanato+Luíza+Távora/@-3.734519,-38.5093671,251a,35y,340.63h,44.92t/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0x7c7485e9e903e5b:0xcd565332ecbbd84!8m2!3d-3.7316034!4d-38.5097094>

para o crime, em suas diversas modalidades. É local turístico onde, apesar de vigilância mais dedicada que em outras áreas urbanas, ainda têm ocorrido assaltos, roubos, agressões físicas, latrocínios.

Podemos dizer que o estudo do objeto da tese, “Arquitetura do medo em Fortaleza”, está relacionado à importância desta arquitetura na reprodução do capital imobiliário em áreas urbanas, independentemente do perigo de violência e localização geográfica. Esse estudo dar-se-á pela análise de como a produção de subjetividade pode explicar objetivações indissociáveis de uma vida urbana que se pretenda segura e agradável.

## 2.1. O OBJETO DA TESE (problematização e questões centrais)

Segundo apontam estudiosos como Baumam (2008 e 2009), Wacquant (2005) e Caldeira (2000), nas cidades contemporâneas, particularmente nas metrópoles, o sentimento de medo, suscitado pela violência urbana (real ou imaginária) tem resultado na demanda por “dispositivos de segurança” (a exemplo dos pesquisados no PNAD - 2009), os quais definem formas arquitetônicas e urbanísticas peculiares à atualidade urbana.

Analisamos nesta pesquisa a IMPORTÂNCIA de um modelo de arquitetura que mitiga o medo da violência em seus espaços internos, e promove a produção imobiliária residencial urbana contemporânea no Brasil, de padrão médio a elevado. A Arquitetura do Medo de modelo semelhante ao da pesquisa configura organização de espaços, formas e dispositivos de segurança que se pretendem de proteção contra possibilidades de extensão da violência urbana para dentro dos seus espaços, aqui no estudo, de moradia urbana, com ênfase nos condomínios verticais fechados por muros, grades e dispositivos auxiliares de segurança, material fartamente encontrado no recorte urbano do estudo em Fortaleza.

A Arquitetura do Medo pesquisada no recorte funciona como signo, paradigma de proteção, útil à especulação do uso do solo urbano. É adotada pelo capital imobiliário sem crítica de seus efeitos negativos para a cidade, podendo, com essa arquitetura investir com maior garantia de retorno, em qualquer área que permita edificação, principalmente nas cidades onde há violências,

independentemente das classificações dos perigos contra a vida e o patrimônio, que possam existir no espaço físico e social dos empreendimentos.

A construção desta arquitetura que tem configuração formal, funcional e simbólica inscrita nas relações de produção dos espaços urbanos, envolve moradores e usuários em processos de subjetividade capitalística global, que desenham cidades semelhantes em todo o planeta.

A Arquitetura do Medo, que se configura em diversidades de fragmentos geográficos, no Brasil e no mundo, caracteriza certa homogeneização<sup>12</sup> do processo global capitalista. Bauman, em seu livro *Confiança e medo na Cidade* (2009), traça as linhas fundamentais de uma “*dinâmica básica em torno da qual giram as principais cidades do mundo*”. Para Magatti, (2009) “*uma espécie de destino que parece indicar o futuro*”. Essa dinâmica está relacionada ao fato de as cidades serem locais onde se concentram “*as funções mais avançadas do capitalismo*” e tornam-se ao mesmo tempo,

[...] objeto de novos e intensos fluxos de população e de profunda redistribuição de renda: seja nos bairros nobres, com a formação de uma elite global móvel e altamente profissional, seja os bairros populares com a ampliação dos cinturões periféricos, onde se junta uma enorme quantidade de populações deserdadas. (MAGATTI, 2009, p. 8)

As percepções de medo da violência urbana nos são apresentadas pelo que, neste momento de representação (macro) do universo da pesquisa, denominamos de signos, ou *signalizadores do medo da violência urbana*, e se constituem expressiva, formal e funcionalmente de “*dispositivos de segurança*”, amplamente estudados em pesquisas oficiais brasileiras como a Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios – PNAD 2009. A referida pesquisa (sem atualização mais recentes sobre estes dados) registrou nos centros urbanos do Nordeste do Brasil uma significativa incidência de uso desses dispositivos – muros, grades, cercas elétricas e concertinas (arames farpados espiralados) sobre muros, dentre outros – que contribuem fortemente na definição da forma, da função e da estética das edificações e do desenho urbano. Destes pretensos ou efetivos meios de proteção resultam processos de segregação que criam barreiras materiais e simbólicas entre pessoas, grupos e classes, inclusive demarcando fortemente domínios públicos e privados, nas cidades das arquiteturas do medo. Tratamos aqui de signos da

---

<sup>12</sup> Consulte-se a obra de Lefebvre (1999) onde estão expostas as formulações do autor sobre os processos de homogeneização, hierarquização e fragmentação do mundo urbano, essenciais para o entendimento de fenômenos urbanos contemporâneos.

arquitetura do medo, pois como postula Castoriadis (apud Batista, 1982), “*Tudo o que se nos apresenta no mundo social-histórico está indissociavelmente entrelaçado com o simbólico*”.

## 2.2. ARQUITETURA DO MEDO – SIGNO E CONCEITO

Na semiótica de Peirce, o signo tem concepção triádica, em que se definem: o signo em si (representamen), o seu objeto e o seu interpretante. Os conceitos de objetos dinâmicos, e imediatos dos signos, na semiótica Peirceana, são úteis também, para se entender melhor:

- a repetição com diferença, da Arquitetura do Medo e de seus signos na cidade.
- a forma física e as pragmáticas da Arquitetura do Medo e dos signos do medo nela existentes.

O modo como um dispositivo-signo do medo fornece proteção só poderá ser acessado pelo seu objeto imediato, que é o dispositivo de cada situação, em sua materialidade, pragmática, funcional.

[...] O modo como o signo representa, indica, se assemelha, sugere, evoca aquilo que ele se refere é o objeto imediato. Ele se chama imediato porque só temos acesso ao objeto dinâmico através do objeto imediato, pois, na sua função mediadora, é sempre o signo que nos coloca em contato com tudo aquilo que costumamos chamar de realidade. (SANTAELLA, 2002. Pag. 15)

O conceito de objeto dinâmico de um signo é sempre na prática, atualizado pelo o objeto imediato do signo, assim como o conceito de uma cadeira é atualizado pela cadeira em que alguém possa estar sentado. O objeto imediato é uma forma de igualar o que não é igual, como na noção de conceito em Nietzsche que, ao “[...] mesmo tempo tem de convir a um sem-número de casos, mais ou menos semelhantes, isto é, tomados rigorosamente, nunca iguais, portanto, a casos claramente desiguais. Todo conceito nasce por igualação do não-igual.”<sup>13</sup> É assim a Arquitetura do Medo, conceitual, também ubíqua no território brasileiro, porém, com suas diferenças. O processo de relacionar objeto dinâmico a objeto imediato do signo, na semiótica Peirceana, tem relação de semelhança com o processo de

---

<sup>13</sup> NIETZSCHE, 1999, pag. 56

atualização de um conceito, tratado por Deleuze, que se aproxima da definição de conceito em Nietzsche.

Pesquisamos a Arquitetura do Medo em um recorte territorial urbano, estudando nele o potencial de subjetividade dessa arquitetura, na mitigação do medo da violência urbana e promoção do mercado imobiliário residencial, em qualquer área urbana, pela reprodução de modelos de AM. (abreviação de Arquitetura do Medo).

Os signos da AM, como ela se define aqui, estão presentes nas “*Arquiteturas do Medo*” de diversas classes sociais. Esses signos, e seus objetos dinâmicos, são atualizados por seus “*objetos imediatos*” em cada modelização de Arquitetura do Medo em seu respectivo território sócio-espacial. O objeto dinâmico de um signo “muro”, que é proteger pela dificuldade de sua transposição, tomado aqui como exemplo, pode ser visto atualizado e materializado nas diversas arquiteturas do medo em outras localidades, como nas figuras que seguem, onde,



Figura 7. Materializações e atualizações do conceito-signo "muro" para diferentes níveis de renda de usuários.<sup>14</sup>

Cada muro, tal como foi construído, exerce a função de objeto imediato do signo “*muro*”, de cada casa. O objeto dinâmico do signo se relaciona a alguma intenção pragmática, no caso do muro – proteção, mas precisa ser materializado pelo objeto imediato, cujas características constitutivas estarão de acordo com cada situação, ou seja, o objeto imediato é uma espécie de atualização de objetos dinâmicos de signos da arquitetura do medo em diversos modelos de arquitetura que têm essa denominação. Pode ser numa comunidade pobre, ou em áreas ricas das cidades, como no recorte que estudamos aqui. Embora existam Arquiteturas do Medo, (que também são signos com objetos muito mais complexos do que o de um

---

<sup>14</sup> Fonte: autor da pesquisa.

simples muro), em vários modelos e diferentes territórios urbanos, a percepção de seus objetos não é necessariamente a mesma. É numa percepção diferenciada do objeto da arquitetura do medo, no recorte de estudo, que reside a singularidade da tese que desenvolvemos, já enunciada anteriormente. (f. 17)

Já mencionamos a existência de signos da *Arquitetura do Medo*, e das suas determinações físicas e territoriais na cidade de Fortaleza. Falta-nos porém, melhor definir, dentre as inúmeras possibilidades de caracterização o que possa ser *Arquitetura do Medo*,(AM) como a conceituamos aqui, como nosso objeto particular de investigação, em um território urbano já selecionado.

São muitas as possibilidades de conceituação de um estudo relacionado à AM, como também são inumeráveis os exemplos desse tipo de arquitetura nas cidades brasileiras e particularmente em Fortaleza, onde realizamos esta investigação. Exemplos dessa variedade de enfoques são tratados no já mencionado livro *“Architecture of Fear”* (Arquitetura do Medo) coordenado por Nan Ellin. A seleção de nosso recorte empírico-conceitual, como uma modelização de *Arquitetura do Medo*, está diretamente relacionada aos tipos de sinalizadores



Concertinas - mais comuns em habitações de baixo valor. (periferia)  
fonte: o autor



Sinalizadores do medo - Equipamentos mais sofisticados  
Grades bem trabalhadas - cercas elétricas e câmeras de vigilância com registro de vídeo. Fonte: o autor

Figura 8. Signos do medo para diferentes tipologias de Arquiteturas do Medo.

(signos) do medo; ao nível socioeconômico e cultural dos usuários; à qualidade espacial urbana encontrada no objeto empírico; à importância, bem como, às consequências de sua construção no espaço urbano. Veremos que é pela importância desta arquitetura tanto para os usuário quanto para quem lucra com ela,

e pelas consequências da sua construção na cidade, que nasce a tese que já apresentamos.<sup>15</sup> Para maior precisão simbólico-conceitual do tema investigado, recorreremos à semiótica desenvolvida por Charles Sanders Peirce, analisando alguns signos de arquiteturas relacionadas ao medo.



Atualização do sinalizador (signo) do medo, GUARITA, com controle de acesso/saída de pedestre mais próximo que o controle de acesso/saída de veículos. Fonte: Google



Atualização do sinalizador (signo) do medo, GUARITA, com controle de acesso/saída de pedestres próximo ao acesso/saída de veículos. Fonte: o autor

Figura 9. Atualizações do signo "guarita" com localidades e funcionalidades diferentes.

Nos estudos abordados no livro *Architecture of fear*, arquitetura do medo é denominação que se aplica à uma variedade de percepções, como os medos das comunidades muradas e protegidas como os modelos *Alphaville* também existentes no Brasil, os medos internos em residências, nos seus espaços secretos e singulares, o medo das arquiteturas vistas nos cinemas, em castelos mal-assombrados, em muitas arquiteturas mortuárias, nos próprios cemitérios como um todo, e também, em grande parte, no simbolismo e pragmática das formas diversas assumidas pela arquitetura, desde as muralhas, torres de observação, seteiras, fossos, portas falsas, pontes elevadiças de cidades medievais. Acrescentamos, nessa lista, a arquitetura dos muros de porcelanato, de vidros resistentes a tiros, e sofisticados dispositivos eletrônicos de proteção das cidades contemporâneas. É sobre estes últimos exemplos de que trata nossa investigação. Vale afirmar que

<sup>15</sup> A Arquitetura do Medo, além da intenção de reduzir medo, ajuda a promover a produção imobiliária principalmente da habitação nas cidades brasileiras violentas, independentemente, de classificações territoriais relacionadas aos potenciais riscos da violência em qualquer área urbana edificável, em detrimento da segurança das ruas e outros espaços públicos abertos, em áreas de implantação e influência deste modelo de configuração de arquitetura encontrado no recorte em estudo.

entre os muitos outros motivos para a existência desse tipo de arquitetura, damos ênfase: à necessidade de proteção da propriedade, e principalmente da vida em uma sociedade que se caracteriza pelos grandes contrastes entre classes sociais, e profundas diferenças entre os que tem muito, e os que pouco ou nada possuem. Importante observar que nestas análises que se seguirão, de modo algum embarcamos em teses já contestadas<sup>16</sup>, sobre a relação da pobreza com criminalidade e violência urbana, que serão tratadas, como ingredientes da subjetividade que levam à arquitetura que estudamos. O que se pode dizer é que, muitos, independentemente de serem pobres ou ricos, buscam na violência dos assaltos, roubos e latrocínios, a satisfação de suas necessidades diversas, que podem ser desde as de ostentação de poder e riqueza, às de saciar a fome, manter um vício, ou até por necessidade de saldar dívidas por/para traficantes, sob ameaças de morte. Como parte da necessidade de sobrevivência, ao longo da história da humanidade, sempre houve ameaças e violências de roubo de bens, mais ainda, de quem os tem em abundância. No Brasil contemporâneo, a criminalidade se desenvolve em níveis alarmantes. Entre as causas mais comprovadas está a ineficiência no combate ao narcotráfico, por vários fatores, inclusive, pela extensão das fronteiras com países onde prolifera esse tipo de crime. A relação da violência com roubo de propriedades é histórica, vem de tempos imemoriais na história do Brasil e do Mundo. No Brasil, basta lembrar o início do processo de ocupação e exploração do território brasileiro. São dignas de nota as estratégias para não pagar o imposto da Coroa Portuguesa, o “Quinto” (20% do ouro e pedras preciosas encontradas no Brasil), imposto tão odiado, que deu origem à expressão o “quinto dos infernos”. Para o roubo do quinto, surgiram também as imagens sacras em madeira, com vazios internos, em que se escondia ouro para o contrabando, o que nos deixou a expressão “santo do pau oco”, aplicado às pessoas falsas. Também vale lembrar a existência dos famosos bandidos estudados por Hobsbawm eram pessoas de várias partes do mundo, que tomavam dos ricos para dar aos pobres. Eram odiados e perseguidos, e também

---

<sup>16</sup> Importante observar que nestas análises que se seguirão, de modo algum significa que embarcamos em teses já contestadas sobre a relação da pobreza com o crime. que serão tratadas no capítulo sobre a criminalidade e a violência, ingredientes da subjetividade que levam à arquitetura que estudamos. Ver- Cinco Teses Equivocadas Sobre a Criminalidade Urbana no Brasil, em: MISSE, Michel, Crime e Violência no Brasil Contemporâneo. Estudos de Sociologia do Crime e da Violência Urbana. Lumen Juris editora, 2011.( Pag. 29)

heróis para os pobres beneficiados por suas ações. Estes tipos de bandidos foram lembrados no Brasil, embora ilustrando uma tese equivocada<sup>17</sup> sobre a criminalidade no Brasil, em conhecida música, “*Charles Anjo 45*” de Jorge Benjor (quando ainda se chamava Jorge Ben) e gravada por Caetano Veloso.

[...] A letra falava de um bandido da vizinhança onde Jorge morava. Claro que eram os idos de 1969 e os comandantes dos morros talvez tivessem um quê de inocência. De qualquer forma, para quem pensava que era de hoje que a ausência do Estado tornava possível a ascensão de um traficante como benfeitor social, aí está “Charles Anjo 45”, lançada em 1969. Ou seja: nesse aspecto, o negócio tá ruim faz tempo...

O que, é claro, não tira a beleza da música. “Charles, anjo 45 foi feita e inspirada no malandro carioca. E, além de tudo, Charles, anjo 45 porque ele usava uma 45 [tipo de arma] e ele era um anjo, porque quando ele chegava tudo ficava bem. Tudo se transformava”, disse Jorge Benjor em uma entrevista para o programa Roda Viva, da TV Cultura.

Claro que a ditadura encrespou. Viu na letra mais uma apologia ao banditismo. Como se já não bastasse o frisson que o artista plástico Hélio Oiticica havia causado com sua estampa de uma foto de jornal que mostrava um traficante famoso à época, o Cara de Cavalo, morto pela polícia — e legendada pelo artista com a provocativa frase “Seja marginal, seja herói”.<sup>18</sup>

Isso em 1960, fato que irritou a ditadura militar, e contribuiu para o exílio de Caetano Veloso. Fatos como esses, visivelmente são processos de singularização e construção de subjetividade por agenciamento mediático, um dos muitos que tentaremos mostrar relacionados à produção da arquitetura que estudamos no recorte específico.

Nos dias atuais, a violência dos roubos, assaltos, latrocínios, por necessidade de sobrevivência, ou simplesmente por delírios de consumo, leva medo à população que busca proteção como pode. Os motivos para violências e crimes desafiam centros especializados nos estudos dessa problemática, porém, de causas complexas, são problemas ainda em busca de solução. Embora a violência ajude a construir nosso objeto empírico, ela não se constitui o foco desta pesquisa. Focamos na importância dos efeitos (para a cidade, habitantes, e para o capital imobiliário),

---

<sup>17</sup> Uma das teses equivocadas mencionadas por MISSE de que: “O bandido das áreas urbanas pobres (favelas, conjuntos habitacionais, áreas periféricas) é um herói e justiceiro, tipo Robin Hood, que rouba dos ricos para dar aos pobres, uma forma de distribuição forçada da renda nacional concentrada na mãos de poucos”. (MISSE, 2011, pág. 36)

<sup>18</sup> Pesquisado no dia 20/07/2016 às 16:00 hs em:  
<http://multidisciplinar.ig.com.br/index.php/2009/06/22/jorge-ainda-ben-e-charles-o-anjo-bandido/>

da produção do tipo de arquitetura que ela ajuda a construir, e estudamos aqui, a Arquitetura do Medo que no texto, de quando em vez, abreviamos como AM. A necessidade de roubar, de alguns; a defesa e proteção contra esses atos de forma mais criativa possível; a não aceitação das diferenças entre ricos, pobres, culturas, religiões, raças têm levado às violências, medos e segregação que têm, na Arquitetura do Medo, uma materialização explícita. No estabelecimento das diferenças entre pessoas e classes sociais, merece destaque o próprio conceito de cultura, que já é “profundamente reacionário”, concordando com Guattari:

[...] É uma maneira de separar atividades semióticas (atividades de orientação no mundo social e cósmico) em esferas, às quais os homens são remetidos. Isoladas, tais atividades são padronizadas, instituídas potencial ou realmente e capitalizadas para o modo de semiotização dominante – ou seja, elas são cortadas de suas realidades políticas. (GUATTARI, 2013, p 21)

### 3. METODOLOGIA DE EXPLICITAÇÃO DO TEMA

Neste trabalho tratamos de questões como o medo, segurança, insegurança, violência, no entanto, denominamos a pesquisa de Arquitetura do Medo. Para que este estudo não caia num vazio conceitual, mostramos aqui, com auxílio da semiótica, o porquê da denominação mais apropriada para ele ser a que adotamos, pois, ao tratarmos desses temas correlatos, veremos que todas têm um ponto comum, o MEDO.

Para essa explicitação, utilizamos alguns signos de possíveis arquiteturas que possam adotar os nomes de temas relacionados ao medo, como: arquitetura da violência, da segurança e da insegurança. Como se trata de um exercício e uso de signos para a explicitação de nosso tema, para cada arquitetura, a da violência, da segurança, e a da insegurança, utilizamos apenas 3 signos de cada denominação, e os avaliamos nas suas tríades: signo, objeto, interpretante. Na semiótica peirceana é muito importante o que se localiza em cada elemento da tríade. Algo que toma a posição de objeto de um determinado signo poderá também ser considerado signo (ou seja, assumir a posição de signo em nova tríade semiótica), e assim, ter uma nova semiose desse novo signo, com novos objetos e interpretantes respectivos. Veremos na análise que segue que, quando tomamos os objetos dos signos das arquiteturas que chamaríamos de arquitetura da violência, da segurança e da insegurança, como signos da arquitetura do medo, aí sim, vemos surgir um interpretante relacionado a redução do medo, interpretante esse que se constituirá signo da arquitetura do medo. Ou seja, da arquitetura do medo fazem parte os signos das outras arquiteturas que, de algum modo, se relacionam ao medo. Dizemos que todas as demais designações, avaliadas aqui, subsomem a uma espécie de arquitetura do medo, motivo da denominação do tema que pesquisamos. Mostramos a seguir como se dá, em detalhe, esse processo.

#### 3.1. USANDO A SEMIÓTICA

Uma das ferramentas para análise e diferenciação entre arquiteturas que possam ter designações, como as mencionadas no parágrafo anterior, é a semiótica peirceana, principalmente pela análise dos signos e fenômenos que envolvem estas arquiteturas e as definem, e pela interpretação triádica dos seus signos. Ou

simplesmente, em linguagem prática: pelas formas, funções, processos, procedimentos e os significados destes elementos nestas arquiteturas. Ou seja, os signos nomeiam estas arquiteturas.

De um modo simples e geral poderíamos dizer que:

Se as formas, procedimentos e objetivos de uma arquitetura se relacionam com segurança, esta arquitetura pode ser adjetivada de arquitetura da segurança. O mesmo raciocínio é válido para o que se pode chamar de: arquitetura do medo e arquitetura da violência. Se as formas, materiais, procedimentos de projeto e uso de uma arquitetura apontam para uma possibilidade de medo, esta arquitetura pode ser adjetivada de arquitetura do medo. Estas definições serão recolocadas dentro de um procedimento de análise pragmática dos signos, o que tentaremos a seguir.

Em torno da problemática da arquitetura do medo e de outras arquiteturas, existem muitos signos e fenômenos envolvidos. A semiótica desenvolvida por Charles Sanders Peirce, é fundamentada na fenomenologia que é:

[...] uma quase-ciência que investiga os modos como apreendemos qualquer coisa que aparece à nossa mente, qualquer coisa de qualquer tipo, algo simples como um cheiro, uma formação de nuvens no céu, o ruído da chuva, uma imagem em uma revista etc., ou algo mais complexo como um conceito abstrato, a lembrança de um tempo vivido etc, enfim, tudo o que se apresenta à mente. (SANTAELLA, 2008, p. 2)

Por essa razão, pretendemos compreender a relação entre fenômenos ou (signos) e significados que podem existir nas arquiteturas denominadas: do medo, da segurança, da insegurança, e da violência, para estabelecer as diferenças entre elas e fundamentar o estudo que realmente interessa nessa pesquisa, parcialmente mediado pelos sinalizadores da Arquitetura do Medo (AM), em uma área de Fortaleza. Estes sinalizadores contribuem para o caráter de medo da área.

Ainda sobre a semiótica Peirceana:

A intenção que norteou os esforços de Pierce foi de fundar uma filosofia efetivamente científica. No coração dessa filosofia, encontra-se a semiótica, um outro nome para a lógica, concebida em sentido lato. A semiótica é, assim, a doutrina de todos os tipos possíveis de signos sobre a qual se funda a teoria dos métodos de investigação utilizados por uma inteligência científica. Dela decorre o pragmatismo, ou método para se determinar o significado dos conceitos intelectuais, e sobre ela está alicerçada a metafísica ou teoria da realidade, que não pode se expressar a não ser através da mediação dos signos. (SANTAELLA, 1998, p. 34)

O recurso à semiótica de Peirce, neste trabalho, tem como principal objetivo, mostrar pela compreensão do signo na semiótica peirceana, a definição da

arquitetura do medo e sua diferenciação entre as arquiteturas denominadas de: arquiteturas do medo da segurança, da insegurança e da violência.

A semiótica de Peirce é complexa, porém para o propósito do momento, de nomear corretamente a arquitetura em foco, apenas a compreensão do signo em sua relação triádica será suficiente. Para o momento desta definição, não é necessário nem que se os defina se são ícones, índices, ou símbolos, todos existem como signos no objeto empírico de estudo, mas não precisam ser explicitados para o propósito desta exposição.

Para ajudar nesta tarefa de definir e diferenciar AM das outras arquiteturas, como as da Segurança, da Insegurança e da Violência, é preciso entender como funciona a relação triádica entre signo, objeto e interpretante na semiótica peirceana.

Sobre o signo em Peirce:

Em uma definição mais detalhada, signo é qualquer coisa de qualquer espécie (uma palavra, um livro, uma biblioteca, um grito, uma pintura, um museu, uma pessoa, uma mancha de tinta, um vídeo etc.) que representa uma outra coisa, chamada de objeto do signo, e que produz um efeito interpretativo em uma mente real ou potencial, efeito este que é chamado de interpretante do signo.

Tomemos um grito, por exemplo, devido a propriedades ou qualidades que lhe são próprias (um grito não é um murmúrio) ele representa algo que não é o próprio grito, isto é, indica que aquele que grita está, naquele exato momento, em apuros ou sofre alguma dor ou regozija-se na alegria (essas diferenças dependem da qualidade específica do grito). Isso que é representado pelo signo, quer dizer, ao que ele se refere é chamado de seu objeto. Ora, dependendo do tipo de referência do signo, se ele refere ao apuro, ou sofrimento ou à alegria de alguém, provocará em um receptor um certo efeito interpretativo: correr para ajudar, ignorar, gritar junto etc. Esse efeito é o interpretante. (SANTAELLA 2008, p. 8)

Ainda segundo Santaella, existem signos de diversas complexidades, como exemplifica: "[...] uma pessoa, um livro, uma biblioteca exibem essa mesma lógica de funcionamento, exceto pelo fato de que são signos muito mais complexos cujos objetos e interpretantes são também infinitamente mais complexos que um grito."<sup>19</sup>

Tanto quanto o próprio signo, o objeto do signo também pode ser qualquer coisa de qualquer espécie. Essa "coisa" qualquer está na posição de objeto porque é representada pelo signo. O que define signo, objeto e interpretante, portanto, é a posição lógica que cada um desses três elementos ocupa no processo representativo.

Desse modo, por exemplo, um advogado, isto é, uma petição que ele redige é um signo que representa a causa de um cliente, o objeto do signo, para o efeito que essa petição produz em um juiz, interpretante do signo. (SANTAELLA 2008, p. 8)

---

<sup>19</sup> SANTAELLA, 2008, p. 8

Similarmente podemos dizer que:

Um muro alto é uma barreira, um signo de proteção, que pode ser uma demanda do medo, cujo objeto é impedir invasão, e o interpretante pode variar com quem se depara com o signo, podendo ser desde a sensação de segurança que passa pela mente de alguém, quanto a sensação de dificuldade de invasão. Uma câmera de vigilância, é um signo de proteção e do medo, cujo objeto é vigiar contra eventos perturbadores, ou pessoas intrusas, e seu interpretante é a provável sensação de segurança, que passa pela mente de alguém, pelo fato da vigilância permitir saber quem está na área vigiada, e provavelmente inibir perturbações e atos criminosos.

O procedimento de checar credenciais de visitantes a um condomínio é também um signo que tem como objeto examinar quem pode ou não adentrar em algum lugar ou espaço. Ocorre que, por trás do simples ato de examinar credenciais está implícito o medo, o que faz com que examinar credenciais, se configure um signo de medo, mediado por esse procedimento que primeiramente é um signo de segurança. Porém, ao se examinar credenciais, também podem acontecer erros, e isso, principalmente, quando essa ação se configura a última instância da garantia de segurança, transforma-se então essa ação, também, em um signo do medo.

Podemos dizer que o ato de examinar credenciais é em um primeiro momento, um signo de segurança, e depois, signo do medo, cujo objeto é certificar-se de não permitir que pessoas perigosas, desconhecidas, adentrem no condomínio, e o interpretante é a sensação de segurança na mente dos usuários do condomínio, pelo fato de não se permitir a entrada de pessoas perigosas e desconhecidas. Vimos nos exemplos acima a aplicação da relação triádica da semiótica peirceana, em apenas três signos comuns da arquitetura do medo e da segurança. Vimos que são signos diretos da segurança e indiretos do medo, porque primeiro, precisam se definir (serem percebidos) como da segurança, para depois serem avaliados pelo medo. Numa espécie de dupla semiose e significação.

Poderemos também afirmar que: uma “arquitetura da segurança” tem como componentes, uma grande variedade de signos como os exemplificados acima. Os “interpretantes”, somam a ideia geral da segurança que adjetiva e dá o nome de “arquitetura da segurança”. Os objetos dos signos desta arquitetura, por sua vez, podem tomar, em nova semiose, o lugar de signos da arquitetura do medo, numa

outra relação triádica de signo, objeto e interpretante que terão relação mais próxima ao medo.

Para operar o que acabamos de descrever, começamos colocando em quadros diagramáticos as relações triádicas dos três signos que escolhemos de cada arquitetura, a da violência, da segurança e a da insegurança, como segue:

Tabela 1. Quadro de exemplos de signos da "Arquitetura da Segurança".

1- QUADRO DE EXEMPLOS DE SIGNOS, OBJETOS E INTERPRETANTES DA "ARQUITETURA DA SEGURANÇA" – RELAÇÃO TRIÁDICA DO SIGNO NA SEMIÓTICA DE CHARLES SANDERS PEIRCE.		
Signos	Objetos	Interpretantes
Muros altos	Impedir o fácil acesso	Sensação de Segurança
Câmeras de vigilância	Ver quem pode ou não, estar na área, identificar.	Sensação de Segurança
Procedimento de examinar credenciais, crachás, identidades.	Garantir/impedir a entrada de pessoas, conhecidas/desconhecidas, com permissão/sem permissão.	Sensação de Segurança

Tabela 2. Quadro de exemplos de signos da "Arquitetura da Insegurança".

2- QUADRO DE EXEMPLOS DE SIGNOS, OBJETOS E INTERPRETANTES DA "ARQUITETURA DA INSEGURANÇA" – RELAÇÃO TRIÁDICA DO SIGNO NA SEMIÓTICA DE CHARLES SANDERS PEIRCE.		
Signos	Objetos	Interpretantes
Muros baixos	Permitir ventilação, visibilidade, fácil acesso etc. Integração, marcação de limites de propriedade.	Sensação de insegurança, em ambientes reconhecidamente inseguros, e sensação agradável em ambientes sem ameaças externas. Também pode provocar facilidade de acesso e boa percepção dos fenômenos do entorno, possível medo de invasão do território.
Arquiteturas perecíveis e frágeis, barracos etc.	Dar abrigo e uso, porém precários.	Insegurança e medo
Acessos indiscriminados e sem controle	Permitir fácil acesso.	Sensação de liberdade de circulação e provável medo do acesso de pessoas indevidas.(isso em áreas reconhecidamente de perigo)

Uma "arquitetura da violência" tem entre seus signos fenômenos que lembram violência e em seus interpretantes a ideia de segurança, embora feita pela própria

violência. Já existem muitos estudos sobre o tema no Brasil, como os estudos desenvolvidos na Universidade Federal Fluminense pela arquiteta e professora Sônia Ferraz:<sup>20</sup>

Tabela 3. Quadro de exemplos de signos da "Arquitetura da Violência".

3- QUADRO DE EXEMPLOS DE SIGNOS, OBJETOS E INTERPRETANTES DA "ARQUITETURA DA VIOLÊNCIA" – RELAÇÃO TRIÁDICA DO SIGNO NA SEMIÓTICA DE CHARLES SANDERS PEIRCE.		
Signos	Objetos	Interpretantes
Arames farpados espiralados, que lembram campos de concentração.	Impedir o fácil acesso ameaçando ferir o invasor.	Sensação de segurança, embora com possibilidade de danos físicos ao invasor.
Guardas armados com fuzis e metralhadoras.	Ameaçar e intimidar o invasor	Sensação de segurança, embora com grande perigo ao invasor.
Cercas eletrificadas	Ameaçar o invasor pelo choque elétrico.	Sensação de segurança, embora com possibilidade de danos ao invasor.

A seguir, apresentamos o quadro (4) da *Arquitetura do Medo*, com os objetos e interpretantes das *Arquiteturas da Segurança, da Violência e da Insegurança*, tomando posição como signos e objetos respectivamente, gerando novos interpretantes. Esses novos interpretantes são os interpretantes finais dos signos das *Arquiteturas da Segurança, da Violência e da Insegurança* que materializam a arquitetura do medo. Esses signos necessitam de dupla significação e interpretação por meio de seus objetos e interpretantes, para transformar as *Arquiteturas, da Segurança, da Violência e da Insegurança*, em signos da arquitetura do medo.

Tabela 4. Quadro de exemplos de signos da "Arquitetura do Medo".

4- QUADRO DE EXEMPLOS DE SIGNOS, OBJETOS E INTERPRETANTES DE UMA "ARQUITETURA DO MEDO" – CONSTITUIÇÃO TRIÁDICA DO SIGNO NA SEMIÓTICA DE CHARLES SANDERS PEIRCE.		
Signos	Objetos	Interpretantes
Ato de Impedir o fácil acesso.	Dar sensação de Segurança	Diminuição do medo nas mentes de quem busca proteção.
Ato de ver quem pode ou não, estar na área, identificar.	Dar sensação de Segurança	Diminuição do medo nas mentes de quem busca proteção.

<sup>20</sup> Site pesquisado em 19 dez. 2013: [http://www.faperj.br/boletim\\_interna.phtml?obj\\_id=223](http://www.faperj.br/boletim_interna.phtml?obj_id=223)

Ato de garantir/impedir, a entrada de pessoas conhecidas/desconhecidas ou com permissão/sem permissão.	Dar sensação de Segurança	Diminuição do medo nas mentes de quem busca proteção.
<b>Signos</b>	<b>Objetos</b>	<b>Interpretantes</b>
Permitir ventilação, visibilidade, fácil acesso e Integração.	Dar sensação agradável de visibilidade, facilidade de acesso e boa percepção dos fenômenos do entorno, possível medo de invasão do território em áreas perigosas.	Percepção de fraca delimitação do território, maior facilidade de invasão, medo.
Dar abrigo e uso precários da arquitetura	Suprir de condições mínimas de vida no espaço.	Percepção de deficiências, perigos de uso, medo
Acessos indiscriminados e sem controle.	Facilitar acessos e uso a qualquer pessoa.	Percepção de facilidade de invasão e fonte de medo.
<b>Signos</b>	<b>Objetos</b>	<b>Interpretantes</b>
Ato de impedir o fácil acesso ameaçando ferir o invasor.	Dar segurança, embora com possibilidade de danos físicos ao invasor.	Diminuição do medo de quem busca proteção. Aumento do medo no invasor.
Ato de ameaçar e intimidar o invasor.	Dar segurança, embora com grande perigo ao invasor.	Diminuição o medo de quem busca proteção. Aumento do medo no invasor.
Ato de ameaçar o invasor pelo choque elétrico.	Dar segurança, embora com possibilidade de danos ao invasor.	Diminuição o medo de quem busca proteção. Aumento do medo no invasor..

Percebemos nesse quadro, da relação (constituição) triádica dos signos da Arquitetura do Medo, que seus signos são os objetos das Arquiteturas da Segurança, da Insegurança e da Violência, e estão agora como signos do medo, comprometidos com a ação, uso e funcionamento; são processos imateriais mais complexos, mas também, fontes de medo.

Nesta tabela 4 (quadro da Arquitetura do Medo) temos então uma segunda relação de significação da tríade (signo, objeto e interpretante) das Arquiteturas da Segurança, da Insegurança e da Violência. O que era objeto e interpretante nestas arquiteturas passou a ser signo e objeto respectivamente na Arquitetura do Medo, que terá outro interpretante relacionado à sensação de medo, razão porque é adjetivada como Arquitetura do Medo. Esse processo de resignificação mostra que todos os signos das arquiteturas da Segurança, da Insegurança e da Violência, numa instância de resignificação, de uma nova e contínua semiose, terminam

apresentando interpretantes (pensamentos) relacionados ao medo, motivo por que denominamos nossa pesquisa, *Arquitetura do Medo*.

Enquanto a *Arquitetura da Segurança* diz sobre o signo – muro-alto: é “um muro alto”, serve para proteger, dificultando a transposição. A *Arquitetura do Medo* questiona a eficiência desse signo da segurança: serve mesmo? Porque tantos exemplos de assaltos com transposição deste tipo de proteção?

Enquanto a *Arquitetura da Violência* diz sobre o seu signo: “seguranças armados com fuzis”, intimidam pela ameaça, o interpretante da *Arquitetura do Medo* questiona esse signo da violência: “seguranças armados” intimidam mesmo? Então porque um policial armado de metralhadora próximo a um sequestrador, não conseguiu impedi-lo (em notório sequestro de um ônibus no Rio de Janeiro), que matasse uma passageira? Há muito mais exigência para se eliminar ou reduzir medo.

Vemos que os interpretantes dos signos da *Arquitetura do Medo* são mais exigentes e/em suas cobranças podem chegar a exageros extremos.

Podemos concluir que a *Arquitetura do Medo* se diferencia das *Arquiteturas da “Segurança”* e da “*Violência*”, pela dupla significação por que passam os signos dessas *Arquiteturas*, até chegar ao interpretante<sup>21</sup> final da *Arquitetura do Medo*.

O medo, como “interpretante” dos signos da “*Arquitetura do Medo*”, questiona os objetos dos signos das *Arquiteturas da Segurança da Insegurança* e da *Violência*, ou seja, questiona os signos destas *Arquiteturas* em seus processos dinâmicos (de ação), de objeto. (funcionamento). Como exemplo, podemos dizer que “muro alto”, enquanto um signo da *Arquitetura da Segurança* é apenas indagado inicialmente sobre a altura e materiais necessários para o objeto e significado a que se propõe nesta *Arquitetura da Segurança*. Este mesmo muro, num novo processo de semiose e re-significação de seu objeto, passa a ser signo da *Arquitetura do Medo* que terá novo interpretante. Diferentes interpretantes do medo podem causar exageros de muros sobre muros e grades sobre grades. O medo é diferenciado para cada mente, embora possa ter tendência a um limite de exigências para com a eficiência dos dispositivos de segurança, o que não significa garantia de que o medo cesse de incomodar a alguém.

---

<sup>21</sup> Importante não confundir na semiótica de Peirce a palavra “interpretante” com uma pessoa que interpreta. Aqui, interpretante é um pensamento na mente de alguém, diante dos signos, e pode levar a comportamentos variados.

Podemos dizer que na Arquitetura do Medo ocorre uma resignificação por meio de uma reinterpretação, dos os objetos dos objetos das Arquiteturas da Segurança, da Insegurança, e da Violência, na posição de signos. Dizendo de outro modo, os objetos das Arquiteturas da Insegurança, Segurança e da Violência, tornam-se signos numa nova semiose. Ou seja, numa nova tríade de signo, objeto e interpretante, em que os interpretantes das Arquiteturas da Violência, da Segurança e da Insegurança passam a ser signos (representamen) com novos objetos e interpretantes, mas desta vez, da Arquitetura do Medo. (tabela 4)

Na prática ocorre que, quem idealiza e constrói um muro alto, está limitado à tentativa de atender ao objeto dinâmico do signo, materializando o objeto imediato do signo “muro alto” que é dificultar o acesso na tentativa de dar segurança. Quem questiona o objeto do signo é o medo que já existe na mente das pessoas como processo consciente ou inconsciente, apreendido ou inato. Uma mente com medo intermedeia o processo de significação, avaliando seus dispositivos de proteção e chega a uma conclusão, que é o seu interpretante(seu pensamento) que pode ser, por a cabeça sobre o travesseiro e dormir tranquilo, ou correr para o computador redigir proposta de pauta da próxima reunião do condomínio...

No quadro (4), da Arquitetura do Medo, os objetos dos signos das Arquiteturas da Segurança, da Violência e da Insegurança estão agora na qualidade e posição triádica de signos, cujos objetos que estão relacionados ao fato de dar segurança, levam a interpretantes relacionados ao medo.

Simplificando, podemos dizer que um sujeito com medo interpreta os objetos dos objetos dos signos das Arquiteturas que tem signos relacionados a segurança, violência, insegurança. Ou seja, os objetos dos signos destas Arquiteturas assumem na tríade (signo, objeto, interpretante), a posição e qualidade de signos da Arquitetura do Medo com seus novos e respectivos objetos e interpretantes.

Estudaremos arquitetura decorrente do medo e outras causas prováveis de sua existência, inicialmente considerando signos do medo que podem estar presentes nas Arquiteturas da Segurança, da Insegurança, da Violência. Mais precisamente, por intermédio dos estudos dos objetos dos signos destas arquiteturas.

Este estudo se dará pela avaliação dos interpretantes desses objetos bem como pelos processos que os geram e explicam.

Um exemplo da problemática que pretendemos estudar: Iniciemos com um signo de proteção “muro alto” que existem em grande quantidade na área de estudo.

Se estivéssemos estudando o problema específico da segurança, estaríamos preocupados apenas com a localização dos muros, materiais, alturas, para estarmos seguros, de que a constituição física dos muros poderá impedir que alguém o ultrapasse, e ofereça ameaça a quem está tentando se proteger.

Como esta pesquisa é sobre uma arquitetura que o medo ajuda a construir, um dos seus elementos, o muro (um dos signos do medo) deverá ser estudado não em seu objeto ou função pragmática de apenas proteger, mas com base nas demandas do medo, este, sob forma de conhecimento e experiência emocional na mente das pessoas. Então, pode-se indagar inicialmente a partir desse objeto empírico, “muro alto”, se ele elimina o medo ou não. Poderão existir muitas e diferentes respostas, inclusive alguma que diga que esse “muro alto” deve ser muito mais alto, ou outra, de que ele não é necessário. O que nos coloca no processo de indagação sobre a necessidade de um muro, o que é preocupação de análise bem diferente de simplesmente indagar qual deve ser a altura desse “muro alto.” Essa diferença de natureza da questão sobre a arquitetura que necessita de muros aponta a direção para o objeto da tese da Arquitetura do Medo. Trata-se de uma análise que vai além das interfaces que qualificam a Arquitetura do Medo investigada. Apontam não só para processos de definição física de barreiras, mas também para a verdadeira necessidade e para as determinações da existência da Arquitetura do Medo, em sua tendência em permanecer como paradigma de solução contra o medo da violência urbana em muitas cidades brasileiras.

Aí está, portanto, o que caracteriza a pesquisa que aqui elaboramos. Se quiséssemos apenas conhecer diferentes tipos de muros e grades, estaríamos estudando apenas a Arquitetura da Segurança ou da Violência. O título da pesquisa seria: A Arquitetura da Violência ou da Segurança em Fortaleza.

O título de nossa pesquisa é “Arquitetura do Medo em Fortaleza” e estaremos na verdade, estudando indiretamente as Arquiteturas da Segurança, da Insegurança e da Violência por meio de seus objetos. Queremos realmente descobrir até que ponto, os muros e grades existentes na área são realmente necessários e se atendem demandas do medo, ou apenas da segurança contra a violência, ou também às conveniências do comércio do medo, como demonstrou Barry Glasser em *A Cultura do Medo*, e/ou se existem outras razões para a forma física e simbólica

da Arquitetura que pretendemos estudar. A pesquisa da Arquitetura do Medo mostrará outras razões da existência desse tipo de arquitetura que fundamentam sua tese de que há outras determinações muito importantes da arquitetura em análise.

Voltando à semiótica, é importante notar que, sendo o *interpretante* o que se passa na mente de alguém, ele poder variar. Por exemplo, o *interpretante* do *signo* “muro alto”, para quem pretende invadir um espaço pela ultrapassagem desse muro é certamente diferente do interpretante<sup>22</sup> (pensamento) em uma pessoa que está tentando se proteger com o mesmo muro.

Nesse caso, para o invasor que pode ter medo de enfrentar a transposição de um muro, um provável interpretante do signo – muro, na mente deste invasor seria “não vou pular esse muro, está difícil!!!” enquanto que, para quem pensa que se protege com tal muro, pensa estar seguro, sem medo, um interpretante possível, na mente desse último seria algo parecido com: “vou ficar tranquilo o muro me protege”. Embora também possa ser “Esse muro não impede nada”, o que poderia justificar mais discussão sobre segurança, em reuniões de condomínio.

A Arquitetura do Medo elimina ou produz o medo dependendo das circunstâncias referenciais e existenciais das mentes interpretantes.

Uma sequência de muros altos, limitando os lotes dos edifícios de um lado e outro de uma rua pode construir novos signos com interpretantes relacionados a abandono, isolamento, insegurança, que entram na composição de prováveis significados relacionados ao medo. Vemos nos quadros dos signos das diversas arquiteturas, que, o que as qualifica e as nomeia é o interpretante consensual dos seus signos. Temos assim uma definição da Arquitetura do Medo que pode ser: a arquitetura que tem signos, objetos e interpretantes, relacionados à existência ou diminuição do medo.

Uma importante diferença também pode ser estabelecida pelo grau de imaterialidade dos signos das arquiteturas. Por exemplo: as relações que se estabelecem entre a Arquitetura da Segurança e seus signos estão muito próximos da realidade material de seus elementos constituintes, que podem ser muros, grades, procedimentos de projeto e equipamentos de segurança que são signos

---

<sup>22</sup> Atentar que esse “interpretante” aqui é um conceito da semiótica de Peirce, e não significa o sujeito que interpreta o signo, mas o que se passa na mente desse sujeito diante do signo, e que pode levá-lo a outros pensamentos e ações.

dessa Arquitetura. Como nessas Arquiteturas<sup>23</sup> também existem processos abstratos entre seus signos, suas denominações não poderiam ser dadas apenas pelos materiais de que são construídas, como: arquitetura da pedra ou das grades. O que as constituem são mais que material físico, são signos, e o que as denominam é o conjunto dos interpretantes (aqui, também, um processo de subjetivação) dos objetos dos seus signos. As Arquiteturas: da Segurança, da Insegurança, da Violência, são portanto simbólicas. A Arquitetura do Medo é a mais simbólica e abstrata (imaterial) de todas.

As diferenças entre as Arquiteturas: do Medo, da Segurança, e da Violência estão nos tipos e graus de questionamento dos objetos dos seus signos, seus próprios objetos e seus interpretantes.

A Arquitetura do Medo questiona os objetos dos objetos dos signos das Arquiteturas da Segurança, da Insegurança e da Violência. Faz um duplo questionamento num processo de dupla significação e análise, e torna-se assim, mais abstrata e imaterial que as outras.

Enquanto um estudo sobre a Arquitetura da Segurança, por exemplo, indaga e cuida de localizações, alturas e materiais dos muros e outros dispositivos de segurança. A Arquitetura do Medo trabalha e questiona o porquê da necessidade ou não desses muros e dispositivos. São portanto, epistemologicamente, preocupações de estudo bem distintas.

Os questionamentos do medo são mais complexos do que os da segurança, que agem mais ao nível da materialidade dos signos, enquanto o medo está na esfera do imaterial e subjetivo, sujeito às variações das mentes (interpretantes) de quem percebe os seus signos.

Quem tem medo, quer livrar-se dele da melhor forma possível. Surge então Arquitetura do Medo, a constante invenção de dispositivos de proteção, as buscas por segurança, embora se saiba, provavelmente reduzindo, mas nunca eliminando o medo. Exatamente por isso, o medo da violência é fonte inesgotável e oportuna para a indústria do medo e o capital imobiliário, que poderá continuar a se reproduzir, negociando imóveis pretensamente seguros, afetando acriticamente espaços urbanos.

---

<sup>23</sup> Mais uma vez, aqui, nos referimos às Arquiteturas, da Violência, da Segurança e da Insegurança cujos signos também pertencem à Arquitetura do Medo.

A Arquitetura e Urbanismo do Medo é toda arquitetura e urbanismo que tiver na relação triádica de seus signos, quaisquer objetos e interpretantes relacionados ao medo. Para esse pesquisador, esse caráter geral e abrangente da arquitetura do medo está implícito no livro “Architecture of Fear” de Nan Ellin,<sup>24</sup> pela diversidade de artigos relacionados com a arquitetura, urbanismo e medo. Por esse motivo, é que se faz necessário um recorte desta abrangência para efeito desta pesquisa. A arquitetura, objeto empírico deste estudo, é a arquitetura construída com preocupações de segurança contra violência urbana que ameaça a vida, a propriedade privada e o bem estar social. A arquitetura que denominamos, do medo, está construída nos edifícios condomínios fechados, nos equipamentos comerciais e nos equipamentos de lazer e turismo da área recorte desta pesquisa, porém, o foco ou recorte está na importância da relação entre as formas assumidas pela arquitetura do medo nos condomínios residenciais verticais fechados e a cidade, no seu potencial físico e visual de definição do caráter de medo da área pesquisada. Em todos eles, estão presentes os sinalizadores do medo da violência urbana. Estes sinalizadores estão materializados nas proteções físicas contra invasões e nos processos de afastamento do perigo da violência contra os usuários. Podem ser, portanto, sinalizadores (signos) físicos e os sinalizadores (signos) abstratos, que se manifestam nas reações típicas ao medo. Estes são sinalizadores do medo, porque seu objeto é reduzir o medo para quem se encontra do lado em que eles guardam. Porém, o problema que se coloca como parte desta função dos indicadores é que eles também sinalizam medo para quem está do lado de fora, como o medo de provável ameaça de assalto ou sequestro, nas entradas ou saídas dos condomínios em altas horas da noite. Medos também para os pedestres que se veem isolados por esses mesmos sinalizadores, nas vias públicas, observados apenas por vigilantes de guaritas, para quem podem ser objeto de precaução, como fossem bandidos, e dificilmente percebidos como pacatos pedestres, ou mesmo, simples e necessitados pedintes.

---

<sup>24</sup> Nas referências.

#### 4. CAMPOS TEÓRICOS DA PESQUISA.

Embora trabalhando questões relativas ao desequilíbrio da relação entre as “três ecologias” tratadas por Gauttari, Apresentamos aqui, para situar a problemática da nossa tese, os campos teóricos sobre os quais se dará essa análise.

##### DIAGRAMA DA TESE: ELEMENTOS DA ANÁLISE

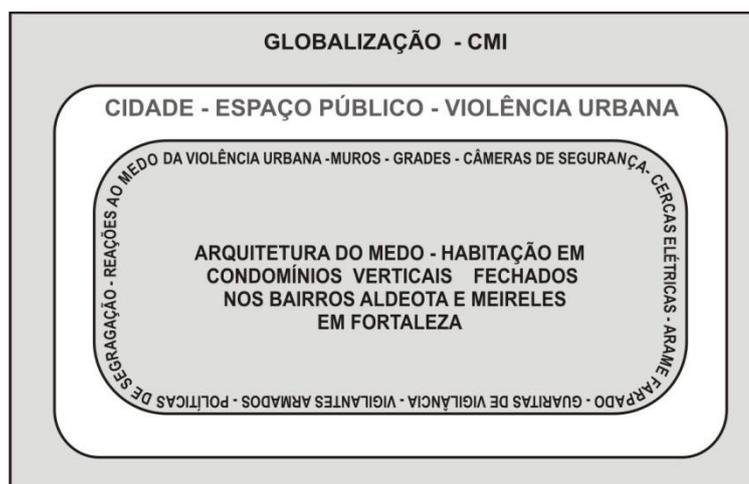


Figura 10. Diagrama. 02. Elementos da Análise.<sup>25</sup>

Este diagrama mostra os campos dos problemas de conhecimento da arquitetura do medo, e os seus componentes: os sinalizadores e os equipamentos da arquitetura no espaço do recorte em estudo.

No gráfico vemos os sinalizadores do medo e a sua relação de uso entre os equipamentos urbanos: (Habitação em condomínios verticais fechados nos bairros Aldeota e Meireles), e esses indicadores do medo, em negrito, denotando no diagrama a ideia de fechamento, segurança e proteção. Esta mancha (de estudo) interna está contida e pertence à área dos conteúdos sobre a cidade, espaço público e violência urbana, que por sua vez tem como base conceitual geral, a questão da produção da subjetividade capitalística do Capital Mundial Integrado (CMI) (Gauttari) ou Globalização, (Santos, Lefebvre, Harvey...).

O medo da violência urbana está diretamente relacionado ao uso destes signos indicadores que são: os muros, as grades as cercas elétricas, dispositivos de segurança, as políticas de segregação e isolamento, e principalmente, de forma abstrata, as reações ou atitudes das pessoas frente às ameaças da violência cotidiana.

<sup>25</sup> Fonte: o autor da pesquisa.

No diagrama 02, a mancha mais interna representa o recorte da análise urbana de Fortaleza com destaque para os dispositivos cercando os principais equipamentos componentes da arquitetura da área de estudo. Estão dispostos, gráfica e simbolicamente no retângulo mais interno, o que chamamos de sinalizadores ou signos da violência urbana. São sinalizadores físicos e abstratos, utilizados como forma de proteção contra a violência urbana de que trata este trabalho, ou seja, a violência que ameaça o bem estar, a vida, a propriedade, em território urbano determinado. A pesquisa dos objetos destes sinalizadores poderá explicar a tendência de reprodução desse modelo de arquitetura nos territórios urbanos, independentemente dos perigos da violência urbana. Uma vez que sempre surgirão novas tecnologias a prometer segurança, mesmo que somente do lado de dentro dos muros e grades.

Podemos entender o caráter visual da área de estudo pelas fotografias apresentadas neste trabalho, sem prejuízo do estudo teórico por intermédio da semiótica peirciana como já foi feito por Ferrara que afirma:

[...] o ambiente urbano é um complexo de signos: signos formais (a própria forma do objeto construído), signos lingüísticos (nome das ruas), signos de propaganda (cartazes), signos indicadores de direção, signos estéticos (os materiais empregados, as características das fachadas, jardins, iluminação, etc.), signos contextuais (a situação urbana onde se localiza), signos usuários (a especificidade dos comportamentos humanos tomados com signo) e é apenas neste complexo, enquanto combinatória de elementos, que a arquitetura ou o urbanismo podem assumir uma função semiótica.<sup>26</sup>

A análise da natureza dos problemas e questões da pesquisa A Arquitetura do Medo nos induz a um procedimento misto de abordagens, leitura visual da imagens e desenvolvimento teórico das questões que explicam o problema do medo da violência Urbana.

Numa listagem, Ferrara nos dá uma ideia mais precisa da função ou do objetivo de uma análise semiótica:

Uma leitura semiótica define um aspecto específico do objeto arquitetônico ou urbano, analisado em relação a uma situação escolhida ou dada;

O tipo de relação varia em função de cada situação;

É a evolução destes aspectos específicos que constituem a tarefa ou a problemática efetiva de uma análise semiótica;

---

<sup>26</sup> FERRARA, Lucrécia D'Alessio et alli, \_Semiótica, manual de leitura AUP 414 e AUP 406. USP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, p. 7

Cada situação semiótica corresponde a um processo cognitivo e a uma metalinguagem.

O resultado é a determinação do objeto arquitetônico ou do ambiente urbano tomados enquanto signo, isto é, representando para um usuário (interpretante) alguma coisa (objeto) sob determinadas condições que o caracterizam enquanto signo.

Na arquitetura e urbanismo, vistos semioticamente, o signo é focado nas características de sua materialidade concreta, seu contexto e seu interpretante. É a determinação da relação desses três elementos: o signo, o objeto e o interpretante que transforma a realidade urbana em realidade sígnica e dimensiona sua potencialidade enquanto sistema de comunicação.<sup>27</sup>

---

<sup>27</sup> Ibid., p.7

## 5. CAPÍTULO 2

### 5.1. CONCEITOS, PROBLEMÁTICA, DINÂMICA

Nas páginas anteriores mostramos uma percepção macro da Arquitetura do Medo, algumas abordagens que são pertinentes ao tema. Também delimitamos o objeto empírico em um recorte urbano e conceituamos a arquitetura em análise. Vimos como os fenômenos (signos) que são indícios do medo e da segregação urbana, qualificam um tipo de arquitetura e a constituem conceito de projeto de espaços contra o medo, principalmente, o da violência nas cidades.

A Arquitetura do Medo que investigamos, e tal como a definimos em capítulo anterior, é um fenômeno ubíquo no território brasileiro. Faz parte da forma urbana e é, tanto como a cidade, “[...] uma estratificação histórica codificada e resulta de uma multiplicidade e heterogeneidade de práticas, ações desejos.”<sup>28</sup>

Considerando nosso objeto empírico de investigação a partir da definição acima, buscaremos, neste capítulo, mostrar que multiplicidades podem compor a investigação, como se configura essa heterogeneidade de práticas, ações e desejos envolvidos na constituição da cidade e da Arquitetura do Medo, mais particularmente, como já foi definida e recortada, tanto espacial quanto conceitualmente no capítulo anterior. Nosso objetivo específico, neste capítulo, é proporcionar o conhecimento de uma questão fundamental da tese: como essa Arquitetura do Medo tornou-se paradigma da proteção residencial nas cidades, e mostrar a singular importância desta arquitetura na área pesquisada, como modelo de tendência a ser propagado nas cidades, mais exatamente, onde aspectos socioeconômicos se assemelham aos do recorte e refletem desequilíbrios da ecologia social que levam à polarização de diferenças na heterogeneidade da vida urbana, social, econômica, política e cultural brasileira, mais particularmente relacionadas à Fortaleza. Estes desequilíbrios podem ser vistos como resultado de políticas, (saberes, poderes e subjetividades) de construção da cidade, em que se hierarquizam usos, priorizam-se investimentos de melhoria urbana, fragmentam-se e

---

<sup>28</sup> MAGNAVITA, Pasqualino Romano. Micropolíticas Urbanas e Processos de Subjetivação. Anais XIII Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional. 25 a 29 de maio de 2009. Florianópolis-Santa Catarina- Brasil. <http://unuhospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/anais/article/view/3246>

segregam-se espaços e classes sociais. Nesta análise tentaremos mostrar como os modos de construção de subjetividade capitalística podem convencer que os desejos são “falta”, (em oposição ao desejo como produção, discutido mais adiante) e que sua realização passa pelo consumo e que os modos de construir a cidade e de atender às necessidades da vida urbana são os da lógica do capital. Fazendo-se uso da construção da subjetividade capitalística, busca-se condições de se investir prioritariamente onde há mais retorno de capital, fazendo da produção do espaço urbano uma forma de acumulação que tem

[...] a capacidade de oferecer sobrevida às relações capitalistas que passam a ter na valorização imobiliária uma das principais estratégias para a produção e concentração da riqueza social. Por isso é que na contemporaneidade se torna fugidío o espaço social da vida cotidiana, uma vez que se impõem, com força desmedida, o espaço-mercadoria, privatizado e instrumentalizado pela valorização do capital. (LENCIONI, 2010, p. 2 )

São para as denominadas “áreas nobres” das cidades, as que apresentam potencial de retorno de investimento, a que são direcionadas políticas de valorização e crescimento urbano – o que não significa necessariamente desenvolvimento – com implantação de infra-estrutura<sup>29</sup> e serviços favoráveis à reprodução do capital, com destaque para o turismo<sup>30</sup> e especulação imobiliária. Neste sentido, a possibilidade de construção de moradias seguras é vista com grande interesse, tanto para a indústria da construção quanto para a indústria do medo, ambas em parceria, construindo espaços de segurança dentro de condomínios habitacionais verticais fechados, deixando zonas de medo nos espaços públicos das vias e praças urbanas. Essa é a importância desta arquitetura do medo: um grande potencial de lucro para os investimentos imobiliários, que identificamos no recorte em análise e que se assemelha a muitas outras encontradas nos territórios de cidades brasileiras que sofrem processo de crescimento da violência urbana, sem perspectiva de redução. A proteção intencionada por esta arquitetura reduz o medo, mas, pouco ou nada interfere nas multiplicidades de sua motivação: a

---

<sup>29</sup> Uma apresentação do provimento desigual de serviços de saneamento na cidade de Fortaleza por ação do Estado, associada apropriação do solo urbano pelo mercado imobiliário, pode ser verificada em: BENTO, Victor Régio da Silva. Centro e periferia em Fortaleza sob a ótica das disparidades na infraestrutura de saneamento básico / Victor Régio da Silva Bento. – Fortaleza, 2011

Tese de mestrado em: [http://www.uece.br/mag/dmdocuments/victor\\_regio\\_dissertacao.pdf](http://www.uece.br/mag/dmdocuments/victor_regio_dissertacao.pdf)

<sup>30</sup> Ver: PAIVA, Ricardo Alexandre, A metrópole híbrida: o papel do turismo no processo de urbanização da Região Metropolitana de Fortaleza. (pag. 52/321)

<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/826>

violência e seus processos geradores; a falta de educação, de oportunidades de emprego, precárias condições de moradias, perceptíveis nas mais de quinhentas favelas em Fortaleza<sup>31</sup>. Limitadas oportunidades de emprego, falta de educação, desequilíbrios familiares, ineficiência para a questão da violência contribuem também para a insegurança e o medo no cotidiano da vida nas cidades. São problemas ou desequilíbrios da ecologia social que resultam em luta pela sobrevivência e, em muitos casos, na violência dos roubos, assaltos e outros crimes registrados no cotidiano das cidades. O registro da violência urbana se dá em todo o território brasileiro e suas causas são investigadas por diversos laboratórios da violência nas universidades brasileiras. Saberes especializados sobre a violência poderão esclarecer as razões dos crimes, mas dificilmente, teriam uma fórmula de eliminá-los sem implementação de políticas de redução da fome, do desemprego, do uso das drogas, citando apenas algumas. As violências e os medos são produção e vítimas de si mesmas em processos de auto-reprodução, subjetivação e dobras contínuas. São muitas as violências e medos nas cidades. Entre tantas, há principalmente a violência e o medo da miséria, do abandono, das desigualdades, das diferenças que segregam e que em parte constituem e são constituídas também pelo que se pode denominar o medo dos pobres e o medo de pobre<sup>32</sup> na sociedade brasileira. O capitalismo fabrica as necessidades, os desejos e as condições de consumo que alimentam uma dívida difícil de quitar. As dívidas fáceis dos cartões de crédito ilustram bem este processo consumista e de endividamento.

## 5.2. ARQUITETURA, VIOLÊNCIA URBANA E O MEDO

Diante do quadro de violência urbana em que vivem as cidades, não é muito difícil entender porque muitos se escondem por trás de muros e grades. É raro ver e pensar solução de espaços, principalmente os de morar, sem estes equipamentos

---

<sup>31</sup> Segundo IBGE, 396 mil pessoas moram em 509 favelas de Fortaleza. 31,6% dos moradores tem rendimento per capita até meio salário mínimo. (dados de 2013) Fonte: <http://g1.globo.com/ceara/noticia/2013/11/fortaleza-tem-2-maior-populacao-em-favela-entre-cidades-do-nordeste.html>

<sup>32</sup> Ver sobre Medo e Exclusão Social especialmente sobre o medo da Morte, o Medo dos Pobres e o Medo de Pobres: SANTOS, Gislene Aparecida dos. Medo e Exclusão Social- Um estudo sobre a Morte o Medo dos Pobres e o Medo de Pobres. Tese de doutorado. Instituto de Psicologia USP. São Paulo-1998

de segurança. Embora estas construções mitiguem o medo, não se constituem solução para o que mais deveria importar: o combate à desigualdade e à violência. É impossível negar a importância da indústria da construção na produção da cidade e a conseqüente geração de renda e empregos, porém, é desejável que a produção de moradias permita também satisfatórias condições de sua implantação na escala do lote e da cidade; que permitam também o uso seguro dos espaços públicos, fora dos espaços privados dos diferentes equipamentos urbanos; que também permitam a vida sem medo, nos espaços externos. Para arquitetura de nossas cidades importa apenas a segurança dentro dos diversos modelos de espaços de habitar, trabalhar, divertir-se, sempre que possível, cercados e protegidos, seja como no modelo de arquitetura escolhido para estudo, seja como em outras formas urbanas de construção social espacialmente segregadas. Questões de valorização e segurança do espaço público têm sido negligenciadas pela falta de políticas que levem à redução das desigualdades, dos preconceitos e principalmente da violência e do medo urbano. Construir muros em torno das residências tem sido a forma não apenas de tentar deixar do lado de fora o perigo, mas de favorecer a segregação sócio-espacial, ainda assim, permitindo o crescimento urbano, embora não se possa dizer o mesmo quanto ao seu desenvolvimento.<sup>33</sup>

Após a análise de teorias de construção do medo e da violência de modo mais geral, no contexto da globalização do capital e das novas tecnologias da informática e mediáticas, focaremos no objeto empírico da pesquisa e sua relação com a violência local e o medo que parecem justificar a Arquitetura do Medo em Fortaleza. Esta análise local se dará no entendimento de que estaremos tratando de um processo de desequilíbrio da “ecosofia”<sup>34</sup> entendida como a articulação ético-política entre os três registros ecológicos (o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade). Conhecer como se dá esse desequilíbrio, facilitará o entendimento da produção da Arquitetura do Medo que estudamos. Aceitando a

---

<sup>33</sup> Em economia há a diferença entre Crescimento Econômico e Desenvolvimento Econômico. O primeiro é aumento do Produto Interno Bruto(PIB) que está relacionado a uma elevação da produção de uma região estudada. O Desenvolvimento econômico é medido através de indicadores de educação, saúde, renda, pobreza. O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é o critério mais utilizado para comparar o desenvolvimento de diferentes economias.

<sup>34</sup> O desenvolvimento deste conceito pode ser visto no texto: As Três Ecologias de Felix Gauttari.

definição de Félix Guattari sobre um desequilíbrio mundial das três ecologias, verifica-se sem dificuldade que a produção da cidade está relacionada à “*ecosofia*”. É notório o aquecimento do planeta pelo mau tratamento dos recursos naturais. Na escala da cidade, o grande número de pessoas em estado de abandono nas ruas, ou morando em áreas insalubres e vulneráveis, são mostras do desequilíbrio da ecologia social. As implantações de habitações em encostas e em áreas baixas e alagáveis são demonstrações da conjugação de dois registros da ecologia ambiental e da ecologia social muito presentes nas ocupações e produção da cidade. Em muitas cidades vemos problemas ecológicos na ocupação do solo urbano, como a ocupação de antigas lagoas ou áreas muito baixas que são aterradas para exploração imobiliária. Isso é muito comum, o que resulta em bloqueio do caimento natural dos terrenos e escoamento das águas das chuvas. Não são por acaso os grandes alagamentos nas muitas cidades Brasileiras. Ideias equivocadas de que uma boa qualidade urbana passa pela existência de muita pavimentação ajudam, sem dúvida, na impermeabilização do solo urbano<sup>35</sup> o que impede que as águas de chuvas penetrem no solo, aumentando enchentes urbanas em períodos de chuva e reduzindo a água do lençol freático, que por sua vez torna-se contaminado pela falta de tratamento das águas poluídas que são lançadas no solo, sem tratamento, desde as dos esgotos residenciais, às águas não tratadas de processo industriais. É fácil perceber o desequilíbrio dos registros ecológicos na cidade. Junto com a ocupação de áreas de mangue (ecologia ambiental) ocupações de terrenos por pessoas carentes (ecologia social), abandonadas e convencidas em seus trajetos de vida de que essas são as condições de viver e morar que merecem (desequilíbrio da subjetividade), ou seja: a exclusão do direito à cidade, vivendo em moradias precárias, insalubres, sujeitas a alagamento e deslizamento do solo, e ainda convencidas (“dobras” da subjetivação) de que são responsáveis pelo aspecto “feio e sujo” de suas aglomerações. São frequentes as tentativas de remoção destas comunidades sob o pretexto da falta de higiene, (discurso dos higienistas que na história das cidades brasileiras tiveram importante papel nos processos de segregação sócio-espacial nas cidades, como a criação de Higienópolis, em São Paulo, bairro em que os lotes são territórios de classe média e alta, enquanto as

---

<sup>35</sup> Promessas de asfaltamento de ruas é uma forma de ganhar votos. Pouco importa o aquecimento que provoca nas cidades, e a impermeabilização do solo, que reduz as águas subterrâneas. Sem falar no aumento de fuligens dos veículos que tem preferência por vias planas.

calçadas, são territórios dos bichos de estimação. Raro para quem anda no bairro, não sentir odores característico da "marcação de território" dos bem escovados, "fofos e caros pets"<sup>36</sup>. O que de certo modo ajuda a afastar das calçadas a "poluição" que a muitos incomoda: os moradores de rua, seus esfarrapados agasalhos, e os improvisados abrigos de papelão. A violência da pobreza, o assassinato de jovens carentes de periferias urbanas, bem como suas próprias condições de abandonados ao crime, sem oportunidades de educação e trabalho, são demonstrações, também eloquentes, desses desequilíbrios ecológicos: ambiental, social e da subjetividade.

A segregação sócio-espacial produzida pelo próprio Estado, nas operações de supostas "limpezas" urbanas, remoção de comunidades (favelas) para renovação urbana e atividades de lucro imobiliário, seguindo até mesmo diretrizes de planos urbanos são mostras também destes desequilíbrios. É dentro de contextos de exploração das fragilidades, desequilíbrios da *ecosofia*, e agigantamento dos medos, que prospera o tipo de organização espacial da arquitetura que analisamos aqui, e tem reprodução garantida e com lucro, devido ao medo inegável, amplificado pela mídia e indústrias de equipamentos e empresas de segurança pessoal e patrimonial.

As áreas urbanas de encostas e alagáveis, ou as que sofrem processo de desvalorização (centros urbanos), à espera de reapropriação pelo capital imobiliário, são ocupadas a baixo custo e são preferidas por traficantes, são locais estigmatizados como lugar perigoso, de onde provém a violência urbana. No recorte urbano que estudamos, a favela ou (Comunidade do Campo do America) é ponto de perigo para a vizinhança, segundo algumas entrevista nas proximidades, e informações da mídia. Nas tentativas de polícia na redução de crimes, do tráfico de drogas nestas localidades, como nas operações policiais pacificadoras, ficou provado que são locais que podem ter tranquilidade e segurança, mas apenas por pouco tempo. Comunidades carentes nas áreas de risco das cidades são exemplos dos desequilíbrios das três ecologias, a do meio ambiente a social e a da subjetividade.

A insegurança, a falta emprego, educação e saúde, para grande número de habitantes urbanos representam maior desequilíbrio da ecologia social, fragilizam a sociedade como todo, não apenas grupos mais imediatamente afetados, uma vez que a cidade unifica, agrega, pela, e em, sua extensão territorial as diversidade de

---

<sup>36</sup> Fonte: Experiência do autor morando em Higienópolis por alguns meses.(2009)

natureza (a "diferença") com que convivem em seus limites, suas "membranas" separações, como as dos órgãos da fisiologia animal que funcionam juntos mas separados no mesmo organismo. Tais membranas (como muros) na sociedade separam partes (o dentro e o fora) e as une em suas diferenças em totalidades fragmentárias. "Estas membranas e limites estão em tudo que se possa imaginar, sem elas perderíamos a capacidade de pensar e criar. São os limites que [...] nos permitem pegar, manipular, ordenar as coisas em sequência e em arranjos significativos.(FERREIRA, 2005, p. 2 ).

O estudo mais aprofundado dos limites e da relação (fora/dentro) está proposto na abordagem da subjetividade capitalista no capítulo 3 (três), de onde pode ser necessário um retorno(referências) às abordagens da percepção macro sobre as questões colocadas neste capítulo relacionadas ao medo à violência urbana e a produção da cidade na contemporaneidade, sob a égide do CMI. (Capital Mundial Integrado).

Os limites que apresentamos aqui nas próximas linhas são molares, perceptíveis, marcam de forma clara a separação percebida em muitas cidades entre as diferentes classes sociais. Estes limites não são apenas determinados por muros ou grades, mas, também por políticas, atitudes, equipamentos urbanos de uso público e em espaços públicos. Projetam-se formas de impedir o uso da cidade por pessoas pobres, moradores de rua, mendigos que circulam pelos espaços de cidades, não têm onde morar, ou mesmo descansar, às vezes, nem em bancos públicos ou áreas de sombra de viadutos. A cidade pensada para os turistas não admite a "feitura da pobreza" (como muitos *intolerantes* consideram): *corpos* mal higienizados, maltratados pela fome, e em vestes de trapos. Estes são separados, excluídos da sociedade.

A muitos restam apenas as calçadas, praças, caixas de papelão onde se agasalham nas calçadas às vezes fétidas até mesmo de excrementos humanos, pets bem cuidados e animais de rua. Nestas condições, muitos morrem, (enquanto tentam dormir), queimados por psicopatas, cretinos, criminosos.



Figura 11. Na Rua Bela Cintra. São Paulo. Fonte: "frame" de vídeo do autor, publicado em: <https://youtu.be/GS5R8PWe5S8>

São limites e situações que ferem não só a alma, mas diretamente o corpo do outro, do indesejado do diferente; atingem os sentidos de forma marcante e terrível, são os limites da segregação, e servem para marcar as diferenças. Falamos das marcações de territórios nas cidades, exigindo distância interpessoal, impedindo que se durma em bancos públicos e se aproxime muito de janelas, vitrines e de outros espaços e equipamentos da arquitetura e da cidade.



Fotos de equipamentos urbanos antimendigos, existentes em grandes cidade do mundo e do Brasil. Bancos e espaços sob passarelas e viadutos.



Figura 12. Equipamentos e dispositivos urbanos antimendigos.<sup>37</sup>

Falamos de equipamentos, dispositivos e barreiras que afastam as pessoas principalmente os indivíduos pobres, já bem conhecidos das ruas, praças públicas, bancos das praças, das calçadas, das áreas sob viadutos e mesmo sob marquises de grandes de edifícios, de avenidas famosas das maiores cidades, não apenas brasileiras, mas também de países de primeiro mundo. No Brasil já foram instalados o que mencionamos, os dispositivos antimendigos, no Rio de Janeiro e

<sup>37</sup>Equipamentos urbanos que dificultam a permanência de mendigos.

[https://www.google.com.br/search?q=bancos+antimendigos+no+Brasil&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjdgOm817DVAhUBOJAKHdsfDZAQ\\_AUIBygC&biw=1088&bih=486&dpr=1.25](https://www.google.com.br/search?q=bancos+antimendigos+no+Brasil&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjdgOm817DVAhUBOJAKHdsfDZAQ_AUIBygC&biw=1088&bih=486&dpr=1.25) Pesquisado em 5 abril 2017.

em São Paulo<sup>38</sup>, pelas administrações públicas, como já se faz também em várias partes do mundo, como em Londres,<sup>39</sup> Barcelona, onde são projetados bancos que dificultam dormir sobre eles, como os bancos mais ou menos cilíndricos, utilizados em Los Angeles, com sistema de irrigação, impedindo que se os utilize por tempo prolongado. Outros têm designs sofisticados, funcionais para o que se propõem, porém menos agressivos. São dispositivos que não têm a mesma força de isolamento dos muros e grades da arquitetura que estudamos, mas são demonstrações de medo e desprezo pela alteridade. Assim, as análises aqui elaboradas constituem-se o corpo principal da tese com críticas e informações de teóricos relacionados às questões relativas ao medo à violência e à produção da cidade dentro das injunções do Capital Mundial Integrado (C.M.I) ou, também, Globalização. Pretendemos mostrar, a partir da multiplicidade de temas aqui apresentados, os discursos que legitimam o desejo como falta e constroem, em cima desta, o consumo capitalista, inclusive, da arquitetura que investigamos. Nossa abordagem será exatamente considerando uma micropolítica do desejo construindo mudanças e devires, pelo menos mais lúcidos sobre o que realmente deveria importar ao ser humano na sua qualidade de convivência gregária e fraterna. Tentaremos identificar nas representações (discursos) a falta que leva ao consumo capitalista, e contrapor esta falta às possibilidades produtivas do desejo, para um devir outro do que é hoje arquitetura do medo. Esperamos neste capítulo, com o que temos exposto, uma forma de nos remeter à abordagem em que se afirma que “[...] o inconsciente funciona como uma usina e não como teatro (questão de produção, e não de representação);[...]”. (DELEUZE & GAUTTARI. 2007, pg. 7)

Destacamos também a importância para esse trabalho do conceito de *ecosofia* (grifo do autor) já tratada em rápidas passagens tal como é apresentado

---

<sup>38</sup>Segundo André Cintra : “Administrada desde 2005 pelo consórcio PSDB e DEM, a Prefeitura de São Paulo adota uma política de tipo higienista para “varrer” os moradores de rua do Centro. Iniciadas na gestão do ex-prefeito José Serra, as práticas de “faxina social” — uma dos mais inconfundíveis legados demo-tucanos — incluem a construção de obras polêmicas em algumas das principais vias, calçadas e praças paulistanas”. Pesquisado em 17/11/2016 link:

<http://vermelho.org.br/noticia/129798-1>

<sup>39</sup> Neste link, pode-se ver dispositivo “anti-mendigo” instalado em bairro rico de Londres. Pesquisado em 16/11/2016 . <http://noticias.band.uol.com.br/mundo/noticia/100000762942/ativistas-improvisam-sofa-em-dispositivos-anti-mendigos%E2%80%9D.html>

nas *Três Ecologias*, principalmente por focar o desequilíbrio dos três registros ecológicos, o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana. Esse desequilíbrio estará apresentado em textos sobre políticas urbanas em que o desenho da cidade de Fortaleza teve seus planos diretores<sup>40</sup> desenvolvidos já com tendências à segregação sócio espacial, como muitas cidades dentro do sistema político e econômico do Brasil. Devemos tratar do desequilíbrio da ecosofia e suas injunções com o capital mundial, apresentando as desigualdades sócioespaciais em Fortaleza, e o modo como as políticas públicas são direcionadas às áreas de maior potencial de retorno de investimentos urbanos, como nas infraestruturas urbanas, serviços de abastecimento água, esgotamento sanitário, limpeza pública urbana, iluminação pública e de melhores serviços de saúde, educação, comércio, turismo, lazer, segurança. Voltaremos a estes às políticas urbanas e processos de subjetivação após análise do medo em sua forma primordial e aplicado a realidade investigada.

Para melhor entendimento da importância do medo e das relações entre medo, violência e espaço construído, principalmente nas cidades, fazemos uma apresentação de aspectos do medo como instinto primordial e depois o relacionamos à violência urbana e sua construção social em situações concretas por meio de exemplos encontrados tanto no Brasil como em alguns outros países que vivem e viveram situações de violência, medo, segregação.

### 5.3. O MEDO

Apresentamos o medo como instinto primordial e depois o relacionamos à sua construção social em situações concretas por meio de exemplos encontrados, tanto no Brasil como em alguns outros países que vivem e viveram situações de geração de violência, medo, segregação.

---

<sup>40</sup> Ver: ACCIOLY, Vera Mamede. Planejamento, Planos Diretores e Expansão Urbana: Fortaleza 1960-1992. As legislações de uso e ocupação do solo, de caráter regulador, foram mais incisivas na definição do desenho da cidade. Em cada momento histórico, os planos e normatizações, embora diferenciados em relação aos pressupostos teóricos, metodológicos e à abrangência, têm contribuído para a valorização diferenciada entre áreas da cidade e promovido a segregação socioespacial.

O medo, mais especificamente o da violência urbana, está sempre associado ao medo fundamental, o medo da morte.”[...] Todos os medos contêm em graus diferentes, essa apreensão fundamental, e portanto, o medo não desaparecerá da condição humana ao longo de nossa peregrinação terrestre.[...]”(DELUMEAU, 2007, p. 41).

O medo é importante sentimento, ubíquo nas cidades, faz parte da construção de subjetividades que levam à arquitetura que pesquisamos. Seu estudo, aqui, mais como definição operacional, não engloba todos os seus objetos e possibilidades para humanos de todas raças e credos em todos os tempos e lugares do planeta. Não tratamos aqui de uma tese sobre o medo, mas de sua importância, e exploração ao se construir espaços de moradias em muitas cidades. Busca-se mostrar que reduzir o medo é atividade lucrativa para muitos. Pode-se afirmar a existência de indústrias do medo. Medos que são fabricados, medos que são combatidos. Muitos lucram com a tentativa de mitigar essa emoção nos espaços da arquitetura urbana. Mostramos que o medo é natural, humano e muitas vezes incontrolável. É perfeitamente normal ter medo de assaltos e outras violências sofridas nas cidades, como também é normal ter medo de escuro não apenas porque lá podem estar escondidas pessoas mal intencionadas, mas também, porque medo do escuro é um medo herdado de antepassados, como muitos outros.

Aqui, focamos apenas as condições de seu aparecimento nas mentes dos usuários da cidade e da arquitetura na contemporaneidade brasileira, exposta no presente trabalho e exemplificada na materialização físico-espacial da arquitetura e urbanismo de um recorte urbano da cidade de Fortaleza. O medo leva os usuários da cidade à invenção de diferentes formas de relação consigo e com a cidade ao longo do tempo que expressam uma “dobra” ou subjetivação<sup>41</sup>, que constitui territórios existenciais. De certo modo, essa arquitetura está diretamente ligada à construção da subjetividade de interesse do capital que valoriza o medo como potencial de lucro nos investimentos imobiliários, favorecidos pela indústria da segurança; pelas políticas de destinação e valorização de áreas urbanas; pelas técnicas de separar, murar e segregar potenciais clientes e vítimas do medo da

---

<sup>41</sup> Conceito de Felix Guattari e Gilles Deleuze, utilizado no terceiro capítulo ao tratarmos dos agenciamentos coletivos de enunciação, dobra e territórios existenciais no estudo do medo da violência urbana.

violência urbana. A que preço isso ocorre, para o restante do espaço e da vida urbana, é questão importante deste estudo.

Falamos do medo e de sua “dobra” que levam a determinadas subjetividades, mas, o medo não tem se constituído unicamente problema para os humanos ou outros animais. O medo também é responsável pela preservação das espécies animais. O medo não é tema simples e fácil, tem campo de estudo especializado, composto por áreas de conhecimento científico e humano que lhe dão fundamentação. Segundo o psiquiatra Christophe André:

O medo é uma emoção, Por assim dizer, ‘fundamental’, ou seja, universal, inevitável e necessária. Como todas as espécies animais, o ser humano está programado pela natureza e pela evolução para experimentar medo na presença de certas situações. Temos necessidade do medo, pois ele é um sinal de alarme destinado a facilitar nossa vigilância ante os perigos e aumentar assim nossas chances de sobrevivência. (ANDRE, 2007, p. 13)

Podemos dizer que, nesta pesquisa, o medo é também fundamental na construção da arquitetura que ele qualifica, e leva a que habitantes e usuários de equipamentos das cidades, busquem proteção em espaços guardados por grades, muros e sofisticados dispositivos de segurança.

Cientistas afirmam que muitos dos nossos medos nos vêm como herança de nossos ancestrais, e que os maiores medos pertencem ao “pool genético” da espécie humana. Cole e Arnold Wilkins, da Universidade de Essex, na Inglaterra, explicam que alguns medos têm base na herança genética de antepassados. Pertencentes também à genética são: o medo do escuro e de alturas, medos que de certo modo ajudaram na preservação da espécie humana. Nos primórdios da humanidade, escreve Andrew Tarantola:

“[...] estávamos longe do topo da cadeia alimentar. Nossos ancestrais rapidamente aprenderam que muitos predadores preferem se esconder na escuridão para caçar e essa associação foi fortalecida no nosso subconsciente: fique longe da escuridão, é nela que está o perigo.”<sup>42</sup>

Se nunca, desde nossos antepassados tivesse havido medo de alturas, não se saberia que tipos de humanos existiriam hoje, ou se existiriam.

Um estudo da Universidade de Toronto sugere que o medo comumente se manifesta através da ansiedade. Segundo esse estudo a emoção da ansiedade tem papel específico nas nossas respostas comportamentais para estimular, assim as

---

<sup>42</sup> Pesquisado em 10/04/2016

em: <http://gizmodo.uol.com.br/giz-explica-medo-do-escuro/>

emoções de amor, raiva e tristeza, agindo para aumentar nossa capacidade de lidar com o estresse e explorar totalmente as oportunidades benéficas.

Segundo Isaac M. Marks e Randolph M.

Cada emoção pode ser pensada como um programa de computador projetado para atingir determinadas tarefas particularmente bem (Nesse 1990). Se a tarefa atual é cortejo, o amor romântico é útil. Se alguém está sendo traído, a raiva é útil. Se um tigre está atacando, então o medo e esquivas são os melhores. Se as pessoas estão sendo desaprovadas, a ansiedade social pode ser apropriada. Diferentes emoções, no entanto, precisam ser orquestradas, assim como funções endócrinas precisam ser coordenadas em uma orquestra endócrina. Respostas emocionais precisam se adequar a desafios diferentes, nos quais cada emoção se encaixa em uma situação específica. (MARKS. M; M. Randolph apud TARANTOLA, 2013)<sup>43</sup>

Por extensão da análise acima, parece normal que o medo de ser assaltado ou mesmo perder a vida levem à busca de estratégias de proteção em moradias e em outros equipamentos urbanos. Vê-se então a arquitetura sempre pensada nos seus aspectos funcionais e de segurança em vários aspectos, inclusive, contra a violência urbana. Não há dúvida que espaços de comércio como Shopping Centers têm sistema de proteção mais confiável que espaços de ruas de muitas cidades, onde se corre o risco de ser vitimado por um veículo desgovernado, balas perdidas, por assaltos, e outras violências. Embora já se tenha notícias de violências e arrastões em centros comerciais, o fato de haver mais vigilância que nas ruas inibe mais criminosos que buscam lugares menos protegidos, como praças pouco freqüentadas e ruas desertas e escuras. A violência no Brasil se encontra em locais públicos até mesmo de muita freqüência e uso.

### 5.3.1. O Medo normal

O psiquiatra Isaac Marks, renomado pesquisador da Universidade de Londres em transtornos de ansiedade escreveu sobre o medo normal:

O medo é um legado evolutivo vital que leva um organismo a evitar ameaças, tendo um valor óbvio na sobrevivência.

É uma emoção produzida pela percepção de um perigo presente ou iminente, sendo normal em situações apropriadas.

Sem nenhum medo, poucos poderiam sobreviver por longo tempo, em condições naturais...

---

<sup>43</sup> Ibid.

Ele nos ajuda a combater inimigos, dirigir com cuidado, saltar de paraquedas com segurança

E a fazer provas, ter um preparo adequado para falar diante de uma plateia exigente...

Deve haver uma quantidade ideal de medo para haver um bom desempenho.

Se for pequena, o cuidado será menor, aumentando assim o risco.

Se for excessiva, a reação será inibida. Pode-se ver que o medo na intensidade certa, protege o ser humano.<sup>44</sup>

O psiquiatra lembra várias situações da vida cotidiana em que o medo é útil como ao atravessar uma rua, quando se faz necessário verificar o movimento de veículos para evitar atropelamento. Não é difícil imaginar inúmeras situações em que estar cautelosos ou com medo nos pode até salvar a vida.

Considera-se o medo, anormal, patológico, quando ele se torna exagerado, ou mesmo irracional – como acontece com alguém que tenha pavor de formigas, de entrar em elevadores, ou de falar com as pessoas – e passa a ser considerado um medo anormal, tornando-se desta forma um transtorno de ansiedade.

Considerado em termos clínicos e fisiológicos, o medo é uma emoção-choque, frequentemente precedida de surpresa, provocada pela consciência de um perigo iminente ou presente. O medo alerta o organismo que reage

[...]por comportamento somáticos e alterações endócrinas que podem ser muito contrastantes, dependendo das pessoas e circunstâncias: aceleração ou diminuição do ritmo cardíaco, respiração muito rápida ou muito lenta, contração ou dilatação dos vasos sanguíneos, aumento ou diminuição da secreção das glândulas, paralisação ou exteriorização violenta e no limite, inibição ou, ao contrário, movimentos desconexos e atabalhoados. (DELUMEAU, 2007, p. 39)

Essa descarga é manifestação de defesa, mas nem sempre usada conscientemente pelo indivíduo. Quando o medo é coletivo então é possível ocorrer o pânico como aconteceu na história: Delumeau enumera alguns pânicos ao longo da história da França como o “Grande Medo” camponês de 1789; a derrota caótica do exército de Napoleão III, em 1870, pelos prussianos, evocada por Zola em *La débâcle* (1892); o êxodo massivo em junho de 1940.

Evitar o medo que se repete a cada situação de perigo como nos assaltos em que diariamente muitas pessoas são vítimas é muito significativo para a saúde

---

<sup>44</sup> Pesquisado em 3 de jan. 2013. <http://www.medosefobias.com.br/medo/>

mental, pois a experiência repetida dessas emoções do medo pode levar à angústia, que diferente do medo que tem objeto definido, a angústia é

[...] uma espera dolorosa diante de um perigo tão temeroso que não se consegue 'nomeá-lo'. Assim como medos repetidos podem levar à angústia, reciprocamente, um temperamento ansioso corre o risco de estar mais sujeito ao medo do que um outro. ( DELUMEAU, 2007, p. 40)

Certamente estas são informações usadas na produção de subjetividade que leva a construção de arquiteturas do medo, como a que estudamos num recorte urbano em Fortaleza. A mídia é uma importante colaboradora nesse processo de construção do medo repetindo, à exaustão, casos semelhantes acontecidos com muitos habitantes de cidades brasileiras. (ver nos anexos algumas manchetes se jornais de Fortaleza sobre a violência urbana)

#### 5.4. VIOLÊNCIA URBANA E MEDO

Apresentamos aqui os conceitos mais atuais sobre medo e violência urbana, considerados nesta pesquisa, suas origens e suas conseqüências na vida das pessoas, principalmente quanto aos modos de proteção pretendidos, e que se materializam na contemporaneidade no Brasil e no mundo, atualizadas pelas especificidades locais em tipos especiais de configuração arquitetônica e urbana. Há suposições de que tais configurações, aqui denominadas de arquitetura do medo, trazem as marcas principalmente da violência urbana e da segregação sócio espacial desejada por medo ou mesmo pela simples vontade de isolamento e/ou preconceitos contra o outro o diferente o desconhecido. São processos sociais políticos urbanos, que afirmamos, se enquadram no que Felix Guattari denomina de desequilíbrio das três ecologias, ou falta de articulação ético-política (ecosofia) entre os três registros ecológicos, o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana.(GUATTARI, 2011, pag 7) Conforme Guattari (GUATTARI, 1980), este desequilíbrios estão relacionados às “intensas transformações tecnológicas” por que passa o planeta, de modo a ameaçar a vida na sua superfície, caso não sejam remediados. Junto com estas transformações os modos de vida humanos individuais e coletivos evoluem no sentido de uma progressiva deterioração, com a tendência de redução ao mínimo das redes de parentesco; numa “gangrenagem” da vida pelo consumo da mídia e ossificação da vida conjugal e familiar por [...] uma espécie de padronização dos comportamentos, as relações de

vizinhança estão geralmente reduzidas a sua mais pobre expressão...” (GUATTARI, 1980).

Veremos teorias sobre a construção social do medo da violência urbana na contemporaneidade, e alguns de seus efeitos na vida e produção do espaço das cidades também em outros países, visto que a violência urbana de algum modo mais abrangente está presente em muitas partes do mundo atual, embora atualizado por modos, intensidades e especificidades diferentes para diferentes regiões. Estas diferenças no atual estágio tecnológico da telecomunicação são conhecidas e comparadas globalmente em tempo real, geram novas consequências ao nível do que se diz e o que se vê, potencializado enunciados que ensejam novas construções de subjetividades, principalmente as de interesse capitalístico. A invasão da tecnologia na vida cotidiana deu novo desenho ao “panóptico” a atual sociedade de controle herda esse dispositivo em versão atualizada nas “tornozeleiras eletrônicas”, câmeras espalhadas por toda parte, nos dispositivos móveis de comunicação que permitem conhecer as pessoas suas necessidades, seus gostos, seus movimentos no planeta. No estágio tecnológico atual, o que se diz e o que se vê acontece em escala global. Não é difícil imaginar o potencial da informação globalizada, tanto para congregar interesses do bem estar mundial como para convocação à um terrorismo global, como já se vê acontecer.

Abordaremos o fenômeno do medo urbano relacionado não só à violência mas à aspectos ligados à globalização da economia; à redução do estado de bem estar social; ao acirramento da disputa por trabalho em vários países gerando processos xenofóbicos, raciais e de segregação, apontando para conflitos violentos e medo nas cidades em alguns países. Processos que acontecem no Brasil serão também mostrados pois, Fortaleza é hoje considerada a mais violenta cidade brasileira e comparada num ranking<sup>45</sup> de 2015 entre as cidades mais violentas do mundo, está em 12º lugar, mais violenta que Natal e Salvador que estão em 13º e 14º respectivamente.

Mostraremos também neste capítulo a questão do medo da violência sob uma perspectiva global e chegaremos às especificidades do estudo do medo da violência urbana na cidade de Fortaleza (CE) com aprofundamento apenas suficiente ao

---

<sup>45</sup> Pesquisado em 12/11/2016 em: <http://g1.globo.com/ceara/noticia/2016/01/fortaleza-aparece-como-cidade-mais-violenta-do-brasil-e-12-do-mundo.html>

entendimento e coerência com enunciado da tese<sup>46</sup>. Os campos teóricos pertinentes a pesquisa, e tratados aqui, pode ser visto na figura (diagrama - 2) já apresentado no Item 5 (campos teóricos da pesquisa no primeiro capítulo e que, por conveniência de leitura, o repetimos aqui).

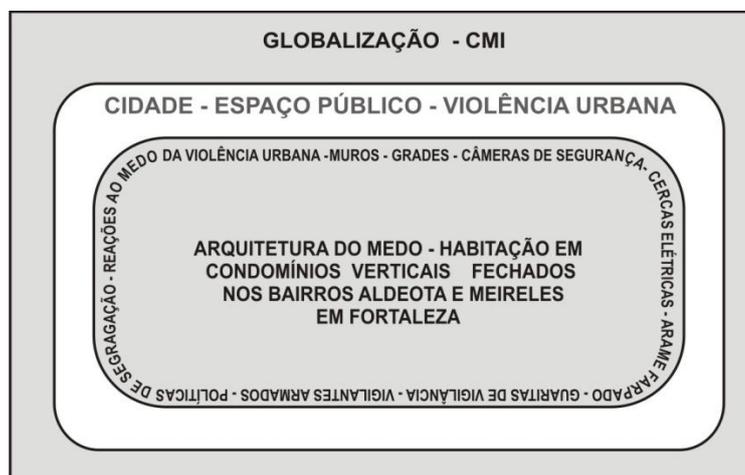


Figura 13. Diagrama. 02a - ( Limites – o Fora e o Dentro - Diferenças)<sup>47</sup>

Consideramos para esta pesquisa a importância de saberes disciplinares (estratificações) e conteúdos (o que se diz e se vê) que estão lançados neste capítulo dois, de forma que se constituam o “Fora” para estudos de subjetividade capitalística no terceiro capítulo onde estaremos simultaneamente conduzindo e apresentando a pesquisa, levando em conta “*micropolíticas urbanas e processos de subjetivação*”<sup>48</sup>. Visualizamos no (diagrama-2 anexo), coisas de que se pode falar e também ver no âmbito desta pesquisa, e mais especificamente, os relacionados ao planejamento das cidades, e à violência urbana e ao medo, sob o regime da Globalização, para alguns autores, ou (CMI) - Capital Mundial Integrado, para outros.

<sup>46</sup> A Arquitetura do Medo, além da intenção de reduzir medo, ajuda a promover a produção imobiliária principalmente da habitação nas cidades brasileiras violentas, independentemente, de classificações territoriais relacionadas aos potenciais riscos da violência, em qualquer área urbana edificável, em detrimento da segurança das ruas e outros espaços públicos abertos, em áreas de implantação e influência deste modelo de configuração de arquitetura encontrado no recorte em estudo.

<sup>47</sup> Fonte: o autor da pesquisa.

<sup>48</sup> MAGNAVITA, Pasqualino Romano. Micropolíticas Urbanas e Processos de Subjetivação. Anais XIII Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional. 25 a 29 de maio de 2009. Florianópolis-Santa Catarina- Brasil. <http://unuhospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/anais/article/view/3246>

Estes saberes são apresentados neste capítulo ainda num diagrama ARBORESCENTE como estão formatadas muitas das informações dos temas tratados aqui por diversos autores neste capítulo, e que serão suporte para o desenvolvimento da pesquisa e sua exposição no terceiro capítulo de onde pretendemos, sempre que se fizer necessário retornar e visitar conceitos que poderão estar em qualquer parte deste capítulo e podem constituir o “Fora”, fonte de agenciamentos coletivos de enunciação necessários à subjetivação, à “dobra” e territorializações relacionadas a arquitetura investigada, permitindo afirmar a tese: a arquitetura do medo como forma de reprodução do capital.

### 5.5. GLOBALIZAÇÃO, VIOLÊNCIA, MEDO

O processo de globalização da cultura e da economia mundial traz entre suas consequências, o acirramento das diferenças cada vez marcantes entre os que se incluem nos benefícios da civilização, das riquezas, e os excluídos das condições mínimas de uma vida digna, dos direitos humanos e do atendimento das necessidades básicas, como: alimentação, saúde, educação, moradia segurança. O cenário que se vislumbra com essa tendência de acirramento das diferenças, é o inevitável confronto de interesses e polarização das desigualdades. Países e cidades sofrem as mudanças dessa ordem globalizada, que se estrutura em diferenças, dicotomias.

É na compreensão do processo global de homogeneização das práticas voltadas à reprodução do capital à fragmentação dos espaços e das atividades produtivas e à hierarquização do direito de moradia digna e aos bens e serviços, que se explicam os medos e, particularmente, o medo da violência urbana, bem como, a sua expressão na arquitetura e no espaço urbano como tendência de separação e criação de barreiras físicas e sociais, no desenho das cidades, e que têm relação direta com o tema desenvolvido neste trabalho.

São muitos os autores (de percepção macro da realidade) que tratam dos temas ou conceitos aqui abordados. Em relação ao indivíduo e a sociedade, revisitamos esses conceitos em Norbert Elias; com relação à violência urbana e à segregação destacamos: Loïc Wacquant, Yves Pedrazzini. Em relação ao medo, destaca-se o sociólogo polonês, Zygmunt Bauman, com vários trabalhos, que abordam aspectos gerais do medo e suas relações mais diretas com a cidade em

tempos de globalização, e Barry Glassner sobre o medo e a mídia. Dada a importância da globalização na constituição de nossa sociedade contemporânea, com reflexos na problemática que tratamos nesta pesquisa, vimos sobre esse processo, Noam Chomsky, Hans Peter Martin e Harald Schumann, Léfèbvre, Maria de Lourdes Rollemberg Mollo e Paul Singer. Ver-se-á na apresentação de alguns desses autores um explícito processo de tentativa de construção de subjetividade capitalística relacionada a possibilidade de exploração das potencialidades do Brasil por parte dos Estados Unidos.

#### 5.6. DEMOCRACIA E MERCADOS NA NOVA ORDEM MUNDIAL<sup>49</sup>

Antes de se trabalhar o conceito geral de globalização como processo que contribui atualmente para o enriquecimento de poucos e o empobrecimento de muitos, gerando violência, segregação e alterações na urbanização, optamos por enfatizar a aplicação da globalização em seu início com os Estados Unidos desenvolvendo para vários países e inclusive para o Brasil, suas políticas de dominação e exploração, e como o Brasil fez parte da política de globalização americana nos anos 1970, gerando o conhecido “milagre econômico” brasileiro. Isso caracteriza muito bem a preocupação de construção de subjetividades dos Estados Unidos com relação ao Brasil para implantação de ações de dominação capitalística. É uma questão a ser revista sob uma ótica da construção da subjetividade capitalística no terceiro capítulo.

O assessor de Segurança Nacional dos Estados Unidos, Anthony Lake em setembro de 1993, quando apresentou a Doutrina Clinton, disse: “Durante a guerra fria nós contivemos a ameaça global contra as democracias de mercado: agora deveríamos cuidar de ampliar o alcance delas”. O “novo “mundo” “que se descortina perante nós, “apresenta” imensas oportunidades” para avançar no sentido de “consolidar a vitória da democracia e dos mercados abertos”, acrescentou um ano depois. (CHOMSKY, 2008, p.7)

Para Noam Chomsky, isso é uma imagem convencional quanto a nova era em que estamos entrando. Para Lake, a “verdade duradoura” é que os Estados

---

<sup>49</sup> CHOMSKY, Noam. Democracia e mercados na nova ordem mundial.(pág.7-45) In:GENTILI, Pablo. Organização. Globalização Excludente; Desigualdade, exclusão e democracia na nova ordem mundial.

Unidos, na guerra fria fazia a defesa da liberdade e da justiça contra o fascismo e o comunismo e foi apenas uma fase na história de dedicação, visando “ uma sociedade tolerante, na qual líderes e governos existem, não para usar e abusar das pessoas, mas para lhes prover com liberdades e oportunidades” Essa é a “cara constante” do que os Estados Unidos têm feito no mundo e a “idéia” para Lake, que os Estados Unidos estão “defendendo” novamente na atualidade.

É nessa “verdade duradoura sobre esse novo mundo” que pensam poder os americanos, desempenhar a missão histórica “deles” (segundo Lake), de maneira mais efetiva, fazendo frente aos “inimigos da sociedade tolerante” – à qual dizem, sempre foram dedicados e que continuam de pé. E que os desloca da “contenção” para o “engrandecimento”.

Concluindo essa “visão de política exterior” Lake acha que, felizmente para o mundo, os Estados Unidos são a única superpotência na história no sentido de que “não estamos procurando expandir o alcance das nossas instituições mediante a força, subversão ou repressão”, mas utilizando persuasão, compaixão e meios pacíficos.

A temática básica da política externa americana foi expressa de forma mais sucinta pelo diretor do Instituto Olin para Estudos Estratégicos de Harvard, na revista acadêmica *International Security*:

Os Estados Unidos têm de manter a sua “primazia internacional” em benefício do mundo, explicava Samuel Huntington, porque, caso único entre as nações, sua “identidade nacional está definida por uma série de valores políticos e econômicos universais”, particularmente “liberdade, democracia, igualdade, propriedade privada e mercados”; “a promoção da democracia, os direitos humanos e os mercados são [sic] muito mais importantes para a política americana do que para a política de qualquer outro país.(CHOMSKY, 2008, p. 8)

A apreensão dos valores e objetivos dos americanos para com o resto do mundo pode se dar pela análise de suas posturas e ações relativas a esse mundo.

Os contornos desse mundo foram delineados por Madaleine Albright, embaixadora dos EUA nas Nações Unidas, bem ao tempo em que Lake elogiava “nosso histórico compromisso” com os princípios pacifistas. Ela afirmou ao Conselho de Segurança que duvidava da resolução encaminhada pelos Estados Unidos relativa ao Iraque: os Estados Unidos continuarão a agir de maneira “multilateral quando pudermos, e unilateral quando tivermos que fazê-lo”. Faça o seu jogo como bem quiser, mas no mundo real “se faz o que nós dizemos” (*What we say goes*), como expressava o presidente Bush, enquanto uma chuva de bombas caía sobre o Iraque. Os Estados Unidos têm o direito de agir unilateralmente – instruía a embaixadora Albright, dirigindo-se ao errado conselho – porque “ nós reconhecemos [o Oriente Médio] como vital para os interesses nacionais norte-americanos. (CHOMSKY, 2008, p.12)

Para Chomsky, o Iraque seria bom exemplo para ilustrar “verdades duradouras” do mundo real, porém afirma que é mais instrutivo olhar para a região onde os Estados Unidos têm tido a maior liberdade para agir a seu bel-prazer, de sorte que a sua versão do “interesse nacional” que representa são exibidos com toda clareza. Chomsky se refere a mesma região do Hemisfério Sul a que se referiu o secretário de guerra Henry Stimson no fim da segunda guerra: “a nossa pequena região logo ali com a qual nunca ninguém se incomodou”. Nessa ocasião, Stimson explicava que todos os sistemas regionais devem ser desmantelados – à exceção do nosso, que deve ser estendido; uma posição razoável, visto que “o que era bom para nós era bom para o mundo” e tudo o que fazemos é “parte de nossa obrigação para com a segurança do mundo”.

Assim, a Guerra do Golfo foi uma reação à proposta de Saddam Hussein de que os assuntos de outra região “vital para os interesses norte-americanos” fossem conduzidos por uma organização regional.

Chomsky analisa a relação dos Estados Unidos com os países sul-americanos e da América Central, mas é importante aqui tratar da análise que ele sugere e faz com relação ao Brasil:

O exemplo que sugiro analisar é o Brasil, descrito em décadas anteriores como “o colosso do sul”, um país com enormes riquezas e vantagens e que deveria ser um dos mais ricos do mundo. “Não há no mundo melhor território para a exploração do que o Brasil” observou o *Wall Street Journal* há 70 anos. Na época os Estados Unidos cuidavam de deslocar seus principais inimigos, França e Inglaterra, embora estes conseguiram ficar até a Segunda Guerra Mundial, quando os Estados Unidos deram conta de excluí-los da região e apossar-se do Brasil como “área de experimentação para métodos modernos de desenvolvimento industrial”, nas palavras duma muito reputada monografia escolástica sobre as relações Estados Unidos Brasil, escrita pelo historiador e diplomata Gerald Haines, que também é prestigioso historiador de Cia, esse foi elemento componente dum projeto global, onde os Estados Unidos “assumiram por interesse próprio a responsabilidade, visando o bem-estar do sistema capitalista mundial” (Haines). Desde 1945, a “área de experimentação” têm sido favorecida por intensa orientação e tutela dos Estados Unidos. O resultado é “uma verdadeira história de sucesso americano”; as políticas americanas para o Brasil têm tido enorme “êxito”, gerando “um crescimento econômico impressionante, baseado solidamente no capitalismo”, um testemunho vivo dos nossos objetivos e valores. (CHOMSKY, 2008, p. 14)

Continuando sua análise sobre o Brasil Chomsky afirma que no caso do Brasil o sucesso das investidas dos Estados Unidos sobre o Brasil é real. Os investimentos e ganhos norte-americanos floresceram e a pequena elite brasileira deu-se maravilhosamente bem: um “milagre econômico”, no sentido técnico do termo. Até

1989, o crescimento brasileiro chegou a superar com vantagem o do Chile – muito elogiado- que ora é o aluno-estrela, pois o Brasil “

[...]sofreu um colapso e com isso mudou automaticamente de triunfo de uma democracia de mercado para amostra dos fracassos do estatismo, se não marxismo – uma transição realizada sem esforços e de forma rotineira dentro do sistema doutrinal, conforme as circunstâncias exigirem”. (CHOMSKY, 2008, p. 14)

Enquanto isso, no apogeu do milagre econômico, a esmagadora maioria da população situava-se entre as mais miseráveis do mundo.

Sobre o momento do "milagre brasileiro", Celso Furtado<sup>50</sup> se expressa:

Em síntese, nesse período, não obstante um considerável aumento do produto interno, não se assinala, na economia brasileira, nenhum ganho de autonomia na capacidade de auto-transformação, nem tampouco qualquer reforço da aptidão da sociedade para auto-financiar o desenvolvimento".

Nesta época, o Brasil tornou-se exportador de manufaturados para muitas empresas multinacionais em busca de economia no custo da mão de obra. Nos centros urbanos das regiões mais industrializadas do país, as pressuposições do individualismo tornaram mais verídicas para a maioria, à medida que aqueles que tinham capital humano procurado pelo “mercado” tiveram a oportunidade de conquistar bons empregos e gozar de um padrão de vida muito melhor. (SINGER, 1998, p. 83)

A história de sucesso para investidores estrangeiros e uma fração da população refletem os valores por que se norteiam os tutores e realizadores dessa política. Seu objetivo, como descrito por Haines, consistia em “eliminar toda competência estrangeira” da América Latina, a fim de “manter a área como um mercado importante para o *surplus* da produção industrial norte-americana e investimentos privados e explorar as amplas reservas de matérias primas e manter afastado o comunismo internacional”. Com relação ao “comunismo” que pretendiam afastar, assinala Haines que a inteligência norte-americana não encontrou indícios de que o “comunismo internacional” tenha tentado “se meter”, mesmo se isso tivesse sido uma possibilidade. O temor ao comunismo, e às tentativas de conter a ameaça mundial às democracias de mercado, levaram a preparação do golpe dos militares em 1964 no Brasil. Fato que teve efeito dominó estendendo a repressão a partir do “Colosso do sul” através de todo o continente, com apoio e envolvimento dos Estados Unidos. O modo como alguns se referem aos comunistas é digno de menção:

O termo comunismo no sentido técnico da cultura de elite foi incisivamente esclarecido por John Foster Dulles numa conversa com o presidente Eisenhower, que observara tristemente que no mundo todo os comunistas locais desfrutavam de vantagens injustas. Eles tinham condições de “apelar

---

<sup>50</sup> FURTADO Celso. *O Brasil Pós-milagre*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1981.

diretamente para as massas”, queixava-se Eisenhower. É um recurso “que nós não podemos imitar”, acrescentou Dulles, explicando por quê: “Eles apelam para os pobres, e estes sempre quiseram roubar dos ricos”. Nós achamos difícil “apelar para as massas”, em vista do nosso princípio de que os ricos têm de roubar aos pobres, um problema de relações públicas que fica sem solução. (CHOMSKY, 2008, p. 16)

Essa visão negativa dos pobres está na base dos processos da segregação, medo e violência urbana.

## 5.7. GLOBALIZAÇÃO

### 5.7.1. Aspectos Históricos

O processo de globalização promove fácil e livre movimentação de mercadorias de capitais através das fronteiras nacionais e atingiu seu auge por volta da segunda metade do século XIX, que, para muitos economistas, como Singer, “[...] foi quando o padrão-ouro proporcionou moedas automaticamente conversíveis e se criou um conjunto de instituições destinadas a garantir o livre-câmbio e as inversões estrangeiras”. (SINGER, 1998, p. 19). Ainda para Singer, esta foi uma tentativa de globalização que não deu certo por causa das duas grandes guerras Mundiais (1914-18) e (1939-45) e a grande crise intermediária dos anos 30. As economias nacionais “[...] trataram de proteger suas indústrias e comandar a acumulação de capital dentro de seu território, caindo o intercâmbio comercial e financeiro entre elas a níveis irrisórios”. (SINGER, 1998, p. 19).

De acordo com SINGER:

Após a segunda Guerra Mundial, os vencedores, capitaneados pelos Estados Unidos colocaram a retomada da globalização econômica como objetivo primordial. As instituições criadas na Conferência de Breton Woods, ainda em 1944, receberam um claro mandato nesse sentido ( a ex-URSS só se manifestou contra quando se recusou participar do Plano Marshall e do FMI, mas sua oposição só teve efeito sobre os países de sua área de influência). (SINGER, 1998, p. 85)

A globalização como conhecemos hoje é um processo que já tem mais de 60 anos e se realizou sem solução de continuidade. Pode-se comprovar isso pela observação do crescimento contínuo do valor de trocas internacionais e dos investimentos estrangeiros.

De acordo com Maizels, entre 1948-50 e 1957-59, a produção industrial do mundo cresceu 60% ao passo que o comércio mundial de produtos industriais cresceu 90%; a produção mundial de produtos primários aumentou 30% e o

comercio internacional dos mesmos 57%. O aumento maior do intercâmbio em relação à produção é uma das medidas da globalização.

Desde a guerra, uma notável retomada teve lugar nos movimentos internacionais de capital, cujo volume subiu mais depressa do que o comércio mundial e a produção industrial durante os últimos quinze anos". [...] No período de 1946 a 1950, o fluxo líquido de capitais privados de longo prazo dos países que são tradicionais exportadores de capital foi em média de 1,8 (bilhão de dólares ao ano) igual à metade da média dos 20 anos). Na década seguinte, ele subiu para 2,9 bilhões ao ano, chegando ao pico de 3,6 bilhões em 1958 [...]". (DUNNING, 1964, p.64)

Para Singer, a globalização em curso tem duas etapas: a primeira do fim da guerra ao fim dos anos 60, quando ela abarcava, sobretudo os países hoje considerados desenvolvidos; a segunda que já dura cerca de um quarto de século e que inclui uma boa parte do Terceiro Mundo; e mais recentemente, os países que compunham a ex-URSS e seus antigos satélites. Como se vê, pouco a pouco a globalização vai fazendo jus a seu nome.

Com relação ao trabalho, Singer distingue entre desemprego e precarização do trabalho. Para ele o que ocorre com a globalização tem o segundo como designação mais apropriada, pois os novos postos de trabalho, que surgem das transformações das tecnologias e da divisão internacional, não oferecem, em sua maioria, ao seu eventual ocupante as compensações usuais que as leis e contratos coletivos vinham ganhando". O que gera a insegurança e o medo a que Bauman se refere com frequência em suas análises do medo na globalização.

Muitos dos novos postos de trabalho são ocupações por conta própria, reais ou apenas formais. Um usuário de computador nos dias atuais, pode prestar serviços a empresas, sem qualquer contrato além da transação pontual. São trabalhadores que podem prestar serviço a milhares de quilômetros de sua sede de emprego. Esse é um exemplo que combina os efeitos da globalização com os da revolução microeletrônica e das rendes mundiais de computadores.

A ocupação pode ser formal, como no caso de empresas que são contratadas para prestar serviços a outras esporadicamente, como equipes de contabilidade, fornecedores de refeições para indústrias, empresas de vigilância, etc. Funções que antes eram de equipes próprias das empresas que agora contratam esses trabalhos. Agora os profissionais, fornecedores desses serviços, sem vínculos necessariamente fixos, podem ter liberdade de trabalhar "por conta própria" para vários clientes, mas também correm o risco de perder para outro fornecedor, e isso é um fator de insegurança e medo, pois perdem a segurança antes existente. De igual

modo, profissionais liberais sentem esse problema quando têm que optar em se engajar a uma firma que os contrata por um salário fixo, porém reduzido, mas que podem ser mais seguros do que a tentativa de montar seu próprio negócio correndo riscos de prejuízos. A precarização do trabalho é então uma dos problemas da globalização. Mais recentemente no Brasil o governo vem tentando desestabilizar os vínculos de segurança com propostas de terceirização para funções exercidas antes com vínculo empregatício, fragilizando o emprego fixo. Para Singer(1998), a tendência é que empregos estáveis só sejam assegurados a um núcleo de trabalhadores de difícil substituição (como acontece em empresas como a Ford e outras de trabalho especializado) em função das qualificações, de sua experiência e de suas responsabilidades. Ao redor deste núcleo variável pode existir um número variável de trabalhadores periféricos, engajados por um prazo limitados, pouco qualificados e, portanto substituíveis.

Para Singer, os sindicatos quando existem, contribuem para a garantir direitos dos trabalhadores e dar certa segurança. O processo de

[...] precarização do trabalho só se explica pela derrota decisiva do movimento operário, do qual sindicatos e partidos são a espinha dorsal. Mesmo quando o partido historicamente ligado aos trabalhadores vai ao governo, ele se aparta do movimento sindical e permite a precarização do trabalho. Foi o que acabou ocorrendo, nos anos 80 e 90, com Mitterrand na França e com Gonzalez na Espanha, por exemplo.(SINGER, 2008, p. 26).

Mais recentemente no Brasil, com a derrota do Partido dos Trabalhadores e a grande onda de corrupção e expropriação das riquezas minerais, aumentam as oportunidades para o enfraquecimento do Estado provedor dos mais pobres, numa visível construção de desequilíbrio da “*ecologia social*” (grifo nosso), uma das três ecologias tratadas por Guattari.

A teoria da segmentação do trabalho feita com base em estudos dos anos 60 e início dos 70, nos Estados Unidos, sustenta que o mercado de trabalho nos EUA está dividido em dois segmentos: um primário em que os trabalhadores são mais bem pagos, têm estabilidade e, sobretudo perspectivas de carreira; outro secundário, em que as condições são opostas.

Ewards (1979, p. 167) oferece uma enumeração interessantíssima das ocupações que compõem o segmento secundário do mercado de trabalho: postos de baixa qualificação em firmas industriais pequenas, não sindicalizadas; ocupações em “serviços” como faxineiros, garçons, auxiliares de enfermagem, entregadores e mensageiros, recepcionistas, guardas, prestadores de cuidados pessoais; posições de baixo nível no comércio atacadista e varejista, como vendedores e tomadores de pedidos, expedidores, estoquistas etc.; ocupações de escritório de nível mais baixo como datilógrafos, arquivistas, digitadores etc.; trabalhadores empregados

sazonalmente na agricultura; e ainda ensino em tempo parcial e tecelagem no sul dos EUA. Todos estes eram ainda assalariados, provavelmente com exceção dos trabalhadores sazonais, nos anos 70. Pois eles estão sendo crescentemente precarizados desde então, engajados com autônomos, avulsos, trabalhadores em tempo parcial ou por tempo limitado etc. Isso quando a ocupação não foi eliminada pelos progressos da informática e da telemática.

Edwards divide os trabalhadores primários em duas subcategorias: primários subordinados e primários independentes. Os primeiros correspondem “as ocupações posições da classe operária tradicional”, além das posições de trabalhadores sindicalizados nos níveis mais baixos do trabalho de vendas, escritórios e administração” (EDWARDS, 1979, p. 171), e se distinguem dos secundários, assim como dos primários independentes.pela importância da presença sindical. Os primários independentes, por sua vez, estão em três tipos de ocupações: posições intermédias (mestres, guarda livros, secretárias), ofícios manuais(eletricistas, mecânicos) e cargos de profissionais liberais(investigadores científicos contadores, engenheiros). O que diferencia os primários subordinados dos independentes é que as tarefas dos primeiros são “repetitivas, rotineiras e sujeitas ao ritmo das máquinas” que operam (EDWARDS, 1979, p.174)

Com base nessa classificação, torna-se claro que os denominados, trabalhadores primários subordinados foram os mais afetados pelas mudanças tecnológicas. Os processos de robotização atingiram precisamente o trabalho repetitivo e rotineiro que com a máquina tornou-se mais rápido e preciso. O efeito da robotização sobre a classe operária industrial tem sido devastador, levando muitos ao desemprego.

Não se erra ao afirmar que não é só o Primeiro mundo que sofre a precarização do trabalho, desde a década de 90 ela se estende a países periféricos e no Brasil ela já se faz sentir, ao menos desde 1986-90 e tudo leva a crê que se intensificou desde então.(SINGER 2008)

### 5.7.2. A Globalização Atual

A globalização da economia hoje, se caracteriza pela expansão do mercado e aparente desaparecimento das fronteiras nacionais. É uma continuação do processo de internacionalização do capital “[...]que se iniciou com a expansão do comércio de mercadorias e serviços, passou pela expansão dos empréstimos e financiamentos e em seguida generalizou o deslocamento do capital industrial através do desenvolvimento das multinacionais.(MOLLO, 2001 p. 1)<sup>51</sup>

---

<sup>51</sup> MOLLO, Maria de Lourdes Rollemberg. Globalização da Economia, Exclusão Social e Instabilidade. Disponível em: <http://www.cefetsp.br/edu/eso/globalizacao/globalizacaoeconomia.html>

Segundo Mollo, a fase atual de globalização caracteriza-se por:

a) deslocamento espacial das diferentes etapas do processo produtivo, de forma a integrar vantagens nacionais diferentes<sup>(2)</sup>; b) desenvolvimento tecnológico acentuado, nas áreas de telemática e informática, usando-o de forma a possibilitar o deslocamento espacial das fases de produção e reduzindo tempo e espaço no processo de comercialização; c) simplificação do trabalho, para permitir o deslocamento espacial da mão de obra; d) igualdade de padrões de consumo, para permitir aumento de escala; e) mobilidade externa de capitais, buscando rentabilidade máximas e curto prazo; e f) difusão (embora desigual) dos preços e padrões de gestão e produção, mantendo, todavia, diferenças de condições produtivas que são aproveitadas no deslocamento da produção.<sup>52</sup>

Ainda segundo Molo, no processo de globalização há uma busca maior da concorrência e a ampliação máxima do mercado, impulsionando no mundo inteiro a prática do liberalismo econômico. Paralelo a abertura comercial generalizada aconteceu no mundo todo a difusão dos processos de desregulamentação e privatização. Em decorrência dessa prática, o Estado teve funções reduzidas e sua atuação dificultada uma vez que a mobilidade de capitais acentuada torna os países extremamente vulneráveis a mudanças nas expectativas, e inviabiliza o prosseguimento de políticas internas. Além disso, a privatização desordenada e o desmonte do aparelho estatal tiram instrumentos e margem de manobra do Estado.

### 5.7.3. Globalização e Desemprego

A globalização, permitindo deslocar a produção de bens de consumo para onde houver maior facilidade e menor preço de produção, tem criado para os países, desempregos locais e consequentes problemas para os trabalhadores. Há a possibilidade de deslocamento de produção para reduzir de preços, como exemplifica Chomsky:

[...] General Motors e Wolswagen podem deslocar a produção para um Terceiro Mundo restaurado no Leste, onde podem encontrar trabalhadores a custos que são apenas uma fração dos daqueles “mimados trabalhadores ocidentais”, enquanto beneficiam-se de altas tarifas protecionistas e demais amenidades que os “mercados livres realmente existentes” proporcionam aos ricos Os estados Unidos e a Grã-Bretanha conduzem o processo de pulverização dos pobres e da gente trabalhadora mas outros serão arrastados, graças à integração global..(CHOMSKY, 2008, p. 18)

---

<sup>52</sup> Ibidem

Outro exemplo de como a globalização afeta o emprego pela busca de eficiência e rapidez que possam permitir a concorrência global é dado por MARTIN & SCHUMANN:

O design por rede de vídeo e computador, através de todos os oceanos e fusos horários, é parte da reorganização mais radical até agora efetuada pelo grupo Ford". Desde princípios de 1995, as subsidiárias regionais deixaram de desenvolver seus próprios modelos. Nada de construir em um lugar, revisar em outro e ajustar num terceiro. Em vez disso, o presidente da Ford, Alex Trotam, ordenou a fusão de todas as filiais em duas grandes unidades, que atenderão o mercado na Europa e EUA, bem como na Ásia e na América Latina. O que até pouco parecia lerdo e complicado – a aplicação da mais moderna tecnologia informatizada – agora abre as portas à estrutura globalmente integrada das empresas.

Desenvolvimento de produtos, compras, comercialização – a Ford aperfeiçoa tudo on line em padrões mundiais e evita qualquer trabalho em duplicata. O resultado está nos 'carros mundiais', com os quais a Ford se ajusta à máxima eficiência possível. (SCHUMANN, 1997, p. 138)

Dá para imaginar o quanto de pessoal altamente especializado pode ser cortado, uma vez que, um só, pode estar em vários locais (vídeo conferência e envio de projetos) ao mesmo tempo. E para os mecânicos que montam os veículos muitos já são dispensáveis e muitos outros poderão ser substituídos por robôs cada vez mais desenvolvidos.

## 5.8. CULTURA DA VIOLÊNCIA

Os estudos mais atuais da violência se desenvolvem a partir da cultura comunicacional e do modo como a mídia espetaculariza, banaliza, a natureza da violência, como pode ser visto nos estudos de Glassner, em seu livro: Cultura do Medo, cujos pontos de destaque mostraremos a seguir.

### O MEDO E A MÍDIA

Barry Glassner, (2003) no livro a cultura do medo, relaciona o medo e a mídia, e mostra como são divulgados os medos que se tornam parte da vida no mundo atual.

Afirmando que "A TV não inventa o que mostra, mas escolhe o que mostrar. E sempre escolhe associar o homem negro ao crime", Barry Glassner dá um alerta para quem quer compreender o medo. A divulgação do medo se dá de forma exagerada e conduzida para propósitos de comercialização, fato que não é difícil de

constatar, bastando ver os programas de televisão relacionados a crimes e violência e ao modo como são elaborados. Não raro, vê-se pessoas não habilitadas, opinando em noticiários sobre assuntos de alta complexidade como a violência, seus modos de combate a repressão e punição.

Avaliando estatísticas, Barry Glassner constatou em uma, que o crime decresceu 20 por cento, mas as notícias sobre o crime aumentaram 600 por cento. “O crime cai, o medo do crime aumenta”.

Um dos paradoxos relativos a uma cultura do medo é que os problemas sérios continuam amplamente ignorados. A pobreza correlaciona-se com molestamento de crianças, crimes e consumo de drogas. E enquanto maior a diferença entre ricos e pobres, maiores os índices de mortalidade por doenças cardíacas, câncer e homicídios. (GLASSNER 2003, p. 27)

No seu estudo sobre o medo, Barry Glassner revela os que manipulam as percepções e lucram com as ansiedades: políticos oportunistas, organizações de defesa do interesse próprio, mídia inescrupulosa. De modo vívido e estimulante, Glassner desmascara mitos prevalecentes sobre a ruína iminente, e mostra que a difusão da cultura do medo está erodindo a confiança capaz de garantir a segurança na esfera pública.

A incapacidade brasileira de enfrentar a violência urbana tem o mesmo fundamento da americana: qualquer mudança em sociedades tão desiguais é vista e sentida com pavor. E continuamos a investir nossos medos nos alvos mais improváveis, a dissimular o que efetivamente nos inquieta. (PINHEIRO IN: GLASSNER 2003, pág. 18 )

O modo como Glassner vê o medo, nesse livro, orienta e serve de importante alerta para a investigação do medo nesta pesquisa, principalmente para maior discernimento entre o que realmente importa ou não ser estudado.

A convivência com o medo já na Europa do século XVI, [...] quando o tempo e o lugar da nossa era moderna estava para nascer, foi resumida por Lucien Febvre em quatro palavras ‘Peur toujours, peur partout’ (“medo sempre e em toda parte”).(BAUMAN 2008, pag. 8).

## 6. O INDÍVIDUO E A SOCIEDADE

A violência urbana é um conflito entre indivíduo e indivíduos, indivíduos e a sociedade e entre sociedade e sociedade. Como ponto de partida para um estudo da violência urbana, parece razoável entender inicialmente a relação entre esses dois conhecidos conceitos: o de “indivíduo” e o de “sociedade”.

Valemos-nos aqui do trabalho de Norbert Elias para o estudo desses conceitos e ver como podem ajudar no entendimento dos conflitos que acontecem no espaço urbano. Para Elias:

A relação da pluralidade de pessoas com a pessoa singular a que chamamos “indivíduos”, bem como da pessoa singular com a pluralidade, não é nada clara em nossos dias. Mas é freqüente não nos darmos conta disso, e menos ainda do porquê. Dispomos dos conhecidos conceitos de “indivíduo” e de “sociedade”, o primeiro dos quais se refere ao ser humano singular como se fora uma entidade existindo em completo isolamento, enquanto o segundo costuma oscilar entre duas idéias opostas, mas igualmente enganosas. A sociedade é entendida quer como mera acumulação, coletânea somatória e desestruturação de muitas pessoas individuais quer como objeto que existe para além dos indivíduos e não é passível de maior explicação. (ELIAS, 1994, p. 7)

Elias alerta para a importância das relações humanas, não se deixando imaginar a relação entre pessoas, como se fosse a relação mecânica entre as bolas de bilhar: “[...]elas se chocam e rolam em direções diferentes. Mas as relações entre as pessoas e os “fenômenos reticulares” que elas produzem são essencialmente diferentes das interações puramente somatórias das substâncias físicas.” (ELIAS, 1994, p. 29)

É significativo o exemplo dado por Elias (1994) de um tipo de relação humana muito simples, que é a conversa, onde um parceiro fala e o outro retruca. Nesse processo há uma seqüência de ideias entremeadas, carreando umas às outras numa interdependência contínua. Na conversa, há a possibilidade da mudança das ideias dos interlocutores, um pode até mesmo convencer o outro, “[...]ocorrendo então a passagem de alguma coisa para o outro. Esse processo das pessoas mudarem com relação as outras é que caracteriza o ‘fenômeno reticular’ em geral.” (ELIAS, 1994, p. 29)

Muitas violências poderiam ser evitadas se houvesse a oportunidade de ocorrência do “fenômeno reticular” que conduzisse ao entendimento das razões de cada oponente. Esse fenômeno nem sempre acontece e nesses casos, os preconceitos ou percepções erradas dos fenômenos embaçam o discernimento e podem levar até à violência.

O fenômeno reticular tem compreensão popular no conhecido dito: “conversando é que as pessoas se entendem”. Mas, para o objetivo de obtenção de paz entre as pessoas, faz-se necessário compreender muito mais sobre indivíduos, sociedade, e a produção das condições de suas existências.

O trabalho de Elias, obviamente, vai muito além do “fenômeno reticular” e se relaciona também à indagação:

[...] do porquê ou de que modo um grande número de indivíduos compõe entre si algo maior e diferente de uma coleção de indivíduos isolados: como é que eles formam uma “sociedade” e como sucede a essa sociedade poder modificar-se de maneiras específicas, ter uma história que segue um curso não pretendido ou planejado por qualquer dos indivíduos que a compõe”. (ELIAS, 1994, p. 16)

Outra questão analisada por Elias é a dos seres humanos como indivíduos e como sociedade, e suas auto-imagens inspiradas no desejo e no medo. Questões também relacionadas ao consumo e aos processos de construção de subjetividade, tratados mais especificamente no terceiro capítulo.

## 7. PRODUÇÃO SOCIAL DA VIOLÊNCIA URBANA

Para Yves Pedrazzini<sup>53</sup> casos de violência urbana estão na mídia mundial. Ela está em toda parte, em todos os jornais, porém, pouco se sabe a seu respeito porque, cada novo acontecimento contribui para encobrir seus reais problemas. Segundo Pedrazzini, uma nova forma de abordar o problema da violência seria [...] “*não se limitar a discutir a relação entre violência e urbanização, mas questionar como a globalização contribui atualmente para modificar sua natureza*”.<sup>54</sup> Nesta mesma direção muitos teóricos como Bauman e Wacquant encaminham seus estudos sobre a violência e o medo urbano.

### PORQUE A VIOLÊNCIA URBANA ?

Ao falar sobre as causas da violência, Pedrazzini lembra uma frase de Sloterdjick que mostra o quanto pode ser complexa a questão da violência no mundo atual: “Uma das características da condição humana é colocar os homens diante de questões desafiadoras a serem solucionadas”.<sup>55</sup> Segundo Pedrazzini, enquanto os problemas parecem cada vez mais complexos, as respostas foram simplificadas desde a pré-história. Enquanto não se responde satisfatoriamente a indagação acima, percebemos que os reais problemas do mundo, como a violência e a insegurança, são administradas por agentes policiais. (PEDRAZZINI, 2006)

Para Pedrazzini, escrever sobre a violência urbana “ [...] significa abstrair-se dos fatos violentos para traçar um panorama urbano genérico, em uma época dominada pela globalização econômica.” (PEDRAZZINI, 2006, p.14)

É importante que se possa compreender o impacto da globalização econômica nas cidades, no destino das grandes aglomerações, na urbanização contemporânea, não se esquecendo de pensar o modo como as indústrias globalizadas reagem e rompem a coesão social para mergulhar os habitantes das cidades na pobreza e violência. Estas ficam no esquecimento, estão nas favelas

---

<sup>53</sup> Yves Pedrazzini é pesquisador do Laboratório de Sociologia Urbana da escola Politécnica Federal de Lausanne, na Suíça, no âmbito do Programa Nacional de expertise em Pesquisa “Nord-Sud”, ele coordena trabalhos sobre a violência e a segurança urbana na África e na América Latina.

<sup>54</sup> PEDRAZZINI, 2006, p.13

<sup>55</sup> Sloterdjick, 2000, p. 23 apud PEDRAZZINI, 2006 p. 16

em torno das cidades coloniais e modernas, nas casas de tijolo e papelão construídas por gente privada de sonhos de liberdade. (PEDRAZZINI, 2006)

Pode-se entender que para se estudar a violência urbana, significa também tentar compreender:

[...] a tática dos pobres exasperados pela espera, as estratégias permeadas por objetivos incertos e motivações obscuras; é conhecer o método que empregam para alimentar-se, quando suas mesas estão vazias e não lhes é mais oferecida a oportunidade de se proletarizar. Escrever sobre a violência urbana é tentar falar de lutas anônimas. Quando as armas de sobrevivência substituíram a pá, a foice e o martelo, passamos a falar de guerras ocultas que deixam transparecer apenas a violência urbana. ( PEDRAZZINI, 2006, p.14)

Pedrazzini ao tratar sobre a violência nas cidades abre uma importante análise a partir da indagação: “se as cidades são mesmo violentas porque nos obstinamos a viver nelas?” Para ele, “[...] a violência das cidades tornou-se um fato consumado, um objeto de civilização, no qual apenas os aspectos técnicos (segurança, repressão) são administrados”. (PEDRAZZINI, 2006, p. 17)

Dentro desse modo de perceber a violência, resta aos habitantes das cidades a busca de proteção individualizada, o que acontece em muitas cidade brasileiras onde o problema da violência não é tratado de modo conveniente, quando muito usando apenas a repressão violenta ao crime, deixando as reais questões sem respostas. Quem é responsável pela insegurança das cidades? Como as cidades poderiam ser menos violentas e mais seguras? São perguntas, que todos preocupados com a violência urbana devem fazer e que Pedrazzini tenta responder. Falando de metrópole e violência:

O olhar centraliza-se no novo umbigo do mundo, a metrópole: o barômetro da modernidade, a beleza de suas vitrines estilhaçadas pelas crianças. A violência urbana é delas, pois é vista muitas vezes na televisão, aprimorada nas esquinas, testada no pátio das escolas e aplicada nas relações familiares e amorosas. Os filhos dos pobres nos assustam porque revelam o futuro. Mas os pobres continuam sendo os bandidos da história, pois esta foi e será sempre contada pelos ricos. (PEDRAZZINI, 2006, p. 18).

As ideias preconcebidas sobre a violência dos pobres e a sua crueldade ameaçam mais a coesão social do que “[...] as supostas classes perigosas que procuram construir uma paz generalizada no caos das grandes cidades diante do drástico crescimento das desigualdades sociais”. (PEDRAZZINI, 2006, p. 18).

Pedrazzini considera a pobreza:

[...] a última violência das sociedades pacificadas e democráticas, mas é a mais terrível, porque o castigo imposto pelas camadas dominantes não a elimina. Quando os pobres tornam-se violentos, são logo exterminados pela

polícia<sup>56</sup>, sem levarem um centavo, contrariando o que diz uma certa elite internacional. Para combater as idéias que deturpam a realidade e nos inserem em uma sociedade do medo, devemos propor novas idéias sobre a relação entre a violência e a cidade. (PEDRAZZINI, 2006, p. 18).

A percepção de Pedrazzini de que os pobres são considerados como “produtores” da violência urbana é compartilhada por Bauman, Wacquant, Malagutti e outros estudiosos da violência nas cidades. Os pobres são vistos como os únicos responsáveis pela derrota da coesão social. Esse “reconhecimento” perverso do pobre ocorre na maioria dos países por meio de operações como “tolerância zero”.

Teresa Pires Caldeira mostra como a imagem do trabalhador pobre, é confundida com a imagem de bandido, e por isso muitas injustiças são cometidas.

Para a polícia, como para muita gente, a fronteira que separa a imagem do trabalhador pobre da do criminoso é de fato muito tênue. Em consequência, membros das classes trabalhadoras podem ser molestados pela polícia, mortos como criminosos e suas reações naturais de medo (como fugir) podem ser interpretadas como comportamento de criminoso. (CALDEIRA, 2000, p. 182)

#### Segundo PEDRAZZINI:

No progresso da humanidade qualificado pelo filósofo Norbert Elias de *processo de civilização*, nossa sociedade teria domesticado progressivamente sua violência a partir da Idade Média ou fim das conquistas coloniais, tornando-se uma civilização *contra-a-violência*, na qual a violência seria considerada arcaica, selvagem e animal. Os atos de barbárie cometidos desde então – guerras, pilhagens, extermínio, revoluções, genocídios, guerras civis, guerrilhas, revoluções, deportações, assassinatos políticos, mortes passionais, violências domésticas, incestos, pedofilia, campos de concentração, terrorismos, penas de morte, máfias, tráfico, corrupções, segregações, explorações, exclusões, sadismos – seriam resíduos de épocas remotas, condenados a desaparecer com o progresso moral da humanidade. Seria um exagero acreditarmos que nossa violência tenha deixado belas ruínas.<sup>57</sup> (PEDRAZZINI, 2006, p.19).

“A urbanização é o mercado espetacular da violência”

A violência urbana é considerada um fenômeno de múltiplas relações, longe de ser um fenômeno isolado, percebe-se que sua relação com processo de urbanização assume aspecto caótico onde a densificação ou a privatização dos espaços públicos, as segregações sociais e raciais tendem a levar a percepção e consideração das atividades informais e ilegais, violentas ou não (PEDRAZZINI,

---

<sup>56</sup> Nos bairros populares, não é raro que seus habitantes temam mais a polícia que os próprios “bandidos”. Sobre o caso africano, ver, por exemplo: Pérouse de Montclos (1997). Nota do autor da citação.

<sup>57</sup> Para compreender a história dessas violências e conhecer sua procedência, ler: Chesnais (1981). Nota do autor da citação.

2006) “[...] indicadores de uma transformação mundial da civilização urbana. A informalização da urbanização é uma resposta das populações carentes à globalização e às políticas de segurança, na medida de seus meios”.(PEDRAZZINI, 2006, p. 20).

Para PEDRAZZINI:

[...] a cidade contemporânea é perigosa na medida em que a globalização a divide em fragmentos antagônicos, transformando-a em um conflito de forças e interesse. Esse fenômeno já era manifesto em 1862, quando Karl Marx analisava o que poderíamos qualificar de atividades criminosas da globalização, pois “deixando a esfera do crime particular, se não houvesse crimes nacionais, teríamos um mercado mundial ou simplesmente das nações”? (Marx, 1971, p 218). Nesse sentido, não poderíamos excluir a violência do campo político. A violência das gangues de rua de Abidjan é tão política quanto a dos índios zapatistas, pois ambas respondem, de maneiras diversas e em contextos diferentes, a uma mesma violência genérica, a esse mesmo crime que é a globalização da economia neoliberal.<sup>58</sup>(PEDRAZZINI, 2006, p. 70).

---

<sup>58</sup> O subcomandante Marcos, chefe do exercito zapatista mexicano de libertação e herói da antiglobalização, fala do combate contra o neoliberalismo como a Quarta Guerra Mundial (a Terceira foi, supostamente, a Guerra Fria). Ver: Subcomandante Marcos (1997). Nota do Pedrazzini.

## 8. VIOLÊNCIA URBANA E SEGREGAÇÃO

Este estudo nos parece muito significativo por mostrar a violência e aspectos da segregação em sociedades avançadas e fornecer parâmetro de comparação com o que ocorre atualmente no Brasil. Trata este estudo segundo o próprio Wacquant de:

Em sua análise do reaparecimento inesperado de realidades reprimidas como a violência coletiva, a miséria e a divisão etnoracial nas metrópoles do primeiro mundo nas últimas três décadas, evidenciando o nexos entre cor, classe e Estado no coração racionalizado da metrópole norte-americana”. Wacquant reconstitui:

[...] a mudança histórica do *gueto comunitário* da metade do século, uma formação socioespacial compacta e definida para a qual negros de todas as classes eram despachados e confinados por um conjunto de instituições específicas locais, para o hipergueto do fin-de-siècle, uma configuração nova descentralizada, territorial e organizacional, caracterizada por uma segregação conjugada com base na raça e na classe, num contexto duplo de redução do mercado e de omissão da política social nos centros urbanos, e de seu correspondente desdobramento em uma polícia ostensiva e onipresente e um aparato penal. (WACQUANT, 2005, p. 54)

Wacquant fez pesquisas de entrevistas e dados de campo, bem como de observações etnográfica, realizadas no South Side de Chicago em 1988-91 para delinear a estrutura da vida diária no gueto para indicar com exatidão os fatores econômicos e políticos que determinaram sua evolução, incluindo a informalidade econômica e a desproletarização, a continuação de uma severa segregação, a erosão do Estado do Bem-Estar social norte-americano e as políticas locais de “encolhimento planejado” do setor público. O colapso das instituições públicas resultante das políticas estatais de abandono urbano e repressão punitiva do (sub)proletariado negro emerge como a causa mais importante e como a característica da marginalidade entrincheirada nas metrópoles norte-americanas.” (WACQUANT, 2005, p. 8)

As ricas sociedades do Ocidente capitalista nas décadas que se seguiram aos traumas da depressão e da guerra em meados do século XX passaram a pensar em si mesma como pacíficas, coesas e igualitárias. Consideravam-se civilizadas, tanto no sentido comum e “moralmente efusivo do vocábulo, denotando a forma mais acabada de cultura e vida humana, como no sentido “civilizador” de Norbert Elias(1978). Nessas sociedades aconteceu um processo de reestruturação de longo termo nas relações sociais, quando o Estado passou a se preocupar com

organizações de pacificação do intercâmbio social, ao tempo que estabelecia seu monopólio sobre o uso da violência pública. (WACQUANT, 2005, p. 21)

Os Estados Unidos, a França e Grã-Bretanha passaram a se ver como crescentemente democráticos como o termo é compreendido em Tocqueville<sup>59</sup>, ou seja, orientados para a redução das desigualdades de status, particularmente, as derivadas de posições e identidades “atribuídas”. Segundo Wacquant,

[...] uma das dimensões mais proeminentes da autocompreensão das sociedades do Primeiro Mundo nesse período era que as condições herdadas – como classe, etnicidade ou “raça” – seriam cada vez mais irrelevantes para o acesso a posições sociais valorizadas e à correspondente parcela de oportunidades de vida.” Alguns fatos importantes anunciavam uma era sem precedentes de fraternidade e bem-estar social como o consumo de massa, o aburguesamento da classe operária a crescente importância da educação na alocação competitiva das pessoas numa estrutura operacional diferenciada e a difusão do individualismo liberal.

Esses fatos surgiam anunciando uma era sem precedentes de fraternidade e de bem-estar social, ensejando o desenvolvimento pela sociologia da noção de “meritocracia” e também de inúmeras pesquisas formando uma escola de pesquisa em estratificação “.....cultuando a crença na crescente fluidez e porosidade da estrutura de classes, ao fazer da “aquisição de *Status*” o esqueleto conceitual de incontáveis estudos sobre “oportunidade. (WACQUANT, 2005, p. 21).

Tocqueville também trata da questão da mobilidade social no século XIX; possibilidades de ascensão na hierarquia social comparando as sociedades democráticas com as aristocráticas que além da mobilidade social ensejada pela democracia, acrescenta-se sua condição de origem para posições hierárquicas.<sup>60</sup>

Pensava-se que as formas extremas de desigualdades nas circunstâncias básicas da vida tinham sido ou estavam prestes a desaparecer, graças a ampla provisão de bens públicos como educação, saúde e segurança, pelas mãos do Estado do Bem-Estar – no caso dos países europeus-ocidentais, ou por meio dos efeitos “conta-gotas” nos estados Unidos, A consolidação industrial e a contínua expansão dos serviços fazia com que surgisse o entendimento no Primeiro Mundo de que pobreza tenderia a desaparecer com a plena modernização da nação.

---

<sup>59</sup> Democracia para tocqueville é uma ideia ligada à condição de igualdade, buscada desde a Antiguidade. Ele afirma que no processo de democratização da América do Norte estão presentes duas premissas básicas: a igualdade de condições na formação da sociedade e a preservação incontestada da liberdade.

<sup>60</sup> Para Tocqueville, no Século de XIX, configuram-se dois tipos ideais de sociedades: a democrática e a aristocrática. Todavia, a tendência no Estado Moderno, no ocidente, seria a predominância do Estado democrático.

Pobreza seria *resíduo* de desigualdades e atrasos passados ou produto de *deficiências individuais* que tenderiam a desaparecer.

Galbraith, escrevendo em 1963, chamava a pobreza: uma “reflexão tardia” e uma anomalia na sociedade norte-americana.

Lyndon B. Johnson em 1964, lançando sua campanha “Guerra à Pobreza” anunciava orgulhosamente que por volta de 1976, a pobreza seria eliminada nos Estados Unidos. “Na França, mais ou menos na mesma época havia a imagem igualmente rósea de uma “Nova Sociedade” irradiada pelo hegemônico partido gaulista, sob a liderança de Jacques Chaban-Delmas, para ser depois remodelada pelo presidente Giscard d’Estaing como promessa de uma “sociedade liberal avançada”. Como nota Sinfield (1980, p.93), no decorrer dos anos 1970 não houve “debate sobre a pobreza na França”, nem mobilização política em torno da questão, nem política oficial para combatê-la. (WACQUANT, 2005)

A obsolescência da classe presumivelmente se aplicava a etnicidade e “raça”.<sup>61</sup> As sociedades do Primeiro Mundo passaram a ver-se em, graus variados, como formações sociais “não étnicas”, cada vez mais unificadas e homogêneas, enquanto relações *gemeinschaftliche* (grifo do autor) de linhagem, religião e cultura, davam lugar a afiliações instrumentais baseadas no interesse na especialização profissional e nos imperativos funcionais de uma economia tecnológica complexa. “[...]A assimilação era a ordem do dia (Gordon 1961), e a adoção da cultura nacional, aparentemente o único meio disponível para grupos estranhos que viviam no interior dessas sociedades ou nela tinham ingressado.” (WACQUANT, 2005 p .23)

Ao esquivar-se da etnicidade, os ideólogos das sociedades avançadas seguiram os passos da ciência social clássica e contemporânea. Max e Durkheim não tinham concordado em que a:

[...] industrialização capitalista resultaria na substituição dos laços sociais tradicionais por formas racionalizadas e impessoais de identificação e pertencimento, enraizadas em relações mercantis e ideais cívicos cada vez mais abstratos? Do mesmo modo, os dois paradigmas de mudanças social que dominavam a ciência social no período do pós-guerra, o estrutural funcionalismo (e seu rebento, a teoria da modernização) e o marxismo desenvolvimentista ( inclusive a obra dos dependentistas latino-americanos

---

<sup>61</sup> Wacquand coloca “raça” entre aspas para salientar que (1) a identidade racial não passa de um caso particular de etnicidade (que se supõe baseada na herança biológica) isto é um princípio historicamente construído de classificação social;(2) o que se entende por raça (e racismo) pode variar significativamente de uma sociedade para outra, de uma conjuntura histórica para outra.

e a teoria do sistema mundial) concordavam em que etnicidade e raça estavam fadadas à erosão. Para os defensores da modernização, como David McLelland, Alex Inkeles e Daniel Lerner, a “morte da sociedade tradicional implicava a dissolução dos laços sociais “ atribuídos” e a simultânea emergência do indivíduo livre, empreendedor e “realizador, devido à ascensão da alfabetização, da tecnologia e dos meios de comunicação de massa. Para os advogados das várias teorias marxistas da transformação social, de André Gunder Frank e Fernando Henrique Cardoso a Immanuel Wallerstein, a formação de classe deveria varrer a etnicidade e criar uma estrutura de classe global – resultante numa transição para a ordem mundial socialista. Várias teorias da sociedade pós industrial compartilhavam esse pressupostos e, de forma similar concebiam as divisões etnorraciais não como bases duráveis de estruturação social dotadas de sua própria dinâmica, mas como impedimentos transitórios no curso natural da sociedade moderna rumo ao universalismo.<sup>62</sup> (WACQUANT, 2005, p. 23)

---

<sup>62</sup> Florestan Fernandes (1965) oferece uma expressão sintética dessa visão disseminada, em sua apreciação da natureza e do destino das divisões raciais na sociedade brasileira: “O dilema racial brasileiro constitui um fenômeno social antológico, que apenas pode ser corrigido por processos que removeriam a abstrução da desigualdade racial da ordem social competitiva. “Tal posição é certamente muito mais antiga: lembrem-se que o “ciclo de relação de raça”, no início da Escola de Chicago, com sua progressão ordenada do conflito e da competição para a acomodação e a assimilação, é voltado para a reabsorção das divisões etnorraciais. Nota do autor.

## 9. VIOLÊNCIA URBANA NO PRIMEIRO MUNDO

No decorrer da última década do século XX mais ou menos, essa auto-imagem do Primeiro Mundo foi abalada por espetaculares explosões de insatisfação pública, crescentes tensões étnicas e raciais e cada vez maior indignação no coração das grandes cidades. A pobreza ficou longe de ser absorvida e a pensada erosão das afiliações etnonacionais não aconteceu, resultando ao contrário, nas sociedades avançadas uma concomitante disseminação da “nova pobreza” e o surto – ou ressurgimento – das ideologias raciais, amiúde acompanhadas pelo conflito violento na cidade (MINGIONE, 1993; CROSS, 1992; WILSON, 1987 apud (WACQUANT, 2005).

Wacquant considera três desses exemplos de desordem na França, na Inglaterra e nos Estados Unidos. Expõe seu pensamento ou teoria sobre a construção dessas violências.

Violência em Vaulx-en-Velin: Outubro de 1990.

Nesta cidadezinha operária pacata e sem atrativos na periferia de Lyon, França: algumas centenas de jovens, muitos deles imigrantes de segunda geração provenientes do Magrebe, tomam as ruas para enfrentar a polícia, depois que um adolescente do local morre em um acidente de motocicleta, causado por um carro da polícia. O conflito durou três dias e três noites com confronto direto entre manifestantes e policiais e a tropa antichoque, por ordem do governo. Furgões da polícia foram apedrejados, lojas saqueadas e atado fogo a duas centenas de carros. Quando acalma o conflito, dezenas de pessoas foram feridas, e os danos estimados em 120 milhões de dólares e o país em estado de choque. A longa ebulição da ira das *banlieues* – áreas periféricas decadentes com altas densidades de conjuntos habitacionais públicos degradados – chega ao topo da agenda política e o dominará o debate público por meses a fio.<sup>63</sup>(WACQUANT, 2005)

Violência em Bristol, Inglaterra; Julho de 1992

---

<sup>63</sup> Os choques continuaram por todo o verão de 1991, forçando o governo central a expandir e a institucionalizar vários programas de “prevenção de incidentes”, em particular durante as temporadas de verão ( as chamadas *opérations été chaud*). Nota do autor.

Após a morte de dois homens da vizinhança, em decorrência da colisão entre a motocicleta conduzida por eles e um carro policial de chapa fria, uma cadeia de eventos quase idêntica a de Vaulx-en-Velin em Lyon, provoca várias noites de tumultos no conjunto Hartcliffe, um distrito industrial pobre da margem sul da cidade. Tarde da noite, algumas centenas de jovens geram tumulto no *shopping center* local. Quando a polícia intervém são atacados com tijolos e pedras, bolas de aço andaimas e bombas de gasolina. O confronto se espalha rapidamente pela vizinhança. São convocados em torno de 500 policiais de elite para restaurar a ordem numa região de um quilômetro quadrado, temporariamente transformada em zona de guerrilha urbana.

Em outras localidades como Coventry, Manchester, Salford, Blackburn e Birmingham aconteceram incidentes similares nesse mesmo verão.<sup>64</sup>(WACQUANT, 2005 )

Violência em Los Angeles. U. S. A; abril de 1992

O sentimento de impunidade após a absolvição de quatro policiais brancos envolvidos em no brutal espancamento gravado em vídeo cassete, de Rodney King, um motorista negro, desencadeou uma explosão de violência civil sem paralelos na história da América do Norte no século XX. No gueto de South Central, motoristas brancos foram arrancados de seus carros e espancados, lojas são depredadas, carros de polícia virados e incendiados. “[...] Propriedades de coreanos, suas mercadorias, lojas de bebida e de objetos usados, abundantes na área são alvo de destruição sistemática.” (WACQUANT, 2005 p. 25)

Segundo Wacquant (2005), nem bombeiros nem a polícia foram capazes de impedir o incêndio de centenas de prédios. A rebelião espalhou-se, rapidamente, multiplicando as cenas de saque em massa. Foi decretado estado de emergência e convocados 7 mil efetivos federais, incluindo 1.220 fuzileiros navais. O conflito tomou grande proporção envolvendo francoatiradores e tiroteios entre amotinado e polícia e comerciantes, que pegaram nas armas para defender suas lojas. Houve 45 mortes.

---

<sup>64</sup> Em 1980, 1981 e 1985, grandes rebeliões eclodiram em áreas da inner city de Bristol, Londres, Liverpool, Birmingham e uma série de outras regiões operárias decadentes.

Ao final do Terceiro dia de levante, foram registradas 2.400 pessoas com ferimentos, “[...] 10 mil foram presas; mil famílias perderam suas casas, milhares de indivíduos, o emprego. A destruição total foi estimada na desconcertante soma de 1 bilhão de dólares.” (WACQUANT, 2005 p. 25)

Estes três exemplos de violência coletivos fazem parte de uma longa lista de tumultos urbanos difícil de enumerar.<sup>65</sup>

A maior parte das desordens que sacudiram a *banlieue* francesa, a *inner city* britânica e os guetos e *barrios* envolveu basicamente jovens das áreas pobres, segregadas e amiúde dilapidadas, e parece ter sido alimentadas pelas crescentes tensões raciais. Os relatos da mídia e debates políticos foi a de que se tratava em essência de “distúrbios raciais” que expressam animosidade contra ou entre as “minorias” étnicas e/ou imigrantes de tais países (CROSS e KEITH, 1993 apud WACQUANT, 2005, p. 26).

Nos anos 1980 a Europa foi varrida por uma onda incontível de sentimento racista, Na França há a hostilidade “anti-árabe” há muito encoberta, veio a luz explosivamente<sup>66</sup> e motivou um aumento de ataques racistas.

Na Grã-Bretanha o antagonismo entre negros antilhanos, asiáticos e brancos pegou fogo em sucessivos confrontos de rua e tornou-se mais rancoroso.

Nos Estados Unidos as reações às conquistas das chamadas minorias, (principalmente os afro-norte-americanos, latinos e asiáticos) na esteira dos direitos civis da década de 1960. manifestada na deterioração das relações raciais, com a escalada do crime motivados ou “de ódio” pelo medo generalizado dos homens negros na rua, por incidentes interétnicos nos *campi* universitários e pela fragante explosão de sentimento antinegros nas campanhas políticas tanto locais como nacionais. (FRANKLIN, 1992, apud WACQUANT, 2005, p. 26)

Na Europa havia o assombro da cristalização no seu solo dos guetos estilo norte-americano e pela existência semelhante da denominada “*underclass*” americana, um grupo aterrador que teria aglutinado no coração da metrópole segregada, epítome de todas as patologias urbanas da América do Norte.<sup>67</sup>

---

<sup>65</sup> Devem-se acrescentar aos incidentes na França, na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos a recente onda de ataques violentos a estrangeiros candidatos a asilo, na Alemanha, e os constantes incidentes envolvendo forasteiros norte-africanos no sul da Itália. Nota do autor.

<sup>66</sup> (SILVERMAN, 1990, apud WACQUANT, 2005, p. 26)

<sup>67</sup> Misturando ciência social, jornalismo e senso comum, análise empírica e preconceções ordinárias, o mito da “*underclass*” deu vida a antigos preconceitos contra os afro-norte-americanos, os pobres e a intervenção estatal, ao converter em demônio o subproletariado urbano negro (Wacquant, 1992 a). Sua invenção compartilha a reconfiguração do mapa ideológico da “raça”, nos Estados Unidos, com o

Assim, na Grã-Bretanha, França e Estados Unidos a violência e a inquietação urbana passaram a ser estreitamente relacionadas, na mentalidade pública à “raça” e a imigração.

As desordens coletivas urbanas na Europa, não são uma simples extensão dos levantes raciais tradicionais, como os experimentados pelos Estados Unidos no decorrer do século XX<sup>68</sup> (YOUNG, 1970). Não se trata de uma “americanização” da pobreza e do protesto urbano na Europa. Olhando-se mais atentamente, a anatomia dessas desordens sugere conforme o país a combinação de duas lógicas: a do protesto contra a *injustiça social* com raiz no tratamento discriminatório de uma quase-casta estigmatizada nos Estados Unidos. na França e na Grã-Bretanha são os imigrantes “árabes”, e outros imigrantes de cor. A outra lógica é a dos pobres que se levantam contra a *privação econômica e as desigualdades sociais crescentes* com a arma mais efetiva que é o protesto e ruptura da vida civil, com uso direto da força.

Até o presente momento temos visto e acompanhado Wacquant tratar do que ele chama de violência vinda de baixo, ou seja, dos pobres e segregados. Porém, a análise para ficar completa é necessário ver o pensamento dele com relação à violência que ela chama de cima para baixo; que é a violência sob o ponto de vista dos administradores e das causas que levam à existência da pobreza, desproletarização, da segregação e estigmatização de grupos sociais.

---

mito dos asiáticos como “minoría modelo” e com unificação simbólica das variadas correntes de população hispânica nos “latinos”. Nota do autor.

<sup>68</sup> YOUNG, 1970, apud WACQUANT, 2005, p. 26

## 10. A VIOLÊNCIA: SEGMENTAÇÃO, ESTIGMATIZAÇÃO

A violência nas cidades dos Midlands no verão de 1992 teve como queixa das autoridades o comportamento desviante e da amoralidade dos elementos inferiores da classe trabalhadora. Depois dos distúrbios de Bristol as autoridades procuraram culpar o “hoolliganismo insensato”, alimentado pelo álcool embora se soubesse que já havia um processo de hostilidade em desenvolvimento por meses entre jovens e a polícia e que não havia provas de envolvimento dos hoolligans. Nos Estados Unidos as autoridades culpavam as “underclass” pelas violências no gueto e em seus arredores.

Para Wacquant, a inquietação pública dos pobres urbanos está longe de se adequar a expressões irracionais e atávicas de incivilidade, mas constituem uma resposta (sócio)lógica à compacta violência estrutural liberada sobre eles por uma série de transformações econômicas e sociopolíticas que se reforçam mutuamente. Tais mudanças resultaram em uma polarização de classes que, combinada com a segregação racial e étnica, está produzindo uma dualização da metrópole, que ameaça não apenas marginalizar os pobres como condená-los à redundância social e econômica direta.<sup>69</sup>

Essa violência vinda de cima tem três componentes principais: (1) desemprego em massa, persistente e crônico representando para segmentos inteiros da classe trabalhadora a desproletarização que traz em seu rastro aguda privação material; (2) exílio em bairros decadentes, onde escasseiam os recursos públicos e privados à medida que a competição por eles aumenta, devido à migração; (3) crescente estigmatização na vida cotidiana e no discurso público, tudo isso ainda mais terrível por ocorrer em meio a uma escalada geral de desigualdade. Longe de representar um subproduto periférico da terceiro-mundialização ou reversões a formas sócio políticas pré-modernas de conflitos, essa volta das realidades reprimidas de pobreza, violência e divisões etnoraciais, ligadas a seu passado colonial, no coração da cidade do Primeiro Mundo, deve ser entendida como resultado da transformação desigual e desarticuladora dos setores mais *avançados* das sociedades ocidentais, e, portanto, suas manifestações não parecem passíveis de amainar tão cedo. (WACQUANT, 2005, p. 25)

Na análise da relação entre violência e segregação urbana, Wacquant mostra como a situação de abandono e isolamento dos guetos negros norte-americanos resulta de um lado, no crescimento de um “capitalismo de pilhagem”, em que se vem transformando a economia local dessas áreas e, de outro, no reforço entre os jovens

---

<sup>69</sup> Para uma investigação sobre a complexidade e a dinâmica desse processo de dualização, ver Mollenkopf e Castells (1991), Fainstein et al. (1992), e para uma discussão acauteladora, ver Marcuse (1989).

de “[...] uma cultura machista que valoriza a busca do reconhecimento social pelo uso aberto da força física diante da sua crescente invisibilidade no espaço social da grande cidade”. (WACQUANT, 2005, p. 25)

A expansão da violência acaba por acentuar a situação de segregação e marginalização dos moradores dos guetos e das periferias, uma vez que aumenta a desorganização social, desertifica o espaço da sociabilidade e das práticas cívicas. No Brasil, principalmente nas favelas, a presença de tráfico de drogas e de armas já produz impacto na organização social e sociabilidade das favelas ou bairros populares, apontando para tendências semelhantes às que participaram da transformação do gueto negro norte-americanos transformando estes lugares em “purgatório social”.<sup>70</sup> Essas características das favelas ajudadas pelas imagens e metáforas dos discursos, e pelo modo de tratar e divulgar os problemas destas áreas, tendem a associar a concepção de que é nas favelas e das favelas que estão e advém grande parte do perigo da violência urbana. É dentro dessa imagem da favela e bairros pobres como um lugar do perigo e fonte de ameaça à sociedade, que o problema da violência é tratado no Brasil, como já mencionado em *Cidades de Muros*, onde os pobres, negros e moradores de periferias são os mais visados pela repressão ao crime. Quando há fatores que se relacionam mais diretamente como o crime organizado e tráfico de entorpecentes que encontram nas comunidades carentes a oportunidade de desenvolvimento de suas atividades criminosas.

---

<sup>70</sup> Luiz César de Queiroz Ribeiro, prefaciando os *Condenados da Cidade* de Loïc Wacquant.

## 11. MEDO, VIOLÊNCIA URBANA, URBANIZAÇÃO, SEGREGAÇÃO EM TEMPO DE GLOBALIZAÇÃO.

Zygmunt Bauman desenvolve estudos sobre a Cidade, os problemas da violência e sua relação com os processos de segregação urbanização e globalização. Apresentamos aqui alguns aspectos do pensamento de Bauman sobre violência e o medo urbano. São considerações de Bauman em seu livro: *Confiança e Medo na Cidade*<sup>71</sup> onde ele traça as linhas fundamentais de uma “[...]dinâmica básica em torno da qual giram as principais cidades do mundo”. Uma espécie de destino que parece indicar o futuro, (MAGATTI, 2009)<sup>72</sup>. Essa dinâmica está relacionada com o fato de as cidades serem, locais onde se concentram “*as funções mais avançadas do capitalismo*” e tornam-se ao mesmo tempo objeto de intensos e novos fluxos de população e de grande redistribuição de renda que pode ocorrer tanto

“[...] nos bairros nobres, com a formação de uma elite global móvel e altamente profissional, seja os bairros populares com a ampliação dos cinturões periféricos, onde se junta uma enorme quantidade de populações deserdadas”.( MAGATTI, 2009. p.8)

Em todas as cidades brasileiras também se percebe o que é referido por Magatti na citação. Pode-se dizer que se trata de processo evidente, e que afeta as cidades contemporâneas, pois: “[...]enquanto os bairros centrais são valorizados e tornam-se objeto de grandes investimentos urbanísticos, outras áreas são corroídas pela degradação e tornam-se marginais”.(MAGATTI, 2009, p. 8)

Os mais ricos, deslocam-se para áreas nobres e mais tranquilas, ou criam enclaves com proteção garantida por empresas de segurança.

Os pobres são obrigados se mudar das áreas urbanas ou a permanecer em áreas degradadas sem assistência do poder público e quando se mudam ao invés de ter melhorias, são “[...]forçados, ao contrário, a suportar as consequências mais negativas das mudanças. Isso só pode gerar um crescente e difuso sentimento de medo”. (MAGATTI, 2009, p.9)

---

<sup>71</sup> BAUMAN, Zigmunt, 2009- Confiança e Medo na Cidade; tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

<sup>72</sup> MAGATTI, Mauro. Bauman e o Destino das Cidades Globais. In: BAUMAN, Zigmunt, 2009- Confiança e Medo na Cidade; tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

Para Magatti,(2009) os elementos centrais do raciocínio de Bauman: as cidades globais entraram numa nova fase histórica, inaugurada no fim do século XX. As cidades como epicentro das transformações e observatórios importantes para compreender o que está acontecendo.

Bauman apresenta Milão como exemplo de cidade global que comparada a cidades semelhantes, tradicionalmente se distingue por um “grau relativamente alto de integração social.”

Esta cidade vem sofrendo aumento constante dos índices de pobreza e algumas áreas periféricas começaram a sofrer um processo de degradação. Está acontecendo um processo de marginalização dos mais pobres (desempregados, psicologicamente fragilizados, sem-teto). Ao mesmo tempo tem o problema com a integração dos chamados “extracomunitários”, os indivíduos originários de países que não fazem parte da União Europeia (NT).(BAUMAN, 2009)

Bauman em “*Confiança e Medo na Cidade*”, faz referências à Sigmund Freud e Robert Castel para explicar o problema do medo na cidade. Segundo Bauman (2009), para Freud a solução para enfrentar o medo

[...] poderia ser encontrada no desprezo tenaz da psique humana pela árida “lógica Factual”. Os sofrimentos humanos (inclusive o medo de sofrer e o medo em sí, que é o pior e mais penoso exemplo de sofrimento) derivam do poder superior da natureza, da fragilidade de nossos próprios corpos e da inadequação das normas que regem os relacionamentos mútuos dos seres humanos na família, no Estado e na sociedade”.(BAUMAN, 2009, p. 14)

Bauman (2009) afirma que com relação às causas mencionadas por Freud, conseguimos de algum modo aceitar os limites do que somos capazes de fazer: sabemos que jamais poderemos dominar totalmente a natureza e que não tornaremos nossos corpos imortais.

Bauman faz menção a um terceiro tipo de sofrimento: a miséria de origem *social*. (grifo do autor).

Tudo o que foi feito pelo homem também pode ser refeito. Não aceitamos a imposição de limites para esse “refazer”: em todo o caso, não os limites que um esforço pudesse superar com boa vontade e justa determinação: “Não se entende por que os regulamentos estabelecidos por nós mesmos não representam ... benefício e proteção para cada um de nós”. Por isso, se a “proteção de fato disponível e as vantagens que desfrutamos não estão à altura de nossas expectativas; se nossas relações ainda não são aquelas que gostaríamos de desenvolver; se as regras não são exatamente como deveriam e, a nosso ver, poderiam ser; tendemos a imaginar maquinações hostis, complôs, conspirações de um inimigo que se encontra em nossa porta ou embaixo de nossa cama. Em suma deve haver um culpado, um crime ou uma intenção criminosa (BAUMAN, 2009, p.14 e 15)

Na análise da insegurança moderna, Bauman dialoga com Robert Castel para quem a insegurança moderna deriva não de perda da segurança, mas da “nebulosidade (*ombre portée*) de seu objetivo” num mundo social que foi organizado em função da contínua e laboriosa busca de proteção e segurança.<sup>73</sup>

A aguda e crônica experiência da insegurança é um efeito colateral da convicção de que, com as capacidades adequadas e os esforços necessários, é possível obter uma segurança completa. Quando percebemos que não iremos alcançá-la, só conseguimos explicar o fracasso imaginando que ele se deve a um ato mau e premeditado, o que implica a existência de algum delinquente.

Poderíamos dizer que a insegurança moderna, em suas várias manifestações é caracterizada pelo medo dos crimes e criminosos.

Suspeitamos dos outros e de suas intenções, nos recusamos a confiar (ou não conseguimos fazê-lo) na constância e na regularidade da solidariedade humana. Castel atribui culpa por esse estado de coisas ao individualismo moderno. Segundo ele, a sociedade moderna – substituindo as comunidades solidamente unidas e as corporações (que outrora definiam as regras de proteção e controlavam a aplicação dessas regras) pelo dever individual de cuidar de si próprio e de fazer por si mesmo- foi construída sobre a areia movediça da contingência a insegurança e a idéia de que o perigo estão em toda parte são inerente a essa sociedade. (BAUMAN 2009, p.16)

Bauman atribui a “*estressante sensação de medo*” (grifo nosso) à ocorrência de duas “reviravoltas” acontecidas na Europa –para depois se disseminar, pelos outros lugares do planeta. A primeira, segundo a terminologia de Castel, está relacionada à “supervalorização” do indivíduo, liberado das restrições impostas pela densa rede de vínculos sociais. A segunda, logo depois da primeira, consiste na fragilidade e vulnerabilidade sem precedentes desse mesmo indivíduo, que se sente agora desprovido da proteção que os antigos vínculos lhe garantiam.(BAUMAN. 2009)

A primeira reviravolta, segundo Bauman, (2009) mostrou aos indivíduos a existência de grandes espaços de implementação da construção de si mesmo, já a segunda tornou a primeira inacessível para a maior parte dos indivíduos.

Bauman (2009) afirma que o Estado moderno teve de enfrentar a tarefa desencorajadora de administrar o medo, pois com a destruição, pela revolução moderna, de uma rede de proteção por parte do Estado, ele foi obrigado a tecer de novo a rede de proteção destruída, e “[...]repará-la repetidas vezes, à medida que a

---

<sup>73</sup> Castel, R., L'Insécurité sociale: que'es-ce qu'être protégé?, Paris, Seuil, 2003, p.5 (trad. Brás., A insegurança social: o que é ser protegido?, Rio de Janeiro, Vozes, 2005 p.6 ).apud Bauman.

modernização promovida por ele mesmo, só a deformava e desgastava.(BAUMAN,2009 p. 17)

Segundo Bauman (2009), as redes protetoras pré-modernas ou da fase “sólida” da modernidade, eram criadas e administradas pelo Estado e eram cuidadosamente planejadas ou desenvolviam-se de forma espontânea a partir dos esforços construtivos que caracterizava a fase sólida da modernidade.

Como exemplo de proteção, Bauman cita as instituições e as medidas assistenciais – às vezes chamadas de “salários sociais”- administradas pelo Estado (serviços de saúde, educação pública, casas populares). Incluem-se nessas proteções as normas industriais que regulamentam as relações de trabalho definindo os direitos recíprocos e o bem estar dos empregados. Há também o tipo espontâneo de proteção como a solidariedade empresarial, sindical e profissional que deitou raízes e floresceu no ambiente relativamente estável da “fábrica fordista”(BAUMAN, 2009). Para Bauman a fabrica fordista é

síntese do cenário da modernidade sólida, na qual se remediava a ausência da maior parte dos “outros capitais”.Nessa fábrica, o recíproco e duradouro empenho das duas partes em contraposição – capital e trabalho- tornou-as independentes. Ao mesmo tempo, permitiu que se pensasse e planejasse em longo prazo, que se empenhasse no futuro e nele se investisse.

A “fábrica fordista” foi, portanto um lugar caracterizado por árduas disputas que, no entanto sempre foram contornadas, foi também por outro lado um refúgio seguro para a confiança e, conseqüentemente, para a negociação, a busca de compromissos e de uma convivência “consensual”.

No ambiente “fordista” (BAUMAN, 2009) havia a carreira claramente delineada, embora houvesse rotina tediosa, mas compartilhada diariamente, a estabilidade dos grupos de trabalho a capacidade de desfrutar capacidades adquiridas e o grande valor atribuído à experiência no trabalho permitiam manter os riscos do mercado de trabalho a distância “[...]Permitiam também atenuar (ou mesmo eliminar totalmente) a incerteza, confinando os medos no reino marginal da “má sorte” e dos “incidentes fatais”, sem permitir que invadissem a vida cotidiana.”(BAUMAN, 2009, p. 19)

Bauman afirma que os medos modernos se iniciaram

com a redução do controle estatal (a chamada *desregulamentação*) e suas conseqüências individualistas, no momento em que o parentesco entre homem e homem – aparentemente eterno, ou pelo menos presente desde tempos imemoriais, assim como os vínculos amigáveis estabelecidos dentro de uma comunidade ou de uma corporação, foi fragilizado ou até interrompido.

Bauman nos faz entender que:

o modo como a modernidade sólida administrava o medo tendia a substituir os laços “naturais” – irreparavelmente danificados – por outros laços, artificiais, que assumiam a forma de associações, sindicatos e coletivos part-time (quase permanentes, no entanto, pois consolidados pela rotina diariamente partilhada). A solidariedade sucedeu a irmandade como melhor defesa para um destino cada vez mais incerto.(BAUMAN, 2009 p. 20)

Fica claro para Bauman que a dissolução da solidariedade representa o fim do universo no qual a modernidade sólida administrava o medo. Passa-se agora para o que ele chama de “desregulamentação individualista número dois!”, Desmatelam-se ou destroem-se agora as proteções modernas – artificiais concedidas. Todas as consequências da revisão moderna que passa pela nova desregulamentação são sofridas primeiramente na Europa, agora não por escolha própria mas cedendo à pressão das incontroláveis forças globais.(BAUMAN 2009)

Os países escandinavos são os poucos que relutam em abandonar as proteções institucionais prometidas pela modernidade sólida, veem-se como fortalezas assediadas por forças inimigas. Eles consideram os resquícios do Estado social um privilégio que é preciso defender com unhas e dentes. (BAUMAN 2009)

Aqui um pouco da explicação da xenofobia:

“[...]a suspeita crescente de um complô estrangeiro e o sentimento de rancor pelos estrangeiros pode ser entendida como um reflexo perverso da tentativa desesperada de salvar o que resta da solidariedade local.(BAUMAN, 2009, p. 21)

Quando ocorre a substituição da solidariedade pela competição, “[...] os indivíduos se sentem abandonados a si mesmos, entregues a seus próprios recursos-escassos e claramente inadequados”.(id., 2009, p. 21)

### O CONCEITO DE “CLASSES PERIGOSAS”

Há dois conceitos, um primeiro e original era designado às constituídas por gente em excesso. Um segundo tipo é constituído por gente considerada incapacitada para a reintegração e classificadas como não-assimiláveis, porque não saberiam se tornar úteis nem depois de uma “reabilitação”. (CASTEL, 2005 - apud BAUMAN, 2009, p. 22)

Bauman afirma que essas classes não estão em excesso, não são supérfluas nem excluídas de modo permanente. Para ele trata-se de um dos poucos casos de “permanência” e também dos mais ativamente encorajados pela sociedade “líquida”.

Essa nova exclusão não é percebida como resultado de má sorte mas algo que tem toda aparência de algo definitivo. O que qualifica em classe perigosas é a irrevogabilidade desse “despejo” e as escassas possibilidades destas pessoas excluídas de recorrer contra essa sentença que os transformam “classes perigosas”.

“Essa exclusão irrevogável é a consequência direta embora imprevista da decomposição do Estado Social, que hoje se assemelha a uma rede de poderes constituídos, ou melhor, a um ideal, a um projeto abstrato.(BAUMAN, 1009, p. 23)

Bauman (2009) também analisa o problema dos excluídos do trabalho que vivem uma condição de “superfluidade”. São considerados economicamente inativos classificados como descarte de um progresso econômico. Nesta análise chega a explicar como o excluído do trabalho, os “supérfluos” se aproximam dos criminosos: “[...] underclass e criminosos são duas subcategorias de “elementos anti-sociais” que diferem uma da outra pela classificação oficial e pelo tratamento que recebem por suas atitudes e comportamentos”.(BAUMAN, 2009, p. 24)

Assim como aqueles que são excluídos do trabalho, os criminosos (ou seja, os que já estão destinados à prisão, já estão presos, vigiados pela polícia ou simplesmente fichados) Os criminosos não são encarados como pessoas que seriam “reeducadas”, “reabilitadas” e “restituídas à comunidade” na primeira ocasião, mas vêm-se definitivamente afastadas para as margens, inaptas para serem “socialmente recicladas”, indivíduos que precisam ser impedidos de criar problemas e mantidos à distância da comunidade respeitosa das leis”.(BAUMAN 2009, p 25)

Quanto à vigilância, Gumpert e Drucker<sup>74</sup> (1998) observam que “quanto mais nos separamos de nossas vizinhanças imediatas, mais confiança depositamos na vigilância do ambiente. “[...]Existem, em muitas áreas urbanas, um pouco no mundo todo, casas construídas para proteger seus habitantes, e não para integrá-los nas comunidades a que pertencem”.(Gumpert e Drucker, apud BAUMAN, 2009, p. 25) O comentário que fazem é: “[...] Justamente quando estendem seus espaços de comunicação para a esfera internacional, esses moradores colocam a vida social porta a fora, potencializando os seus sofisticados sistemas de segurança”.<sup>75</sup>

Bauman distingue dois tipos de cidadãos com relação a globalização: ele define “as pessoas da “primeira fila” não se identificam com o lugar onde moram, à medida que seus interesses estão (ou melhor flutuam) em outros locais. Pode-se

---

<sup>74</sup> G, Gumpert e S.J. Dricker, “The Mediated Home in a Global Village”, *Communication Research*, vol.25, n.4 ago 1998, p.422-38. Apud Bauman.

<sup>75</sup> GRAHAM, S e S. Marvin. *Splitering Urbanism: Networked Infrastructures, Technological Mobilities and Urban Condition*, Nova York, Routledge, 2001, p, 285. Apud Bauman.

supor que não adquiriram pela cidade em que moram nenhum interesse, a não ser dos seguintes: serem deixadas em paz, livres para se dedicar completamente aos próprios entretenimentos e para garantir os serviços indispensáveis (não importa como sejam definidos) às necessidades e confortos de sua vida cotidiana. Eles não estão interessados, nos negócios de “sua” cidade: ela não passa de um lugar como outros e como todos, pequeno e insignificante, quando visto da posição privilegiada do ciberespaço, sua verdadeira – embora virtual morada.” (BAUMAN, 2009, p. 27)

Os cidadãos da “última fila” estão fora das redes mundiais de comunicação com as quais as pessoas da primeira fila vivem conectadas e com as quais sintonizam suas próprias vidas. O cidadãos da última fila estão “condenados” a permanecer no lugar”.

A segregação das novas elites globais; seu afastamento dos compromissos que tinham com o *populus* do local no passado; a distância crescente entre os espaços onde vivem os separatistas e o espaço onde habitam os que foram deixados para trás; estas são provavelmente as mais significativas das tendências sociais, culturais e políticas associadas à passagem da fase sólida para a fase líquida da modernidade..(BAUMAN, 2009, p. 28)

Na compreensão da interação entre as pressões globalizantes e o modo como as identidades locais são negociadas, modeladas e remodeladas, vale aqui destacar uma importante observação de Bauman quanto a diferenças de opinião entre Michael Peter Smith<sup>76</sup> e a opinião partilhada por David Harvey e John Friedman: “Michael Peter Smith se opõe à opinião (partilhada, segundo ele, por David Harvey e John Friedman, por exemplo)<sup>77</sup> que compõe “uma lógica dinâmica e não localizada dos fluxos econômicos globais” a “uma concepção estática do território e da cultura local”, atualmente *valorizados* como “locais de vida”, “estar no mundo”. Segundo Smith, “longe de refletir uma ontologia estática da *existência* ou da *comunidade*, as localidades são construções dinâmicas, *em formação*”

Bauman relaciona as diferenças de espaço e habitantes nas cidades, ao problema da globalização que segundo ele é de “caráter internacional mas, cria problemas estritamente locais e que muitas vezes ou quase sempre são de difíceis

---

<sup>76</sup> Smith, M. P., *Transnational Urbanism Locating Globalization*, Oxford, Blackwell, 2001, p.54-5. Apud Bauman.

<sup>77</sup> Cf. Friedman, D., “*Were We Stand: A Decade of World City Research*”, in P.L. Kpnos (org). *World Cities in a World System*, Cambridge, Cambridge University Press, 1955; D. Harvey, “From Space to Place and Back Again: Reflectons on the Condition of Postmodernity”, in J. B.; Curtis at al. (orgs.) *Mappig the Futures: Local Cultures, Global Changes*, Londres, Routledge, 1993. Apud Bauman.

solução:” Um exemplo emblemático é o atentado sofrido por Nova York nas torres gêmeas:

“Os habitantes de uma cidade (Nova York) tiveram de enfrentar a devastação causada pela evolução global do terrorismo, e os conselhos municipais e prefeitos de outras cidades tiveram de assumir a responsabilidade de garantir a segurança individual, ameaçada doravante por forças inimigas absolutamente inatingíveis para as administrações municipais”. (BAUMAN, 2009, p. 28)

Em poucas palavras: *as cidades se transformaram em depósitos de problemas causados pela globalização*. Os cidadãos e aqueles que foram eleitos como seus representantes estão diante de uma tarefa que não podem nem sonhar em resolver: a tarefa de encontrar soluções locais para condições globais. (BAUMAN, 2009 pg 28)

Daí o paradoxo destacado por Castells, “Políticas cada vez mais locais num mundo estruturado por processos cada vez mais globais”.<sup>78</sup>

As cidades contemporâneas são os campos de batalha nos quais os poderes e os sentidos e identidades tenazmente locais se encontram, se confundem e lutam, tentando chegar a uma solução satisfatória ou pelo menos aceitável para esse conflito: um modo de convivência que –espera-se- possa equivaler a uma paz duradoura...” (BAUMAN, 2009 pg 35)

Entra agora a questão dos estrangeiros, e aqui uma análise de Bauman sobre o problema das relações entre habitantes próprios do local e os que vêm de fora.

Componente fixo da vida urbana, a onipresença de estrangeiros, tão visíveis e tão próximos, acrescenta uma notável dose de inquietação às aspirações e ocupações dos habitantes da cidade. Essa presença que só se consegue evitar por um período bastante curto de tempo, é uma fonte inexaurível de ansiedade e agressividade latente – e muitas vezes manifesta. O medo do desconhecido – no qual, mesmo que subliminarmente, estamos envolvidos – busca algum tipo de alívio. As ânsias acumuladas tendem a se descarregar sobre aquela categoria de “forasteiros” escolhidos para encarnar a “estrangeiridade”, a não-familiaridade, a opacidade do ambiente em que se vive e a indeterminação dos perigos e ameaças.” (BAUMAN, 2009, P.36 )

A convivência com estrangeiros é para muitos, difícil de ser aceita, mas na cidade quase sempre é difícil de evitar.

A propósito das diferenças e da segurança, Bauman menciona Teresa Caldeira escrevendo sobre São Paulo:

Hoje é uma cidade feita de muros, Barreiras físicas são construídas por todo lado: ao redor das casas, dos condomínios, dos parques, das praças, das escolas, dos escritórios” ...A nova estética da segurança decide a forma de cada tipo de construção, impondo uma lógica fundada na vigilância e na distância.”<sup>79</sup>

<sup>78</sup> CASTELLS, M., *The Informational City*, Oxford, Blackwell, 1989, p.228. apud Bauman.

<sup>79</sup> CALDEIRA, T., “*Fortified Enclaves: The New Segregation*”, *Public Culture*, vol. 8, n.2, 1996, p.303-28 (*Enclaves Fortificados: a nova segregação urbana*”, *Novos Estudos Cebrap*, Cebrap, n.47, mar 1997), Apud Bauman.

Para aqueles que vivem num gueto voluntário, os outros guetos são espaços “nos quais não entrarão jamais”, Para aqueles que estão nos guetos “involuntários”, a área a que estão confinados (excluídos de qualquer outro lugar) é um espaço “do qual não lhes é permitido sair”. Sobre segregação diz Bauman:

A tendência de segregar, a excluir, que em São Paulo (a maior conurbação do Brasil, à frente do Rio de Janeiro) manifesta-se da maneira mais brutal, despuddorada e sem escrúpulos, apresenta-se – mesmo de forma atenuada – na maior parte das metrópoles. (BAUMAN, 2009, P.40 )

Há um paradoxo no fato de que as cidades que originalmente foram construídas para dar segurança a todos os seus habitantes – hoje estão cada vez mais associadas ao perigo.

Para Nan Ellin, citada por Bauman, “

[...]o fator medo [implícito na construção e reconstrução das cidades] aumentou, como demonstram o incremento dos mecanismos de tranca para automóveis; as portas blindadas e os sistemas de segurança; a popularidade das gated and secure communities<sup>80</sup> para pessoas de todas as idades e faixas de renda; e a vigilância crescente dos locais públicos, para não falar dos contínuos alertas de perigo por parte dos meios de comunicação de massa.<sup>81</sup>

Na escolha de um lugar para morar as questões de segurança são levadas em conta nas estratégias de *marketing* dos investimentos em habitação. Uma arquitetura que dá garantias de segurança também garante os lucros dos investimentos na produção, venda e compra deste tipo de arquitetura. Bauman afirma que:

A incerteza do futuro a fragilidade da posição social e a insegurança da existência – que sempre e em toda parte acompanham a vida na modernidade líquida, mas têm raízes remotas e escapam ao controle dos indivíduos – tendem a convergir para objetivos mais próximos e a assumir a forma de questões referentes à segurança pessoal: situações desse tipo transformam-se facilmente em incitações à segregação-exclusão que levam – é inevitável – a guerras urbanas. (BAUMAN, 2009, P. 41)

Para Bauman a pesquisa do arquiteto Steven Flusty<sup>82</sup>, apresentada no livro *Architecture of Fear*, organizado por Nan Ellin, critica a urbanística norte-americana por

colocar-se a serviço dessa guerra contra o medo – sobretudo projetando maneiras de proibir aos inimigos reais, potenciais e presumidos, o acesso ao espaço que eles reivindicam e mantendo-os a uma distância segura, -

<sup>80</sup> As comunidades muradas (gated communities) são condomínios isolados e protegidos que dispõem de entrada controlada, cercas sofisticadas, guardas armados e aparelhagens de televigilância.(N.E.I.) Apud Bauman

<sup>81</sup> ELLIN, N., “Shelter from the Storm, or Form Follows Fear and Vice Versa”, in N. Ellin e E.J. Blakely (orgs.), *Architecture of Fear*, New York, Princeton Architectural Press, 1997, p.13,26. Apud Bauman

<sup>82</sup> FLUSTY, S., “Building Paranoia”, in N. Ellin e E.J. Blakely (orgs.), op. cit., p.48-52. Apud Bauman

constitui o interesse maior e o objeto da mais rápida expansão da inovação arquitetônica e do desenvolvimento urbano das cidades nos Estados Unidos. (FLUSTY apud BAUMAN, 2009, p. 41)

Concordamos com Bauman e Flusty. Nas cidades, as construções da arquitetura do medo que eles descrevem e de certo modo vemos em Fortaleza e em muitas cidades brasileiras são supervalorizadas, alardeadas e imitadas, e não passam de “espaços fechados” que têm a função de interceptar, de algum modo filtrando os acessos a seus espaços. “[...] A intenção desses espaços vetados é claramente dividir, segregar, excluir, e não criar pontes, convivências agradáveis e locais de encontro, facilitar as comunicações e reunir os habitantes da cidade.”(BAUMAN, 2009, p. 42)

Os estratagemas arquitetônico-urbanísticos identificados e listados por Flusty são os equivalentes tecnicamente atualizados dos fossos pré-modernos, das torres e das seteiras nas muralhas das cidades antigas. Mas ao invés de defender a cidade e todos os seus habitantes de um inimigo externo, servem para dividir e manter separados seus habitantes: para defender uns dos outros, ou seja, daqueles a quem se atribui o status de adversários. Entre as invenções mencionadas por Flusty, temos: “o espaço escorregadio” um “espaço inatingível, pois as vias de acesso são tortuosas ou inexistentes”; o “espaço escabroso”, que “não pode ser confortavelmente ocupado, sendo defendido por expedientes como borrifadores instalados nos muros, úteis para expulsar os vagabundos, ou bordas inclinadas que impedem que as pessoas se sentem; e o “espaço nervoso”, “que não se pode usar sem ser observado, por causa da vigilância ativa de grupos de patrulhamento e/ou de tecnologias de televigilância conectadas a estações de controle.” (BAUMAN, 2009, P. 42)

Estes e outros tipos de espaços proibidos têm um único – embora composto- objetivo: manter os enclaves extraterritoriais isolados do território contínuo da cidade; construir pequenas fortalezas no interior das quais os integrantes da elite global extraterritorial podem cuidar da própria independência física e do próprio isolamento espiritual e tratar de cultivá-los e desfrutá-los”. (BAUMAN, 2009, P. 43).

Bauman se refere em *Confiança e Medo na Cidade* ao conceito de *mixofobia* (medo de misturar-se), e para ele: “[...] Escolher a fuga, aceitando as sugestões da mixofobia, tem uma consequência insidiosa e deletéria: quanto mais ineficaz é a estratégia, mais ela se reforça e perdura.”(BAUMAN, 2009, p. 45)

Para explicar as origens da mixofobia Bauman dialoga com Richard Sennet<sup>83</sup> que sugere as suas origens são banais, não muito difíceis de identificar. Como sugere Sennet: “[,,,) ‘a sensação de ‘nós’, que expressaria um desejo de

---

<sup>83</sup> Ver em: SENNETT, R., *The Uses of Disorder: Personal Identity and City Life*, Londres, Faber & Faber, 1996, [Knopf, Nova York, 1970], p.39,42. Apud Bauman.

semelhança, não é mais que um modo de fugir da necessidade de olhar profundamente um dentro do outro”.(SENNET, 1970, apud BAUMAN, 2009. p. 44).

Para Bauman,

No processo de formação de uma imagem coerente de comunidade está incluído o desejo de evitar qualquer participação real. Mesmo quando podem sentir os vínculos que as unem aos outros, as pessoas não querem vivê-los porque têm medo de participar, têm medo dos perigos e dos desafios que a participação implica, e têm medo de sofrer (BAUMAN, 2009, p. 45)

No estudo da arquitetura do medo confrontado com o conceito de mixofobia fica fácil de entender a tendência e o impulso para uma comunidade de semelhantes, como diz Bauman. Esse impulso “[...] é um sinal de retirada, não somente da alteridade que existe lá fora, mas também do empenho na interação interna, que é viva, embora truculenta, fortalecedora, embora incômoda. (BAUMAN, 2009, p, 45)

Na análise da mixofobia, nas cidades norte-americanas Sennett explica: “[...] O modo como as cidades norte-americanas se desenvolveram nos últimos anos tornou relativamente homogêneas as diversas áreas étnicas; e não por acaso o medo do estrangeiro aumentou a ponto de excluir tais comunidades étnicas”.<sup>84</sup>

Pode-se depreender da mixofobia que há a busca por uma zona de conforto, sem interferência da alteridade e a convivência por tempo prolongado em ambiente homogêneo. Explica Bauman :

Como as pessoas esqueceram ou negligenciaram o aprendizado das capacidades necessárias para conviver com a diferença, não é surpreendente que elas experimentem uma crescente sensação de horror diante da ideia de se encontrar frente a frente com estrangeiros. Estes tendem a parecer cada vez mais assustadores, porque cada vez mais alheios estranhos e incompreensíveis. E também há uma tendência para que desapareçam - se é que existiram - o diálogo e a interação que poderiam assimilar a alteridade deles em nossa vida. (BAUMAN, 2009, P. 46)

Quem vive nas cidades vive o dilema de ter os momentos que são agradáveis, aproximam e atraem para a vida urbana. As oportunidades de crescimento profissional, cultural e lazer estão dentro destas vantagens urbanas. Porém, quando se necessita passar horas em engarrafamentos, para se chegar ao trabalho, ao hospital, ou ver um show musical, uma partida de futebol, ou chegar a um restaurante para encontro com amigos, em um final de semana, e se fica exposto ao assaltos nas vias urbanas, essas vantagens parecem esmaecer, e vêm

---

<sup>84</sup> Ibid, p. 194.

a lembrança do oposto que se pode ver em algumas cidades mais modestas de vida menos complexa.<sup>85</sup>

Para Bauman (2009), há uma ambivalência com experiência de viver na cidade porque ela atrai e afasta, isso torna complexa a situação do cidadão, porque os mesmos aspectos da vida na cidade que o atraem, ao mesmo tempo ou alternadamente, o repelem.

A desorientadora variedade do ambiente urbano é fonte de medo, em especial entre aqueles de nós que perderam seus modos de vida habituais e foram jogados num estado de grave incerteza pelos processos desestabilizadores da globalização. Mas esse mesmo brilho caleidoscópico da cena urbana, nunca desprovido de novidades e surpresas, torna difícil resistir a seu poder de sedução." (BAUMAN, 2009, P. 47)

Bauman aplica à cidade os conceitos de mixofilia e mixofobia, gostar de estar com diferentes e não gostar de estar com estranhos, respectivamente. Para ele, a cidade é um sempre ofuscante espetáculo, e ter que enfrentá-la não é percebido apenas como maldição e infelicidade. A cidade induz simultaneamente à mixofilia e à mixofobia.(BAUMAN, 2009)

A cidade, por suas oportunidades de emprego, lazer e vantagens diversas sobre a vida no campo, tem feito com que as pessoas que pretendam uma vida urbana procurem formas de se adaptar e conviver com a diversidade de estímulos na cidade. Bauman considera que:

A arte de viver pacífica e alegremente com as diferenças e de extrair benefícios dessa variedade de estímulos e oportunidades está se transformando na mais importante das aptidões que um cidadão precisa aprender e exercitar.É improvável que (pela mobilidade humana cada vez maior na era da modernidade líquida, e pela aceleração das mudanças introduzidas no elenco, na trama urbana e no ser da cena urbana) que se possa erradicar totalmente a mixofobia. (BAUMAN, 2009, p.48 )

Mas talvez já possível fazer alguma coisa para influir nas proporções e que ela e a mixofilia se combinam, de forma a reduzir o desorientador, ansioso e torturante impacto da mixofobia. Na verdade parece que os arquitetos e planejadores podem fazer muito para favorecer o crescimento da mixofilia e reduzir as ocasiões de reação mixofóbica diante dos desafios da vida urbana. Mas ao que tudo indica, também podem fazer muito – e na verdade estão fazendo – para favorecer o efeito oposto.(BAUMAN, 2009, p. 49)

## O MEDO URBANO

---

<sup>85</sup> A violência urbana, hoje no Brasil, não existe apenas em grandes cidades, tamanho de cidade nem sempre significa vida urbana sem os perigos da violência, principalmente dos assaltos a cidadãos, agências bancárias e até mesmo correios. Suas causas são as mais diversas, desde a pauperização cada vez maior, falta de perspectivas de trabalho, impunidade, descaso com a segurança, pelo poder público. Apenas estudos especializados poderão responder os motivos da violência em cada pequena cidade .

Pode-se dizer que associada à cidade está a noção de progresso que antes podia ser pensado como algo muito desejado e capaz de dar uma espécie de felicidade a quem pudesse usufruir dos seus benefícios. A poluição urbana, resultado do uso de grande quantidade de veículos urbanos particulares, dá boa medida dos problemas que a tecnologia associada ao consumo pode causar na vida do habitante das cidades. Esse mesmo progresso antes desejado, hoje já se configura como fonte de medo. Morar próximo a aeroportos, em espaços urbanos muito habitados, até um erro de decolagem ou aterrissagem pode ser um bom exemplo de um medo urbano, embora específico para algumas poucas cidades, pode ser de fonte de inquietação desta aventura de viver nas cidades. Porém, o medo que mais nos interessa está diretamente associado à própria aglomeração urbana, com suas diferenças não aceitas por muitos, gerando conflitos e insegurança nas cidades. Ainda sobre outros medos que se somam à problemática urbana em estudo,

[...]hoje se formulam previsões apavorantes e fatalistas, representando o progresso a ameaça de uma inexorável e inevitável mudança que não promete paz nem repouso, mas crises e tensões contínuas, um espécie de “jogo das cadeiras” no qual um segundo de distração pode levar à derrota irrevogável, à exclusão sem apelo.. Em lugar de grandes expectativas a palavra progresso evoca uma insônia povoada de pesadelos: “ser deixado para trás”, perder o trem, ser atirado para fora do veículo por um movimento brusco.” (BAUMAN, 2009, p.52)

A estratégia que se adota, segundo Bauman(2009) é que, sendo incapazes de prever tudo que de mal nos possa acontecer, nos concentramos naquilo que pensamos que podemos controlar ou influenciar, assim estamos constantemente observando os [...]“sete sintomas do câncer” “os cinco sinais da depressão” ou a exorcizar o espectro da pressão sanguínea e das taxas do colesterol, do estresse ou da obesidade.(BAUMAN, 2009, p. 53)

Em outras palavras, perseguimos objetivos vicários, úteis para descarregar os excessos de um medo cujo desaguadouro natural está fechado e para encontrar algum objetivo improvisado, que consiste em tomar complexas precauções contra o fumo, a obesidade, o fast food, o sexo sem proteção ou exposição aos raios solares. Aqueles que têm condições tentam se proteger contra o perigo –difuso, mas onipresente, visível ou invisível, manifesto ou pressentido, conhecido ou desconhecido. Entrincheiram-se atrás de muros, multiplicam as câmeras nas vias de acesso aos apartamentos, contratam guardas armados, compram carros blindados (como os famigerados SUV – Sport Utility Vehicle), usam roupas protegidas (como os tênis de skate com grossas solas vulcanizadas), ou recebem aulas de artes marciais.(BAUMAN, 2009, p. 53)

O medo e a insegurança principalmente os decorrentes da violência nas cidades são fontes de lucros. Os publicitários sabem tirar partido do medo para venda de equipamentos de segurança, veículos blindados, sistemas de proteção, vigilância. Há algum tempo, em torno de uma década, nos empreendimentos imobiliários, os argumentos relativos à segurança dos condomínios ganhavam muito destaque. Hoje não são mais tão explícitos, pois já se tornaram os dispositivos de segurança, parte integrante dos projetos, o que os tornam óbvios aos consumidores.

As estratégias de marketing ainda levam a sério o argumento da segurança, embora de forma mais discreta, pois se trata de argumento que pode ou não convencer ao usuário investidor, pelo caráter de subjetividade do medo. A segurança pessoal tornou-se muito importante, talvez o argumento de venda mais necessário para qualquer estratégia de marketing. É importante lembrar que “[...] assim como o dinheiro líquido disponível para investimento de todo tipo, o ‘capital do medo’ pode ser transformado em qualquer tipo de lucro político ou comercial”.(BAUMAN, 2009, p53).

Bauman (2009) se refere a expressão “lei e ordem”, como argumento categórico de venda de espaços seguros, porém isso tem aplicação reduzida à determinadas culturas onde a perturbação da ordem é levada a sério pela lei. Pode-se ser preso por perturbar a ordem em alguns países. No Brasil (não é regra), mas em muitas cidades se desconhece ou não se acredita mais nem em lei, e tão pouco na ordem, como possibilidade de paz urbana. A violência predomina e o medo toma conta das ruas de muitas cidades brasileiras.

Para Bauman,

[...]a exposição das ameaças à segurança pessoal é hoje um elemento determinante na guerra pelos índices de audiência dos meios de comunicação de massa (incrementando assim o sucesso dos dois usos, político e mercadológico, do capital medo).( BAUMAN, 2009, p.55) Ray Surette afirma que o mundo visto na televisão parece um universo em que “policiais-cães de fila” protegem “cidadãos-ovelhas” de “criminosos-lobos”.<sup>86</sup>

São preocupações que incidem sobre as condições da vida urbana, sobre o modo como percebemos a existência na cidade e sobre as esperanças e apreensões que tendemos a associar ao ambiente urbano, a ponto de distorcê-lo.

---

<sup>86</sup> Cf. relatório de J. Vidal, *Beyond the City Limits*, no suplemento online de *The Guardian*, 9 set 2004, p.4-6. Apud Bauman.

Quando Bauman (2009) fala das condições de vida na cidade, lembra-nos que se refere a toda a humanidade, uma vez que pelas previsões atuais, dentro de 25 anos, cerca de duas pessoas entre três viverão em cidades.

Muito significativa para esta pesquisa sobre a violência e seus efeitos na cidade é a análise de Bauman sobre o fenômeno da Globalização e suas consequências nos problemas relacionados ao medo nas cidades.

Lembrando de um conceito de McLuhan, Bauman (2009) escreve que nosso planeta ainda levará algum tempo para se transformar na “aldeia global”, embora considere que as aldeias de toda parte do planeta estejam se globalizando muito rapidamente.

Há muitos anos, depois de perguntado o que restaria do mundo rural pré-moderno, Robert Redfiel chegou à conclusão de que a cultura camponesa embora incompleta e não auto-suficiente, não pode ser definida e menos ainda compreendida de modo adequado fora da moldura de sua circunvizinhança, que compreende um centro ao qual os habitantes da aldeia estão forçosamente ligados pela troca de serviços. Cem anos depois, podemos dizer que a única moldura que deve enquadrar todas as realidades rurais, se quisermos descrevê-las e compreendê-las de maneira apropriada, é a moldura do *planeta*. Incluir nesse quadro uma cidade vizinha, por maior que seja, de nada adiantaria. Aldeia e cidade são o terreno no qual se confrontam forças que as superam, assim como os processos que tais forças acionam e que ninguém – não somente os camponeses e moradores das cidades, mas também aqueles que deram início ao processo – pode compreender e menos ainda controlar. O velho provérbio “os homens atiram mas é Deus quem fornece as balas” deveria ser atualizado: os camponeses e os cidadãos podem até começar a lançar mísseis, mas é o mercado global que irá fornecê-los. (BAUMAN, 2009, p. 57)

Bauman(2009) mostra num artigo de Elbert van Donkersgoed<sup>87</sup> publicado em 24 de maio de 2002- na coluna Countryside Commentary, intitulado; “O efeito colateral da globalização”:

“[...]A cada ano produzimos mais alimentos com menos gente e com uma exploração mais prudente dos recursos”[...] “Os agricultores operam de modo mais refletido, investindo em tecnologias que economizam mão-de-obra e no gerenciamento voltado para a obtenção de qualidade”. (DONKERSGOED, apud BAUMAN, 2009, p. 58)

Cada vez é preciso menos gente para produzir. O progresso tecnológico, no caso do Canadá, tem feito desaparecer das estatísticas, entre fevereiro de 1998 e fevereiro de 2002, 35 mil trabalhadores que o “progresso tecnológico” tornou

---

<sup>87</sup> Elbert van Donkersgoed, (conselheiro para estratégias políticas da Christian Farmers Federations of Ontario, Canadá) escreveu em 24 de maio de 2003 na coluna Countryside Comentary do jornal *Corner Post* um artigo intitulado “O efeito colateral da globalização. Neste artigo mostra como a produção mecanizada afeta a produtividade em detrimento do emprego. Para ele um dos efeitos do processo de consumo e produção numa economia de mundo globalizado.

supérfluos, substituídos por novas tecnologias, melhores que as precedentes (pois capazes de reduzir ainda mais a mão de obra). Ocorreu no entanto, que de acordo com Donkersgoed, que não houve sinal de opulência, embora a adequação aos padrões definidos pelos manuais de economia e à “lógica do mundo”, tenha havido melhorias na produtividade e possa ter enriquecido o Ontário rural e incrementado os lucros de seus agricultores. Essa substituição de mão de obra por máquinas tem agravado a insegurança de muitos trabalhadores e incrementado o medo na economia globalizada.

Van Donkersgoed conclui dizendo a única coisa que poderia declarar: [...]“As vantagens derivadas dos lucros da produtividade agrícola estão se acumulando em outro lugar na economia. Por quê? Globalização”.<sup>88</sup> Como observa ele, a globalização gerou

[...]uma estrutura feita de fusões e aquisições por parte das empresas que fornecem insumos às fazendas... A argumentação de que ‘tudo isso é necessário se quisermos ser competitivos no plano internacional’ pode ser verdadeira, mas tais fusões levaram também a manobras monopolistas” que “se apropriaram das vantagens derivadas dos lucros provenientes da produtividade das fazendas.

“As grandes corporações”, prossegue van Donkersgoed,

transformam-se em gigantescos predadores que se apoderam do mercado. Podem usar o seu poder econômico, e o fazem, para obter dos agricultores tudo o que pretendem. O comércio espontâneo – troca de mercadorias entre iguais – está cedendo vez a uma economia agrícola de tipo *comando-e-controle*.<sup>89</sup> (DONKERSGOED, 2002, apud BAUMAN, 2009, p. 59)

Para mostrar os efeitos da globalização da economia nas cidades, Bauman (2009) cita outro exemplo em um país situado alguns milhares de quilômetros a sudeste do Ontário. Ele fala da Namíbia, que pelas estatísticas é um dos países africanos de maior bem estar. Com base em informações de Keen Shote,<sup>90</sup> no final do século XX, a taxa percentual da população rural da Namíbia (tradicionalmente um país de camponeses) diminuiu bruscamente, enquanto a população da capital, Windhoek, duplicou. Houve um deslocamento do excedente da população agrícola

<sup>88</sup> DONKERSGOED, 2002, apud BAUMAN, 2009, p. 58

<sup>89</sup> No âmbito econômico, a fórmula *comando-e-controle* indica uma das formas que o Estado tem de intervir nas “falhas do mercado”: como os mercados reais não podem satisfazer o ideal da concorrência perfeita, baseada na interdependência entre oferta e procura, precisam ser regulados por normas de conduta, mecanismos de controle, sanções e incentivos. (nota do autor)

<sup>90</sup> Cf. [http://web.idrc.ca/em/ev-5376-201-1-DO\\_TOPIC.html](http://web.idrc.ca/em/ev-5376-201-1-DO_TOPIC.html)

para as favelas que se espalharam ao redor da capital, relativamente abastada. Essa população foi atraída “não por algo real, mas por uma esperança”, dado que “agora a oferta de trabalho é inferior à demanda”.(BAUMAN, 2009) “[...] Se quisermos comparar a quantidade de gente que se deslocou para Windhoek com a expansão de sua economia urbana, podemos concluir que, na verdade, deve haver um grande número de pessoas que nada ganham.”[...]<sup>91</sup> Foi o que descobriu Bruce Frayne, “[...]planejador de áreas urbanas do Canadá e pesquisador (entre outras coisas, ganhou um prêmio da Queens University of Canada). (BAUMAN, 2009, p. 60)

O relato do caso da Namíbia agrícola liberando no período citado um excesso de mão-de-obra com um crescimento dos recursos financeiros da Namíbia urbana insuficiente para acolher esses “sobrantes”, nos faz questionar por que motivo, os lucros extras prometidos pelo crescimento da produtividade na agricultura não permaneceram nas regiões agrícola e também não foram par as cidades? Segundo van Donkersgoed, a resposta seria exatamente: globalização.

Jeremy Seabrook,<sup>92</sup> observa que “[...] naqueles lugares do planeta que sofrem as pressões da globalização, “as cidades transformaram-se em campos de refugiados para os que foram expulsos da agricultura”,(SEABROOK, 2004, apud BAUMAN, p.60), em seguida ele

descreve a vida urbana que os expulsos da vida rural parecem encontrar: sem ninguém que lhes ofereça trabalho, transformando-se em condutores de riquixá ou empregados domésticos; compram algumas bananas e colocam no chão, na esperança de vendê-las; transformam-se em carregadores de malas ou serventes. Estamos falando da economia informal: na Índia, menos de 10% da população tem um emprego regular, esse percentual se reduz pela privatização das empresas estatais. (BAUMAN, 2009, p. 60)

Explicado os processo de globalização no campo, nas economias agrícolas, e seus reflexos na cidade, vejamos como Bauman analisa os problemas da segregação sócio-espacial nas cidades.

Nesta análise não podemos deixar de considerar o pensamento de Nan Ellin, nas palavras de Baumam, “uma das mais perspicazes analistas das tendências

---

<sup>91</sup> FRAYNE, apud BAUMAN, 2009, p. 60

<sup>92</sup> Cf. Seabrook, J., *Consuming Cultures: Globalization and Local Lives*, Toronto, New Internationalist, 2004. A citação foi extraída de um texto intitulado “Powder Keg in the Slums”, publicado em *The Guardian*, 1º set 2004, p.19. Apud Bauman, 2009, p. 60.

urbanas contemporâneas. Ela está entre os autores referidos por Bauman nesta análise da segregação nas cidades. Para Nan Ellin:<sup>93</sup>

Proteger do perigo “sempre esteve entre os principais estímulos para construir cidades, cujos confins – das antigas aldeias mesopotâmicas às aldeias dos nativos norte-americanos – eram definidos muitas vezes por extensos muros ou cercas”. Os muros, os fossos, as paliçadas assinalavam o limiar entre “nós” e “eles”, entre ordem e caos, paz e guerra: os inimigos eram mantidos do outro lado e não podiam se aproximar.

Contudo, “depois de ter sido relativamente segura”, nos últimos 100 anos a cidade se transformou em um lugar que faz pensar “mais no perigo que na segurança”. Hoje nossas cidades, em vez de se constituírem defesas contra o perigo, estão se transformando em perigo”. (ELLIN, 2003, apud BAUMAN, 2009, p. 61)

Diken e Laustsen<sup>94</sup> sugerem que houve a inversão do milenar vínculo entre civilização e barbárie: “[...] A vida nas cidades está se convertendo em um estado de natureza caracterizado pela regra do terror e pelo medo onipresente que a acompanha”.(Diken e Laustsen, 2002, apud BAUMAN, 2009, p. 61)

Depreende-se destas análises de Bauman (2009), Diken e Laustsen (2002), que as fontes de perigo atingiram agora o coração da cidade, como se vê no cotidiano contemporâneo. Esses autores concordam que na cidade convivem “ [...] os amigos e os inimigos – sobretudo os misteriosos e incompreensíveis estrangeiros que oscilam ameaçadoramente entre esses extremos – misturam-se, confundem-se nas ruas da cidade.”<sup>95</sup> Afirmam também que a “ [...] guerra à insegurança, aos riscos e aos perigos está em curso *dentro* da cidade; nela, os campos de batalha são nitidamente delimitados e as linhas de frente são “demarcadas”.<sup>96</sup>

Dentro desse cenário de medo na cidade fica fácil de entender que:

A forma mais comum de baluarte defensivo é representada pelas *Gated communities*, com os indefectíveis guardas armados e câmeras de controle (parece óbvio que os folhetos dos agentes imobiliários e os hábitos dos moradores ressaltem antes a primeira palavra – “murada”- e não a segunda, “comunidade”). Nos Estados Unidos, as *gated communities* são mais de vinte mil, e sua população cada ano; há supera os oito milhões de pessoas.

---

<sup>93</sup> Ellin, N. “Fear and City Building”, *The Hedgehog Review*, vol. 5, n.3, outono 2003, p.43-61.apud Bauman,2009, p.61

<sup>94</sup> Diken B. e C.B. Laustsen, “Zone of Indistinction: Security, Terror and Bare Life”, *Space and Culture*, vol.5, n.3, ago 2002, p.209-307. Apud Bauman, 2009, p. 61

<sup>95</sup> “.Diken e Laustsen, 2002, apud BAUMAN, 2009, p. 61

<sup>96</sup> Idem, ibidem

Aqui vemos a forte relação desta análise com a problemática de nossa investigação da arquitetura do medo. Os muros e as grades, importantes na busca da segurança, se constituem signos de proteção que marcam as cidades com suas emblemáticas *Gates communities*. Bauman estabelece relações dessa problemática com as questões da globalização e da insegurança que ela implica para muitas comunidades no mundo. Porém, apenas a segurança e a busca de redução do medo não são suficientes para tratar o objeto da tese, como será visto nos capítulos adiante.

Por volta de 2005, já existiam nos Estados Unidos, mais de vinte mil *gated communities* (grifo do autor). Observa Bauman(2009), que o significado de *gate* tende a se complicar a cada ano, pelas diversas formas em que a arquitetura tem assumido com a intenção de reduzir o medo. por exemplo:

[...] um condomínio californiano chamado Desert Island, circundado por um fosso de dez hectares. Bran Murphy construiu para Dennis Hopper, em Venice, uma casa com uma espécie de *bunker*, cuja fachada de metal ondulado não tem janelas. O mesmo arquiteto projetou outra casa de luxo em Venice entre muros de uma velha estrutura em ruínas, recobrando-a de grafites semelhantes aos dos arredores, de forma a camuflá-la. (BAUMAN, 2009, p. 62)

Como busca de proteção há também uma tendência de projetar e construir casas “não-vistas”<sup>97</sup>. Para Bauman(2009) é uma tendência cada vez mais difundida na arquitetura urbana governada pelo medo. Há também tendência de uma arquitetura da intimidação, que apresenta exteriores hostis com aspectos, semelhante ao de uma fortaleza. No Brasil encontramos também uma profusão de “[...]vistas guaritas (*checking-points*) para guardas uniformizados – ou com a insolente e descarada ostentação de ornamentos provocadores e caros. (BAUMAN, 2009, p. 63. A arquitetura do medo e da intimidação – o equivalente ao que denominamos, nesta pesquisa, de arquitetura da violência<sup>98</sup> – “[...] espalha-se pelos espaços públicos das cidades, transformando-a sem cessar- embora furtivamente – em áreas extremamente vigiadas, dia e noite. A inventividade não tem limite nesse campo.”<sup>99</sup>

---

<sup>97</sup> No Brasil, os muros altos, em parte, têm essa função. Escondem muitos aspectos internos das habitações isoladas, ou em condomínios verticais.

<sup>98</sup> Ver tabela 3, com exemplos de signos da arquitetura da violência.

<sup>99</sup> BAUMAN, 2009, p. 63.

Nan Ellin menciona alguns engenhos, aos quais já fizemos referência (fig.13), quando tratamos das marcações de territórios nas cidades, Ela fala de equipamentos na maioria de origem norte-americana, mas amplamente imitados, “à prova de mendigos”: como exemplo, os bancos de forma mais ou menos cilíndrica de difícil acomodação, impedindo longa permanência e ainda com sistemas de irrigação para incomodar usuários indesejados, principalmente mendigos. Estes bancos foram colocados nos parque de Los Angeles.<sup>100</sup> Em Copenhagem foram além, eliminando todos os bancos da estação central e obrigando os passageiros à espera de baldeação a se acomodarem no chão); ou ainda sistemas de irrigação combinados a música eletrônica, ensurdecidoura, “[...] muito úteis para afastar desocupados e vagabundos dos arredores dos discounts. (estabelecimentos que vendem mercadorias e serviços a preços populares - N.T. )(ELLIN, apud BAUMAN, 2009, p. 63)

Bauman exemplifica essa tendência plena de símbolos se referindo à avenida beira-mar de Copenhague, imponente, mas decididamente não acolhedora. “[...] Os escritórios das grandes corporações, fortificados demais e escrupulosamente cercados, foram concebidos – como os muros cegos de La Défense – para serem admirados de longe, mas não visitados.[...]”<sup>101</sup> A mensagem que passam é clara porém inaceitável, ou seja: pessoas que trabalham para as corporações dentro de edifícios como esses, “[...]habitam o *ciberespaço-global*; sua ligação física com o espaço da cidade é superficial, acidental e frágil; a soberba e presunçosa grandiosidade da fachada monolítica, com poucas portas de entrada cuidadosamente dissimuladas, anuncia exatamente isso.”(BAUMAN, 2009, p. 64).

Pode-se dizer:

Os insiders estão in,<sup>102</sup> mas não originários do local em que foram edificadas seus escritórios. Seus interesses não se referem mais à cidade em que armaram suas tendas por um certo tempo; o único serviço que pedem aos antigos cidadãos é que os deixem em paz. Pedindo pouco, não se sentem obrigados a dar mais que isso em troca.

---

<sup>100</sup> ELLIN,apud BAUMAN, 2009, p 63

<sup>101</sup> BAUMAN, 2009, p. 65

<sup>102</sup> *Insiders* são os membros de uma organização ou de uma associação. Enquanto *in-siders*, estão *dentro* (e, portanto em todos os sentidos, estão *in*). Por contraste, os *insiders* evocam os *out-siders* que infelizmente estão fora. (N.E.I.). Citação extraída de Reader, J., *Cities*, Londres, William Heinemann, 2004,p.282. Nota de Bauman.

## Globalização e Planejamento das Cidades

Ao relacionar a globalização e sua interferência no planejamento das cidades buscamos o pensamento de Bauman exposto em suas importantes pesquisas sobre o assunto,

Ao falar sobre medo urbano, Bauman mostra como a globalização interfere no planejamento das cidades e como ela se relaciona com a insegurança e o medo.

Bauman (2009) se refere a Richard Rogers, um dos mais prestigiosos e aclamados arquitetos ingleses, lembrando de um aviso dado por esse arquiteto aos participantes de um congresso sobre planejamento urbano que teve lugar em Berlim, em 1990:

Se apresentarem um projeto a um investidor, ele dirá imediatamente: 'Que necessidade há de árvores, de portões?' Os construtores estão interessados apenas no espaço dos escritórios. Se não conseguirem garantir que edifício amortizará seu próprio custo no período máximo de dez anos, podem desistir. (ROGERS, 1990, apud, BAUMAN, 2009, p.65)

Rogers descreve Londres – onde aprendeu essa amarga lição – como “[...] uma cidade politicamente paralisada, que está cada vez mais nas mãos dos construtores”.<sup>103</sup>

Observa-se que:

Quando se trata de renovações verdadeiramente significativas do espaço urbano – como a reforma dos canteiros navais de Londres, os mais importantes da Europa -, os projetos são aprovados com um número de votos inferior ao necessário à autorização de “uma placa luminosa para uma loja de *fish and chips* no East India Dock Road. (BAUMAN, 2009, p.65)

Na luta de resistência ao avanço da globalização, o espaço público é a primeira vítima, sejam em Londres ou Brasil, as prioridades recaem nos processos de maior lucro para o capital. Na opinião de Rogers “temos absoluta necessidade de uma instituição que proteja o espaço público”.

Sobre o destino do planejamento urbano de Londres, Bauman cita a análise de John Reader: “[...] A ordem social e a distribuição da população londrina estavam mudando, mas de uma forma que não correspondia às previsões nem aos ideais dos planejadores.”<sup>104</sup> Isso pode ser considerado um exemplo clássico de como o fluxo

---

<sup>103</sup> ROGERS, 1990, apud, BAUMAN, 2009, p. 65

<sup>104</sup> READER, apud BAUMAN, 2009, p.66

econômico, social e cultural pode contradizer – e até invalidar – as idéias e teorias que os planejadores têm defendido.(BAUMAN 2009)

A preocupação com a insegurança que resulta em medo faz com que se priorize a guerra à insegurança. Não é novidade que planejadores destaquem a sua importância. A insegurança, como diz Bauman (2009), é responsável pelo desaparecimento, das ruas da cidade, da: espontaneidade, flexibilidade e da capacidade de surpreender, bem como da oferta de aventura, e resume ele, “de todos os atrativos da vida urbana.”

As cidades sempre foram lugares onde os estrangeiros viviam em contato com os outros, embora permanecessem estrangeiros. A companhia de estrangeiros é sempre “inquietante” (embora nem sempre temida). Muitos dos conflitos urbanos contemporâneos estão ligados a rejeição de estrangeiros por muitos países. (BAUMAN, 2009)

A aceitação do estrangeiro, do diferente, da alteridade no espaço comum da cidade abre um debate sobre o conceito de espaço público, porém, para efeito de nossa pesquisa sobre a arquitetura do medo, nos satisfaz a definição:

Um espaço é “público” à medida que permite o acesso a homens e mulheres sem que precisem ser previamente *seleccionados*. Nenhum passe é exigido, e não se registram entradas e saídas. Por isso, a presença num espaço público é anônima, e os que nele se encontram são estranhos uns aos outros, assim como são desconhecidos para os empregados da manutenção. Os espaços públicos são o lugar onde os estrangeiros se encontram.

É nos espaços públicos que a vida urbana e tudo que a distingue das outras formas de convivência humana atingem sua mais completa expressão, com alegrias, dores, esperanças e pressentimentos que lhe são característicos. (BAUMAN, 2009, p. 69)

É de se esperar que nos espaços públicos haja rejeição e atração entre as pessoas, com possibilidades de reações as mais diversas. Pode-se esperar tudo, desde comportamentos maníaco-depressivos ou esquizofrênicos. Quando as diferenças afloram, com elas também os medos povoam as relações entre estranhos no espaço público das cidades. Nas possibilidades de entendimento e confiança que também podem ocorrer nos espaços públicos reside a esperança de convivência entre diferenças.

Pode-se admitir que, “[...] reconhecendo o valor criativo das diversidades e sua capacidade de tornar a vida mais intensa, encorajam as diferenças a empenhar-se num diálogo significativo.”<sup>105</sup>

Para citar mais uma vez Nan Ellin:

Depositando confiança justamente na diversidade (de gente, de atividades, de convicções etc.) para prosperar”, os espaços públicos tornam possível integrar (ou reintegrar) “sem anular as diferenças, ou, antes, exaltando-as. O medo e a insegurança são mitigados Pela conservação das diferenças e também pela possibilidade de mover-se livremente pela cidade.(ELLIN, apud BAUMAN, 2009, p. 71)

O afastamento do espaço público em busca de refúgio em ilhas de “uniformidade” dificulta em muito as possibilidades de diálogos e pactos. A exposição à diferença transforma-se em fator decisivo para uma convivência feliz, fazendo secar as raízes do medo.(BAUMAN, 2009)

#### VIVER COM ESTRANGEIROS <sup>106</sup>

Bauman, nesta conferência, trata do problema da segurança relacionando-a à alteridade existente nas cidades. “viver em uma cidade significa viver junto- junto com estrangeiros.” A informações que obtemos de Bauman nesta conferencia é fundamental para explicitar problemas de relações interpessoais na cidade, principalmente considerando-se o fator da alteridade, o estranhamento e a segregação entre pessoas nos espaços urbanos.

Nas cidades acontece um fenômeno relacionado ao medo do estrangeiro. Esse fenômeno é considerado por Bauman, (2009) um paradoxo, de natureza mais lógica do que psicológica, e que está relacionado ao espaço e à distância entre pessoas estranhas. Se o espaço e a distância entre as pessoas se reduzem, maior é a importância que sua gente lhe atribui e quanto mais depreciado o espaço, as pessoas acham a distância menos protetora e assim num processo obsessivo as pessoas traçam e deslocam fronteiras. Bauman falando sobre fronteiras, menciona o grande antropólogo norueguês contemporâneo, Fredrik Bark que, contrariando a opinião comum, afirma que o objetivo de traçar fronteiras não é separar diferenças, ocorre o contrário, pois afirma que

---

<sup>105</sup> BAUMAN, 2009, p. 71

<sup>106</sup> Título de conferência de Zigmunt Bauman no congresso Confiança e Medo na Cidade, que teve lugar em Milão, em março de 2004.

“[...]porque se demarcam fronteiras é que, de repente, as diferenças emergem, que as percebemos e nos tornamos conscientes delas. Melhor dizendo, vamos em busca de diferenças justamente para legitimar as fronteiras.”(BARK apud BAUMAN, 2009, p. 75).

Esta opinião é fundamental para se explicar as fronteiras dos territórios segregados das cidades. São reconhecidas as diferenças e com elas já constatadas, tentam-se justificar os muros, as grades, os medos. Um determinado tipo de arquitetura produzido para supostamente proteger, tem antes de tudo um determinado tipo de usuário e/ou investidor “medroso” consumidor. Não é todo tipo de Arquitetura do Medo que serve ou possa se utilizado por todo ou qualquer usuário, vítima do medo e da violência das cidades. Exatamente porque o próprio espaço sofre mecanismos de diferenciação e valorização. Nas cidades, os planos diretores colaboram nessa tarefa de determinar para o que e para quem se destina determinado espaço urbano. Daí a existência de diversas modalidades de Arquiteturas do Medo. Na área em que investigamos, quem pode dispor da Arquitetura do Medo, lá encontrada, são pessoas das classes média e alta, tipos ideais para os investimentos imobiliários, os que têm maior possibilidade de investimento e de lucro.

Em uma conferência, Bauman exorta os indivíduos da platéia a verificar que as pessoas que os rodeiam são todas diferentes entre si, e afirma:

[...] existimos porque somos diferentes, porque consistimos em diferenças. No entanto, algumas delas nos incomodam e nos impedem de interagir, de atuar amistosamente, de sentir interesse pelos outros, preocupação com os outros, e vontade de ajudar os outros.( BAUMAN, 2009, p. 76)

Uma pergunta surge, se quisermos compreender as nossas diferenças e as dificuldades que criam: Por que essa obsessão em demarcar fronteiras? Bauman responde que essa obsessão hoje se deriva do

desejo, consciente ou não, de recortar para nós mesmos um lugarzinho suficientemente confortável, acolhedor, seguro, num mundo que se mostra selvagem, imprevisível, ameaçador.

Neste processo buscamos proteção contra forças externas que parecem invencíveis e que não podemos controlar, nem deter, e menos ainda impedir que cheguem perto de nossas casas, de nossas ruas. Independentemente da natureza dessas forças, todas as conhecemos pelo nome: de globalização, ou como preferia Alberto Melucci amigo do conferencista; “planetarização”. (BAUMAN, 2009, p. 77)

Porém de tudo do que Bauman falou nesta conferência, suas palavras finais sobre um achado antropológico que indica a “aurora da humanidade” foram mais marcantes e muito importantes para qualificar a humanidade. Bauman assim descreve esse fato que ele, quando aluno, ouviu de um professor de antropologia:

[...] os antropólogos conseguiram identificar a aurora da sociedade humana graças à descoberta de um esqueleto fóssil, o esqueleto de uma criatura humanóide inválida, que tinha a perna quebrada. Quebrara-a quando era ainda menino, e, no entanto, ele só tinha morrido aos 30 anos. A conclusão do antropólogo era simples: aquela devia ser uma sociedade humana, pois algo assim não aconteceria num bando de animais, em que uma perna quebrada poria um ponto final à vida, pois a criatura não teria mais condições de se sustentar. (BAUMAN, 2009, p. 90)

“A sociedade humana é diferente do bando de animais. Nela, alguém poderia ajudar um inválido a sobreviver “ [... a preocupação contemporânea está toda aí: levar essa compaixão e essa solicitude para a esfera planetária”. (BAUMAN, 2009, p. 90)

Estas reflexões de Baumam e Nan Ellin abrem a discussão para uma análise das possibilidades de futuras intervenções propositivas para o problema do trabalho de pesquisa em que estamos engajados, ou seja: análises da construção de uma Arquitetura do Medo. São reflexões que poderão alimentar alternativas de tratamento dos problemas relacionados a esse tipo de arquitetura nas cidades que sofrem problemas semelhantes.

## 12. TEORIAS DA EXCLUSÃO SOCIAL

Em *Globalização e Desemprego: diagnóstico e alternativas* Paul Singer (1968) enumera algumas teorias da exclusão social as quais abordaremos aqui: São a concepção individualista e a concepção estruturalista com os seus dois mais importantes paradigmas que sustentam o estruturalismo contemporâneo: marxismo e keynesianismo. Que segundo Singer, embora distintos na origem, estes paradigmas tornaram-se mais próximos um do outro sob pressão da hegemonia individualista.

As causas da exclusão social podem ser individuais e estruturais. Para Singer normalmente se procura a combinação de *fatores condicionantes*,

“[...] como malogros individuais para competir com êxito por empregos ou clientes, ou por vagas no sistema escolar ou residencial, com *fatores estruturais*, como a distribuição da propriedade de ativos, a composição setorial da atividade econômica e do emprego, as regras da negociação salarial etc.” (SINGER, 1998, p. 65).

### 12.1. CONCEPÇÃO INDIVIDUALISTA.

Para Singer (1998) o principal fundamento desta concepção é a suposição de que a sociedade é composta de indivíduos, que são basicamente livres e distintos entre si, embora a maioria tenha um objetivo comum que se resume em maximizar a sua utilidade ou bem-estar. É no processo de relacionamento, habitualmente contratual que os indivíduos buscam essa maximização onde cada parte obtém benefícios em troca de custos. Os relacionamentos tendem a se manter em “equilíbrio” se as partes estimam os seus benefícios como sendo máximos. Quando alguns indivíduos acreditam “[...] que podem aumentar seus benefícios relativamente aos custos, eles tentam alterar os termos da troca. O equilíbrio cessa, a competição e a barganha produzem alterações nos relacionamentos.” (SINGER, 1998, p. 65)

Essa tentativa de aumentar benefícios continua até que cada indivíduo se convença de que nenhuma ulterior mudança aumentará seus benefícios e/ou diminuirá seus custos. Então se estabelece um novo equilíbrio. É assim o modelo individualista de mercado, pode-se dizer, originalmente concebido como explicação para as relações econômicas numa economia de mercado. Esse modelo foi também aplicado com sucesso a “[...] relacionamentos não de mercado, como por exemplo, ao mercado “matrimonial”, ao comportamento reprodutivo e ao processo eleitoral. O

individualismo considera a liberdade como o mais apreciado de todos os valores” (SINGER, 1998, p. 67-68)

Os liberais clássicos veem a liberdade e a igualdade, ambas, como sendo importantes. Porém eles lutaram contra sistemas tradicionais de privilégios, que sufocavam a liberdade individual e instituíam a desigualdade entre membros de diferentes grupos sociais. Atualmente os neoliberais lutam contra o assim chamado Estado de bem-estar social que se envolve ativamente em políticas redistributivas mediante tributação progressiva e despesas sociais. Os neoliberais almejam restaurar as liberdades individuais, que vêem como postas em perigo pelo estado de bem-estar social, e enfatizam a necessidade de alguma igualdade nas condições iniciais das carreiras de vida dos indivíduos, mas negam qualquer legitimidade na demanda por igualdade nos resultados do processo competitivo. Robert Nozick (1974) elaborou uma sofisticada argumentação na defesa desta posição.” (SINGER 1998 p. 68) Nozick defende que a “distribuição é justa quando provém de outra distribuição justa por meios legítimos”<sup>107</sup>.

[...] Nozick tenta mostrar que toda tentativa de tirar dos ricos para dar aos pobres por meio de tributação ou coisa parecida é violação da liberdade individual. Eis uma amostra de seus argumentos: “A tributação dos rendimentos do trabalho é comparável ao trabalho forçado. Algumas pessoas acham esta presunção obviamente correta: tomar os rendimentos de *n* horas de trabalho é como tomar *n* horas da pessoa; como forçar a pessoa a trabalhar *n* horas para a finalidade de outrem.(NOZICK, 1974, apud SINGER, 1998. p. 68-69)<sup>108</sup>

Segundo Singer (1998) não há no Brasil por parte dos neoliberais, oposição a qualquer esquema de tributação redistributiva, mas tentam limitá-lo o quanto possível por motivos mais práticos: Para os neoliberais “[...] uma parte excessiva da receita tributária é desperdiçada na folha de pagamento dos servidores públicos, muito pouco desta receita chega aos necessitados;”<sup>109</sup> para os neoliberais, tributar a renda e a propriedade privada resulta em desencorajar a acumulação de capital e, portanto, a criação de empregos que poderia ajudar o pobre mais do que a assistência pública etc.

Ainda segundo Singer “[...] a única despesa social que eles apóiam e a da educação pública, vista como o principal instrumento para o desenvolvimento da qualificação e motivação e, portanto o melhor meio de reduzir a exclusão social.” (SINGER, 1998, p. 70)

---

<sup>107</sup> NOZICK,1974, p 151, apud SINGER 1998 p. 68

<sup>109</sup> SINGER 1998 p. 68

## 12.2. A CONCEPÇÃO ESTRUTURALISTA

Segundo Singer(1998) há maior diversidade de teorias e sistemas normativos subjacentes à concepção estruturalista da exclusão social, que aqueles que fundamentam a concepção individualista. Os dois mais importantes paradigmas que sustentam o estruturalismo contemporâneo: o *marxismo* e *keynesianismo* que serão vistos em sequência.

## 12.3. O PARADIGMA MARXISTA.

Para o marxismo as sociedades capitalistas contemporâneas

“[...] são compostas de classes: a *classe capitalista*, formada pelos proprietários ou administradores dos meios de produção, organizados funcionalmente como empresas; a *classe operária* formada por aqueles desprovidos de qualquer propriedade dos meios de vida e assim obrigados a vender sua força de trabalho; e os produtores simples de mercadorias, formados por aqueles que possuem alguns meios de produção, mas os utilizam eles próprios ganhando sua vida pela venda de bens e serviços que são produzidos por eles sozinhos ou, no máximo, com outros membros da família ou um pequeno número de trabalhadores contratados.” (SINGER, 1998, p. 70)

Ainda segundo Singer:

Essa divisão fundamental de classes é de longe incompleta demais para explicar a complexidade das atuais sociedades capitalistas altamente desenvolvidas. *Primeiramente*, as maiorias dos dirigentes das empresas capitalistas são empregados, com pouco ou nenhum direito de propriedade. É importante distinguir entre capitalistas financeiros, que possuem capital e supervisionam os executivos, e estes últimos que realmente dirigem a atividade produtiva, admitem e demitem trabalhadores, estabelecem os níveis salariais e desse modo distribuem pelo menos parte da receita gerada pelas firmas. *Capitalistas proprietários* e *capitalistas gerenciais* formam atualmente grupos diferentes de uma mesma classe. *Em segundo lugar*, algum limite de classe separa os executivos dos trabalhadores ordinários, mas não é fácil determiná-lo na teoria. Existem diversos níveis de supervisores ou dirigentes administrativos subordinados que não podem ser facilmente classificados como capitalistas gerenciais ou trabalhadores assalariados. Em situações de conflito de classe eles podem caracteristicamente aderir a um lado ou a outro. *Em terceiro lugar*, existem participantes da vida econômica que não parecem pertencer a qualquer das três classes fundamentais. São por exemplo, as donas de casa, que ajudam a produzir e reproduzir a mais importante de todas as mercadorias: a força de trabalho. Servidores públicos e trabalhadores de organizações sem fins lucrativos também não dispõem de um lugar apropriado no esquema de classes marxista. (SINGER, 1998, p. 70)

Para os marxistas, a sociedade de classes é intrinsecamente injusta, gerando inevitavelmente a exclusão social. Nas sociedades capitalistas a exclusão social tem sido identificada com desemprego, mas ultimamente novas formas de exclusão

social estão surgindo. Estas novas formas estão relacionadas à Terceira Revolução Industrial. (SINGER 1998)

Dentre as drásticas transformações na maioria das empresas, provocadas pela Terceira Revolução Industrial, está a redução da hierarquia gerencial levando ao desemprego de grande maioria dos supervisores de nível intermediários, que são compelidos a se preparar para uma nova carreira ou a uma aposentadoria precoce. Outro problema para os assalariados é a sua substituição por fornecedores de serviços contratados (terceirização). Com isso os trabalhadores que frequentemente podem ser os mesmos, têm seu status de classe alterado: São aqueles que pertenciam anteriormente à classe operária e agora se tornam produtores simples de mercadorias. Como empregados, o número de horas de trabalho era determinado por lei ou contrato. Como autônomos, para eles há sempre motivo para aumentar o número de horas trabalhadas e assim ganhar mais. Então os trabalhadores autônomos substituem os empregados, poucos executam o trabalho e alguns são excluídos não mais por ter sido demitidos, mas por ser incapaz competir. (SINGER 1998).

Singer mostra em sua análise do paradigma marxista que:

Os marxistas distinguem entre exploração e exclusão. Marx escreveu certa vez que pior do que ser explorado pelo capital é não ser explorado por ele, quer dizer, estar excluído do mercado de trabalho. A teoria da exploração mostra que no capitalismo o excedente social toma a forma de mais-valia ou renda de propriedade, que é apropriada pela classe capitalista. Atualmente isto não é totalmente verdadeiro. Os fundos de pensão, que pertenciam aos trabalhadores, estão entre os maiores investidores. Por conseguinte, uma parte do excedente toma forma de salário e é apropriada pelos empregados e economizada na forma de fundos de pensão. Contudo, empresas médias e grandes são todas controladas por capitalistas e as camadas mais pobres da classe operária certamente são exploradas.

O importante é que a exclusão de uma parte intensifica a exploração da outra. Na maioria dos países, e certamente no Brasil, existe uma sobreoferta de trabalho desqualificado ou escassamente qualificado. “A pressão do grande número de excluídos conserva o padrão salarial desses trabalhadores num nível baixo, limitado apenas pela legislação do salário mínimo”. Como foi visto acima a crescente informalização das relações de trabalho está agora golpeando também trabalhadores qualificados e antigos empregados com nível universitário. As longas jornadas de trabalho praticadas por trabalhadores informais resulta em mais demissões e crescimento número de desempregados, avolumando as fileiras dos trabalhadores informais. Não há dúvida que a exclusão alimenta a exploração e a exploração (particularmente do trabalhador informal) alimenta a exclusão.

O marxismo propõe o socialismo como modelo de sociedade na qual em princípio, ninguém é excluído. “A proposta original supunha que a plena integração social seria assegurada pela produção social de todos os meios de produção e pelo planejamento centralizado da atividade econômica”. (SINGER, 1998, p. 73)

De acordo com Singer (1998), devido ao colapso do “socialismo realmente existente”, a maioria dos marxistas se convenceu de que o progresso econômico e os direitos individuais não podem ter garantias sem liberdade econômica e algum grau de competição de mercado. Isto significa a necessidade de redesenho do projeto socialista, e tendo como desafio encontrar um caminho de conciliação das potencialidades de liberação de um mercado competitivo com os controles institucionais que reduzam sistematicamente a desigualdade e as exclusões sociais.

A Terceira Revolução Industrial e suas implicações sociais acenam para a solução do problema ou “enigma”. A divisão alienante do trabalho padronizado por Taylor e Ford está sendo radicalmente revista, na medida em que os trabalhadores estão ganhando mais responsabilidades e autonomia.

[...] A equipe de trabalho substitui o trabalhador individual e uma colaboração mais estreita entre as equipes, gerentes e técnicos está mudando as relações sociais no local de trabalho. Como resultado, empresas gigantescas podem ser substituídas por extensas redes de empregados, fornecedores associados, subcontratantes etc. Até aqui, a exigência de elevado capital inicial representava uma barreira inseparável para o ingresso em muitos mercados, particularmente em mercados que geram e utilizam tecnologia avançada. A única maneira de neles entrar tem sido empregar-se num dos poucos oligopólios que dividem este mercado. A mudança na organização empresarial e as novas tecnologias tendem a abri-la aos pequenos operadores, cuja dimensão é prontamente superada por meio de “redes” com outros operadores.. (SINGER, 1998, p. 74)

Para Singer(1998), as barreiras para o ingresso de capital em muitos mercados estão sendo suprimidas pelo encurtamento das distâncias e do tempo consumido nas comunicações. Anteriormente, a coordenação do trabalho de dezenas de milhares era levada a cabo por meio da concentração de capital, e do que Marx chamou de “*centralização de capital*”, a fusão de muitos pequenos capitais em um punhado de enormes capitais oligopolísticos. A informática e a telemática já estão tornando possível esta coordenação sem a concentração de grande capital, abrindo perspectivas de um novo mundo de produção onde o trabalho será partilhado entre produtores livres e autônomos, sem a dependência dos monopolizadores da propriedade do capital. Mas os marxistas não acreditam que essa perspectiva seja realizada pela gradual disseminação de novas tecnologias. Segundo Singer: “[...] os capitalistas, que exercem sua dominação através do monopólio dos ativos de capital, irão de preferência, limitar ou retardar a chegada da Terceira Revolução Industrial do que abrir mão de seus privilégios”.(SINGER, 1998, p, 74).

Por outro lado, recentes evoluções, particularmente a *globalização*, expandiram a exclusão social no mundo desenvolvido. A abertura dos mercados nacionais à competição externa e ao capital estrangeiro impôs a reestruturação de todas as economias através de maciça transferência da indústria para os países onde a mão-de-obra é barata e desprovida de direitos sociais e políticos. Enquanto isso nas nações desenvolvidas, tradicionais reduto do movimento operário foram destruídos pela exportação dos postos de trabalho em larga escala e pela substituição dos trabalhadores assalariados organizados por autônomos. Os trabalhadores organizados foram vítimas de um novo tipo de exclusão social. Nos mercados oligopolistas, os trabalhadores altamente organizados podiam exigir – e conseguir – uma parte dos lucros extras recebidos pelas empresas. Os altos salários os benefícios adicionais assim conquistados fazem desses trabalhadores o alvo principal da desindustrialização e do deslocamento da produção para o exterior. (SINGER, 1998, p. 75)

O deslocamento da produção para o exterior constitui fator de insegurança para os trabalhadores locais, gerando possibilidades concretas de exclusão do processo de produção e consumo e conseqüente instabilidade social e medo.

No pensamento marxista, em uma economia de mercado a competição deve ser limitada por acordos extra-mercado, assim, há garantia de que todos tenham uma chance de participar da economia através do emprego, de contrato, de associação ou como operadores autônomos. (SINGER 1998).

#### 12.4. O PARADIGMA KEYNESIANO.

Keynes rompeu com a tradição neoclássica de que a questão de *equilíbrio do pleno emprego* numa economia de mercado puro, é atingido natural e inevitavelmente e que qualquer desemprego remanescente deve ser considerado como “voluntário”. Ou seja:

[...] alguns indivíduos podem não encontrar emprego apenas porque eles não aceitam o trabalho disponível, uma vez que o salário correspondente é demasiado pequeno para compensar o esforço. Em termos técnicos *há desutilidade*. Os neoclássicos pressupõem que sempre existe uma demanda infinita por trabalho, pagando-se por ele salários invariavelmente decrescentes. O pressuposto básico é que a produtividade marginal do trabalho<sup>110</sup> decresce com o montante do trabalho executado. Em mercados competitivos, os salários pagos pelo trabalho marginal tende a igualar sua produtividade - portanto têm de ser decrescente também.

Por exemplo, se os salários estão impedidos de ser rebaixados por força da legislação do salário mínimo, o desemprego “involuntário” seria possível, mas somente em virtude da limitação da livre escolha de compradores e vendedores da força de trabalho. (SINGER, 1998, p. 77-78)

---

<sup>110</sup> A produtividade marginal do trabalho representa o aumento de produção decorrente de um investimento unitário (mais um trabalhador, mais uma hora de trabalho, etc)

Singer afirma que para Keynes, o que determina o nível de emprego não é a oferta e a demanda no mercado de trabalho, e sim a demanda agregada, que é definida como a soma da despesa total das famílias e do governo como consumidores, e das empresas, como investidores. (SINGER, 1998). O que determina o nível de emprego é a relação entre a oferta agregada e a demanda agregada. Oferta agregada corresponde ao total da renda paga pelas empresas aos indivíduos. Segundo Singer (1998), os indivíduos despendem a maior parte desta renda mas o saldo é poupado. A poupança financia o investimento. O que constitui a demanda no mercado de capitais são os investidores, e a oferta, os poupadores. Há necessidade de que Investimento e poupança estejam *em equilíbrio*, porém “[...] esta igualdade pode ser alcançada em diferentes níveis da produção agregada e, portanto, do emprego agregado.[...]”<sup>111</sup> Se o nível de emprego de equilíbrio for baixo, significa isto que “[...] apenas parte dos recursos da economia esta sendo utilizada. Como consequência, muita gente que gostaria de trabalhar pelos salários correntes não consegue encontrar emprego.”. (SINGER, 1998, p. 78)

Os keynesianos mostram assim que a economia de mercado tende naturalmente a equilibrar-se em níveis abaixo do pleno emprego e, como consequência, muitos são socialmente excluídos pela inatividade forçada. Para evitar tal exclusão o governo entra em ação incrementando a efetiva demanda por meio dos gastos públicos discricionados ou pela administração da oferta de dinheiro com o fim de trazer a taxa de juros a um patamar que possa encrajar o investimento privado. Os governos deveriam, portanto, assumir a responsabilidade pela manutenção do equilíbrio de pleno emprego por meio de políticas monetárias e fiscais adequadas. Uma importante implicação do keynesianismo é que a legislação do salário mínimo e outras vantagens conquistadas pelos trabalhadores organizados através de negociações coletivas não são incompatíveis com o pleno emprego. Esta foi uma importante justificativa para a construção do Estado de bem-estar social, desde os anos 30. . (SINGER, 1998, p. 77-79)

Foi apresentado aqui o pensamento keynesiano sob a ótica de Singer(1998) em contraposição ao pensamento neoclássico. Esta questão pode ser muito extensa e muito mais detalhada, porém apresentamos aqui o que consideramos essencial para tratar a exclusão social. (as citações diretas foram necessárias para precisar os conceitos). Os pontos fundamentais dessa teoria explicam a participação do Estado na economia que foram responsáveis por períodos de segurança para o trabalhadores, fato esse abordado por muitos que tratam do problema da globalização e da exclusão social.

---

<sup>111</sup> SINGER, 1998, p. 78

### 13. PRODUÇÃO ESPACIAL URBANA

Vimos como Wacquant explica a violência urbana em três países, e como as diferenças, preconceito de raça e classes desenhavam espaços segregados. Esses aspectos de construção do espaço urbano encontram também explicação na obra de Lefebvre, especialmente na tríade homogeneização, fragmentação e hierarquização que ele, desenvolve a partir de Marx, e que contribui para a compreensão do espaço moderno.

Segundo Lencioni,

[...] a contribuição de Lefebvre, no que diz respeito ao espaço, é destacada e precedida da pergunta: por que o pensamento de Lefebvre fascina os geógrafos, mais precisamente dos de formação marxista? A resposta a essa pergunta talvez seja porque ao enfatizar a *práxis* espacial como elemento de reestruturação das relações sociais, Lefebvre coloca a revolução urbana e o enfoque do espaço no centro da superação da sociedade moderna. Talvez ainda, porque a perspectiva da produção social do espaço deixa claro que o “espaço é ao mesmo tempo o local geográfico da ação e a possibilidade social de engajar-se na ação” (GOTTDIENER, 1993, p. 227 apud LENCIONE) É nessa possibilidade da ação social transformadora não estar dissociada do espaço, que parece residir o fascínio do pensamento de Lefebvre, não só para os geógrafos, mas para todos que consideram a dimensão espacial em suas análises sobre o real.<sup>112</sup>

Ainda sobre a importância de Lefebvre a Profa. Sandra Lencione citando Martins:

Lefebvre trouxe Marx para o nosso tempo criticamente como era próprio do pensamento marxiano. Não foi um vulgarizador de conceitos, essa verdadeira praga que abateu o pensamento marxista reduzindo-o a uma coleção de ineficientes fórmulas feitas. Lefebvre retomou o que de mais importante havia em Marx – seu método e sua concepção de que a relação entre a teoria e a prática, entre o pensar e o viver, é uma relação vital (e datada) na grande aventura de fazer do homem protagonista de sua própria história. (MARTINS, 1996, p. 9, apud LENCIONE)

Ainda sobre Marx, Lefebvre e a sua tríade: homogeneização, fragmentação e hierarquização apresentada no livro; *Une pensée Devenue Monde. Fault-il abandonner Marx?* Escreve Lencione:

---

<sup>112</sup> LENCIONI, Sandra. Redes, Coesão e Fragmentação do Território Metropolitano. Disponível em: <<http://eventos.filo.uba.ar/index.php/geocritica/2010/paper/viewFile/514/239>>.

*Trazer criticamente Marx para o nosso tempo* e atualizar o seu pensamento significou uma vida dedicada à compreender a trajetória construtiva do pensamento de Marx e ao mesmo tempo, a da sociedade moderna. Ao afirmar que não existe pensamento sem utopia, Léfèbvre era crítico, propositor e desafiador.

Na sua obra *Une Pensée Devenue Monde. Fault-il abandonner Marx?* Léfèbvre faz uma reflexão sobre a dinâmica do pensamento de Marx e, no capítulo denominado *Le Schéma Général* discute o trabalho social que se constitui no centro da teoria de Marx. (LÉFÈBVRE, 1980, p. 135 apud LENCIONE)<sup>113</sup>

Lencione comenta que:

A discussão empreendida não é sobre a formação do trabalho ao longo da história, mas do seu sentido na contemporaneidade. O enfoque dado por ele busca compreender o trabalho que se apresentava naqueles idos do final do século XX. Sua abordagem vai apreendendo da leitura de Marx uma tríade presente no trabalho, qual seja: o trabalho como sendo homogêneo e quantificável, a fragmentação infinita do trabalho e um terceiro aspecto do trabalho, a hierarquia, uma vez que tanto os trabalhos, as atividades e os próprios trabalhadores são hierarquizados.<sup>114</sup>

Léfèbvre vai considerar essa mesma tríade ao falar do espaço. Espaço que como adverte Lencioni é o espaço social e não o espaço geográfico, o espaço (social) é político. Léfèbvre diz que em Marx não se encontra uma exposição sistemática sobre o espaço social, embora seja tema apresentado por ele, mas o espaço predominante em Marx é o *espaço natural* onde o capitalismo (empresas, redes de comunicação e trocas) se instalava. Léfèbvre diz que para Marx o “[...] espaço se apresenta como a soma dos lugares de produção, como território dos diversos mercados” (LÉFÈBVRE, 1980, p. 149 apud LENCIONE)

Portanto, há que se ter clara a diferença entre espaço social e espaço geográfico ou natural.

O primeiro elemento da tríade, a homogeneização do espaço, é evidente e de fácil percepção. Nas cidades, se identifica pelas semelhanças das próprias cidades e edifícios, pode-se constatar semelhanças gerais quando se viaja e se percebe as semelhanças nas áreas urbanas e equipamentos das cidades. No dizer de Léfèbvre “[...] os elementos da paisagem urbana são facilmente conhecidos e reconhecidos”.<sup>115</sup> Todavia, segundo Lefebvre (1980), essa homogeneização se fragmenta infinitamente. Mas convêm admitir:

---

<sup>113</sup> LENCIONI, Sandra. Redes, Coesão e Fragmentação do Território Metropolitano. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-331/sn-331-69.htm>

<sup>114</sup> idem, ibidem.

<sup>115</sup> LÉFÈBVRE, 1980, p. 151 apud LENCIONE 2010, p.4

“[...] a separação dos elementos e componentes é fictícia, porque, de um lado, não se pode completamente separar as funções, os ‘equipamentos’ ... e, de outro, [ela] é real (pois todo fragmento do espaço com suas funções, divididas como os trabalhos nas empresas, obtêm e guardam uma autonomia)” (LÉFÈBVRE, 1980, p. 154 apud LENCIONE, 2010, p.4)

Para Lencione:

[...]Os espaços de moradia, de lazer, o fracionamento da terra para atender ao mercado imobiliário, as favelas, os condomínios privados, por exemplo, são expressivos testemunhos dessa fragmentação. (LENCIONE 2010, p.4)

Esses espaços fragmentados por sua vez se hierarquizam. Do mesmo modo que o trabalho e as atividades são hierarquizados, o espaço também o é. Os espaços fragmentados e hierarquizados, permitem o funcionamento do todo, o domínio do poder e do comando que são instrumentais para garantir a totalidade do conjunto.(LENCIONE, 2010)

Essa tríade é útil para o estudo das cidades, principalmente metrópoles, como São Paulo, Rio de Janeiro, Fortaleza e outras, onde o processo de homogeneização do espaço pelo capital se apresenta forte, se apoderando da natureza e anulando diferenças no espaço e no tempo, tornando tudo tão homogêneo e tão semelhante a tantas outras metrópoles. Para Lencione (2010), ao mesmo tempo que o espaço é fragmentado, significa a existência das diferenças dos estratos de renda dos habitantes e consequente separação e redução da convivência entre classes sociais.

Lencione também afirma:

“[...] A diferença fragmentadora, promovida pelo mercado de terras e de edifícios, tanto quanto pelas funções urbanas, atomiza, ou seja, pulveriza em múltiplos negócios a cidade e eterniza o estranhamento que nega a aproximação dos diferentes. Ao mesmo tempo as diferenças do/no espaço, se hierarquizam, uma vez que a hierarquia sócio-espacial só pode se instalar quando se tem a diferença. Ela significa ordem, subordinação, e dominação uma espacialização hierárquica do poder da economia, e da política. (LENCIONE, 2010, p. 5)

A fragmentação promovida pelo mercado de terras e de edifícios, explica em parte a formação da área urbana em Fortaleza escolhida como laboratório para o estudo de arquitetura sinalizadora do medo da violência urbana.

A homogeneização dos procedimentos de valorização de recursos naturais e paisagísticos adotados em toda parte do mundo, também é aplicada a área de beira mar do setor em estudo, onde encontramos condomínios verticais de luxo e hotéis de categoria internacional e serviços direcionados ao turismo. São paisagens que

mantêm uma homogeneização dos padrões de serviços turísticos internacionais, das orlas marítimas valorizadas, mas são também fragmentadas em relação à possibilidade de usufruto destes serviços por parte da maioria dos que passeiam nas calçadas da beira-mar e se contentam com a brisa que a Natureza oferece a todos. No funcionamento destes espaços há a hierarquização no fornecimento de serviços públicos como: saneamento, iluminação, segurança, bem como a hierarquia do trabalho, dos salários, das ofertas de empregos garantindo o funcionamento direcionado ao lucro e acumulação de riquezas.

Em uma sociedade de grandes desigualdades como a Brasileira, é de se entender que a produção habitacional ocorra de forma diferenciada. Existem então dois setores de produção que se opõem, o capitalista e o setor subsidiado, existindo para cada mercado uma política específica, e seus respectivos agentes privados e públicos. A distribuição irregular e concentrada de renda justifica as políticas sociais para habitação e no Brasil, a interferência do Estado na questão habitacional ocorre desde 1964 com a criação do BNH.

O setor privado, de renda elevada, produz habitação de alto nível tecnológico, atendendo a exigências dos que podem pagar, principalmente, com relação à segurança: são os condomínios verticais exclusivos, bem como os horizontais em loteamentos de grande porte, fechados, caracterizando processos de segregação sócio-espaciais. No outro extremo estão os loteamentos clandestinos. Existem, porém, os autofinanciamentos que em grande maioria se caracterizam pelo esforço de obtenção da moradia individual existindo também autofinanciamento de moradias multifamiliares financiadas por grupos de famílias que resolvem ser proprietários e moradores de habitações na forma de pequenos condomínios horizontais ou verticais e sempre com intenção de constituir agrupamentos de amigos cautelosos com relação a outros desconhecidos do grupo. A escala do empreendimento, localização, equipamentos, sofisticação do isolamento e proteção são características que os diferenciam dos primeiros. Relacionado ao modo de produção do espaço urbano é importante observar que

[...] a segregação sócio-espacial se faz cada vez mais presente através dos processos de valorização imobiliária e de fragmentação, homogeneização e hierarquização do espaço urbano. Os habitantes das cidades não são somente expulsos das suas áreas mais valorizadas, mas sim da própria cidade e do que Henri Lefebvre chamou de “as positivities do urbano” (Lefebvre, 1999). A reclusão em condomínios fechados, nos shopping centers, nos automóveis particulares são efeitos de uma concepção que vê na cidade algo que não mais pertence aos seus moradores, nem aos mais

abonados- que tentam fugir dos crescentes perigos que a cidade passa a representar para eles- nem aos mais pobres, que por sua vez são “depositados” nas periferias distantes do consumo, do trabalho e do lazer, ou separados dos ricos por muros e outros tipos de barreiras cada vez mais visíveis na paisagem urbana.(BOTELHO, 2005, p.1)

A integração do capital imobiliário com o capital financeiro contribui para a fragmentação do espaço; aprofunda a segregação socioespacial; aumenta o poder do capital monopolista sobre localizações intra-urbanas. (BOTELHO, 2005)

A arquitetura que investigamos faz parte desse processo de hierarquização, fragmentação e homogeneização do espaço das cidades. O lugar onde se implanta essa arquitetura tem os melhores serviços, é um fragmento diferenciado no espaço urbano e tende a uma homogeneização com a reprodução de um tipo de Arquitetura do Medo.

Fragmentação e segregação estão relacionadas ao medo da interferência do outro em zonas de conforto demarcadas pelos indivíduos em sua vida na cidade, considerados os medos, preconceitos e as diversas instâncias de intersubjetividade. Sente-se medo de quem está próximo espacialmente, mas também, de quem na mesma empresa de trabalho e pode significar ameaça pela competição no mercado de trabalho. O medo explicitado pelas formas físicas da Arquitetura do Medo é de natureza bem mais específica e de fácil subjetivação, e uma vez internalizados, é de difícil controle, o que faz do medo o sujeito fundamental da arquitetura investigada. Associados ao medo, oportunistas da subjetividade capitalística montam suas potencialidades de lucro, reproduzindo modelos de organização de espaços e arquiteturas do medo nos territórios urbanos, num processo de homogeneização.

Concluimos neste capítulo a montagem desse conjunto de análises e discursos sobre uma multiplicidade de informações e questionamentos sobre o medo, a cidade, a violência, numa forma propositalmente não linear ou arborescente. Importa-nos muito mais o reconhecimento da importância destes enunciados e suas fontes, que podem contribuir em momentos não pré-determinados e sem teleologia, com mais tendência ao rizoma<sup>116</sup> que à estrutura arborescente, para o entendimento da problemática aqui investigada.

---

<sup>116</sup> No rizoma há dois importantes princípios: conexão e heterogeneidade: qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. É muito diferente da árvore ou da raiz que fixam um ponto, uma ordem. (DELEUZE & GUATTARI, 1995)

Foram apresentados neste capítulo enunciados e contribuições de fontes diversas para construção da subjetividade que permite entender a Arquitetura do Medo. O conjunto de informações aqui, sobre multiplicidades de saberes sobre o medo e a violência urbana, contribui para a construção do espaço urbano e parte de processo de territorialização e dos agenciamentos coletivos de enunciação. No nosso entender, são questões que estão, todas, nas entrelinhas dos textos e informações (enunciados) dos diversos autores sobre a multiplicidade dos conceitos a que o estudo da Arquitetura do Medo está necessariamente ligado. No próximo capítulo mostramos como se dá esse processo de construção dessa subjetividade, e seu uso na reprodução no território urbano do tipo de arquitetura investigada no recorte de dois Bairros (Aldeota e Meireles) em Fortaleza, bem como, seus efeitos nos espaços públicos nas áreas de influência de implantação desse tipo de organização espacial de moradia contra o medo.

### 13. CAPÍTULO 3

#### 13.1. CONDIÇÕES E MODOS DE APREENSÃO DA ARQUITETURA DO MEDO PESQUISADA (ATUALIZADA EM RECORTE URBANO EM FORTALEZA)

No estudo e definição de nosso objeto empírico, no capítulo primeiro, utilizamos para a apreensão de nosso objeto de estudo, a semiótica Peirceana em que os signos presentes, no objeto investigado, se relacionam de forma pragmática às funções que exercem no contexto do tipo de Arquitetura do Medo em análise, e da Cidade de Fortaleza. A semiótica estuda todos e quaisquer tipos de informações, todo e qualquer signo ou fenômeno de qualquer natureza. Porém, nossa análise, com recurso à semiótica, teve o objetivo único de explicitar o objeto de nossa investigação, de o distinguir de outros tipos de arquiteturas que contêm os mesmos signos, mas não se confundem com o que denominamos de Arquitetura do Medo, nesta pesquisa. Neste capítulo utilizaremos outro modo de apreensão, como será visto a seguir.

Não existe apenas um tipo de arquitetura do medo. A que analisamos aqui, está sendo mostrada, juntamente com o seu objetivo e o objeto desta tese (hipótese) já apresentada anteriormente, mas a repetimos<sup>117</sup> para evitar retorno à páginas anteriores.

Até este momento da pesquisa já foram abordadas (os):

1. Definição da Arquitetura do Medo, cartografia, forma e significado (capítulo 1)
2. A violência urbana, o medo (capítulo 2)
3. Contexto social econômico (globalização dos problemas, do medo, segregação e da violência nas cidades e especulação imobiliária) (capítulo 2)

---

<sup>117</sup> “Arquitetura do Medo do recorte pesquisado, além da intenção de reduzir medo, ajuda a promover a produção imobiliária principalmente da habitação nas cidades brasileiras violentas, independentemente, de classificações territoriais relacionadas aos potenciais riscos da violência em qualquer área urbana edificável, em detrimento da segurança e vitalidade das ruas e espaços públicos abertos, em áreas de implantação e influência deste modelo de configuração de arquitetura encontrado no recorte em estudo.”

Nos dois capítulos anteriores apresentamos então representações (macro) do tema investigado, Neste terceiro capítulo teremos uma abordagem que nos aproxima de forma mais ampla, heterogênea, menos ortodoxa do nosso objeto de estudo.

Neste capítulo definimos, com recurso a estudos de subjetividade capitalística, a real importância da arquitetura do medo no cenário das cidades brasileiras, a exemplo do que acontece em Fortaleza, local de nosso estudo empírico: uma Arquitetura do Medo em Fortaleza, paradigma de segurança que se implanta nas cidades brasileiras onde a violência se desenvolve rapidamente. Com as pretensas garantias de segurança, a arquitetura que estudamos pode ser implantada em qualquer área em que seja fisicamente viável sua construção, independente de considerações relacionadas às classificações sobre graus de perigo de violência nos territórios físicos de implantação. Com todas essas, mais uma e muito importante: fica aberto o caminho para atendimento da falta de habitação “segura”, desejada por todos. Nossa questão é apresentar de que forma esse modo de construir, contra o medo, tem-se tornado padrão para muitas localidades brasileiras, mesmo ao preço muito elevado do aumento de privatização de áreas urbanas em detrimento da qualidade dos espaços públicos, cada vez mais reduzidos nas cidades e que, quando existem, estão contidos entre os muros que cercam e dividem os lotes dos grandes empreendimentos imobiliários. Destacamos aqui os edifícios residenciais de múltiplos pavimentos. Há certamente ao nível macro da representação alguns pré-requisitos, critérios, hierarquias e codificações. Ao nível da micropolítica, agenciamentos coletivos de enunciação e maquínicos que se relacionam às tendências de supervalorização das áreas urbanas para onde se direcionam as ações políticas de atendimento de infraestrutura que favorecem a construção arquitetônica residencial de alta densidade, como o que ocorreu nos bairros em estudo, com a implantação prioritária da rede de esgotos que favoreceu, junto com a mudança de legislação, a reprodução do capital imobiliário, em detrimento da qualidade do espaço público residual.

Neste capítulo, a pesquisa e a apresentação desta tese sobre Arquitetura do Medo em Fortaleza têm continuação dentro de uma heterogeneidade mais complexa das relações de forças, micropoderes e desejos, indissociáveis da complexidade do momento atual brasileiro. A Arquitetura do Medo (principalmente o tipo de configuração aqui estudado) existe no Brasil e em Fortaleza como algo muito mais do que um aparente e simples consumo motivado pelo medo da violência urbana:

há, no processo de construção deste tipo de Arquitetura do Medo, muito mais do que a necessidade de segurança e redução do medo da violência na cidade. A arquitetura aqui, além de ser uma Arquitetura do Medo, é também importante componente de espaços físicos sociais e econômicos urbanos em que se exacerbam tendências segregacionais, micro-fascistas e neoliberais, particularmente no Brasil, nos dias de hoje. Percebe-se nas cidades o aumento das diferenças, segregação e preconceitos. Na política e economia brasileiras estão acontecendo: redução do Estado, a quebra de poderes legítimos, protocolos éticos, morais, legais, dificultando a condução da sociedade por caminhos de construção de equilíbrio e paz, com melhor distribuição de renda, redução da miséria, da violência que é crescente e muito presente na sociedade brasileira<sup>118</sup>. Não se esquecendo do total descaso para as reais causas da violência, sempre compreendida como problema estritamente policial. É dentro deste quadro da tendência negativa, do momento, que essa violência se exagera e a arquitetura do medo, que não é de hoje, continua se desenvolvendo nos territórios das cidades, destruindo os espaços públicos que sobram entre os muros das propriedades privadas. A violência e o medo presentes na "rostidade" de seus signos favorecem o capital imobiliário na construção de um tipo de arquitetura que se pretende paradigma de morar seguro principalmente em territórios urbanos atuais.

Analizamos aqui a problemática imanente à tese, Arquitetura do Medo em Fortaleza sob uma ótica diferente da que usamos no capítulo anterior, quando buscamos informações sobre problemas relacionados ao medo à violência, e a produção do espaço da arquitetura e da cidade sob uma abordagem (macro) do mundo da representação, o que foi necessário para o entendimento das análises aqui elaboradas por outro procedimento em que se valoriza a relação de exterioridade com a subjetividade. A exterioridade ou "fora", relacionado à pesquisa sobre a arquitetura do medo, já foi de algum modo relacionado no capítulo anterior, quando levantamos o contexto na abordagem macro, (Mundo da representação), das questões fundamentais da tese, (o medo, a violência, a construção da cidade). Neste terceiro capítulo, como abordagem diferenciada, acrescentamos ao seu modo

---

<sup>118</sup> A despeito de tentativas (parcialmente exitosas de melhorias no campo social), do Partido dos Trabalhadores, esmagado por uma onda de corrupção, e volta ao poder de uma extrema direita gestada dentro do próprio governo petista e amamentado pela corrupção que levou ao golpe político e derrubada do poder de um governo legitimamente eleito.

molar uma análise de micropolítica que constrói maior aproximação à realidade dos processo de construção da Arquitetura do Medo. As diferenças de análise entre algumas percepções do capítulo anterior e o que aqui é visto – sob a ótica da produção da subjetividade – poderá desvelar o que não se vê diretamente numa análise molar, mas que possa ser intuído e exposto sob uma análise molecular. Uma cidade que se constrói, dentro de um regime capitalista, tem necessariamente uma subjetivação imanente à sua construção. A construção do medo urbano é pura construção de subjetividade, que se direciona aos propósitos dos investidores da construção de moradias urbanas. Estudos da construção da subjetividade capitalista, que pretendemos aqui, são ferramentas mais apropriadas para a elucidação de problemáticas investigadas (violência urbana, medo, produção da cidade) em relação a Arquitetura do Medo, que funciona como: dispositivo de convencimento das vantagens de uso e consumo capitalista do espaço urbano isolado e segregado por trás dos muros, grades, e equipamentos auxiliares de segurança, com a justificativa do medo da violência urbana, e na crença de proteção garantida, passando adiante a proposta de reproduzir em qualquer espaço urbano, um tipo de arquitetura que além de permitir a reprodução do capital imobiliário pretende deixar os usuários felizes e seguros.<sup>119</sup>

A análise micro (molecular) da problemática estudada sobre medo a violência, e o desejo de reduzir a insegurança nos espaços privados nos levam a perceber os agenciamentos coletivos de enunciação e agenciamentos maquínicos e encetar uma análise da subjetividade capitalística que nos esclarece melhor a construção da arquitetura em análise. Tudo que colocamos no segundo capítulo não tem uma ordem intencionalmente explícita, (nem mesmo há uma nesta tese uma estrutura de abordagem linear que perpassam todos os capítulos sequencialmente, cada capítulo tem conteúdos numerados de forma autônoma) porém, tudo está relacionado às diversas questões, mais propriamente ligadas à produção de enunciados e agenciamentos maquínicos de desejo, dobras da construção da subjetividade capitalística que dão luz à tese da Arquitetura do Medo em Fortaleza. Esperamos com isso, entender melhor a arquitetura do medo, e perceber a construção de territorialidades que contribuam para uma cartografia da pesquisa neste capítulo. Há no segundo capítulo representações (macro) de uma realidade estratificada, e foram

---

<sup>119</sup> A tese desta pesquisa já enunciada em capítulos anteriores, mas aqui, com outras palavras.

revisitadas neste, (o exemplo da abordagem de Chomsky), de forma também não necessariamente linear, mas com olhos críticos de uma abordagem molecular (microfísica e micropolítica) que se inicia no diálogo entre esses capítulos, (quase como em hiperlink), pela crítica do macro no capítulo dois, que certamente extrapolará para questões mais esclarecedoras da investigação proposta. Adotamos esse procedimento para melhor explicitar as diferenças entre as representações macro (o que se diz e o que se vê) e dar luz à investigação da arquitetura em causa. Estudo que não nos parece ter um ponto específico de início, mas questões que permeiam os processos imanentes à problemática da arquitetura do medo. Neste momento da pesquisa e sua exposição, somam-se à análise questões de construção de subjetividade na busca do entendimento da construção da arquitetura em estudo. Os processos de construção da subjetividade capitalística podem mostrar a importância da arquitetura pesquisada, não apenas para quem tem medo, mas também para quem lucra com esse sentimento no território violento das cidades. Procederemos ao estudo de uma microfísica da construção do desejo (abordagem diferenciada de epistemologias hegemônicas). Importa-nos mais o entendimento de que estamos num universo de heterogeneidades em que se imbricam a filosofia a ciência e a arte, com seus planos de imanência, referência e composição, respectivamente. A cidade está sempre percebida e enquadrada pela representação, tendo o desejo como falta e não como produção e transformação da realidade. O que vemos reproduzindo-se contemporaneamente nas formas da arquitetura do medo das nossas cidades, principalmente na repetição do não igual ou nunca igual, relaciona-se além do que fundamentamos aqui, ao informe e ao heteróclito<sup>120</sup> (conceitos Bataillianos cujos aprofundamentos merecem tese específica). A reprodução da arquitetura para satisfação de desejos plantados pela equivocada leitura capitalista da “falta” tem semente plantada no que Lipovetsky chama a “civilização do desejo”, que coincide com o nascimento de uma nova modernidade, e essa civilização foi construída ao longo da segunda metade do século XX. Para Lipovetsky trata-se de revolução que

é inseparável das novas orientações do capitalismo posto no caminho da estimulação perpétua da demanda, da mercantilização e da multiplicação

---

<sup>120</sup> Ver: Muros: da cidade capsulada ao surto heterológico – artigo do Prof. Dr. Washington Drummond. <http://muros.art.br>

indefinida das necessidades: o capitalismo de consumo tomou lugar das economias de produção. (LIPOVETSKY, 2007 p. 11)

O sucesso da permanência e reprodução dessa arquitetura nos espaços das cidades comprovam sua importância como atividade de lucro e reprodução do capital nos territórios urbanos, com a construção do tipo de Arquitetura do Medo que analisamos em Fortaleza. Passa pela análise também, que possibilidades de transformação podem-se oferecer a esse cenário de medo expresso na arquitetura, juntamente com todas as más consequências da segregação, da falta de segurança nos espaços públicos urbanos onde predomina a heterogeneidade, a diferença, o medo do outro, do diferente, do estrangeiro. Onde há o predomínio da valorização do espaço privado em detrimento do público, em crescente apropriação, controle, declínio e modulação.

Nossa investigação atenta para a micropolítica do planejamento urbano e faz-se necessário compreender a importância questões a ela imanentes como o estudo das dobras conceituais: corpo, saber, poder, espera e a cidade. (MAGNAVITA, 2013)<sup>121</sup> Ao se entender e construir alternativas de intervenções micropolíticas e processos de produção a partir da construção da subjetividade, compreender-se-á a construção do objeto empírico e suas problemáticas imanentes, pela exposição do que se diz e se faz, sobre questões fundamentais do tema (o medo, a violência, a cidade a segregação o Capitalismo Mundial Integrado e sua relação com o medo da violência e a construção das cidades). Itens da problemática anterior, de certo modo, constituem muito do “fora” desta investigação. Neste capítulo vimos questões de “*micropolíticas urbanas e processos de subjetivação*”<sup>122</sup> Optamos por valorizar o estudo da construção da subjetividade capitalística<sup>123</sup>. A construção de

---

<sup>121</sup> MAGNAVITA, Pasqualino Romano. Por uma micropolítica do planejamento urbano as dobras conceituais corpo, saber, poder, espera e a cidade. Anais dos Encontros Nacionais da ANPUR (2013)

Link: <http://unuhospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/anais/index>

<sup>122</sup>Sobre esse tema ver: MAGNAVITA, Pasqualino Romano. Micropolíticas Urbanas e Processos de Subjetivação. Anais XIII Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional. 25 a 29 de maio de 2009. Florianópolis-Santa Catarina- Brasil. <http://unuhospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/anais/article/view/3246>

<sup>123</sup> Segundo Suely Rolnik, “Guattari acrescenta o sufixo “ístico” a “capitalista” por lhe parecer necessário criar um termo que possa designar não apenas as sociedades qualificadas como capitalistas, mas também setores do assim chamado “Terceiro Mundo” ou capitalismo “periférico”, assim como as economias ditas socialistas dos países do leste, que vivem numa espécie de dependência e contradependência do capitalismo. Tais sociedades, segundo Guatarri, funcionariam

subjetividade é uma abordagem heterogênea e permite entender desde a formação do Capital Mundial Integrado (CMI), até a singularidade de “aparente” mau comportamento de alguém dentro de um ônibus ou de uma sala de aula. Assim, também, poderemos entender a construção do medo da violência urbana, fundamental no estudo de um tipo de arquitetura que tenta se justificar pela possibilidade de mitigação do medo, jogando sombras sobre outras intenções, como a especulação de uso do solo urbano, segregação socioespacial ou também, mais especificamente, auto-segregação.

### 13.2. A PRODUÇÃO DA SUBJETIVIDADE (conceito)

As atividades profissionais de Felix Guattari, bem como seus engajamentos políticos e culturais, levaram-no a enfatizar a subjetividade enquanto produzida por instâncias individuais, coletivas e institucionais. Não há hierarquia obrigatória entre os diferentes registros semióticos que concorrem para o engendramento da subjetividade. Exemplifica o autor:

[...] Pode ocorrer que a semiotização econômica se torne dependente de fatores psicológicos coletivos, como se pode constatar com a sensibilidade dos índices da Bolsa em relação às flutuações da opinião. A subjetividade, de fato, é plural, polifônica, para retomar uma expressão de Mikhail Baktine.[...] (GUATTARI 1992, pg. 11).<sup>124</sup>

Isso é indiscutível e pode-se ver a todo momento as agências internacionais classificando os riscos de investimento e confiança nos países, em função de ocorrências políticas internas que podem alterar as relações comerciais externas.

Para Guattari,

pelo menos três tipos de fatores nos incitam a ampliar a definição da subjetividade de modo a ultrapassar a oposição clássica entre sujeito individual e sociedade e através disso, rever os modelos de Inconsciente que existem atualmente; a irrupção de fatores subjetivos no primeiro plano da atualidade histórica, o desenvolvimento maciço de produções maquímicas de subjetividade e, em último lugar, o recente destaque de aspectos etológicos e ecológicos relativos à subjetividade humana.

Os fatores subjetivos sempre ocuparam um lugar importante ao longo da história. Mas parece que estão a desempenhar um papel preponderante, a

---

com uma mesma política do desejo no campo social, em outras palavras, com um mesmo modo de produção da subjetividade e da relação com o outro.”

<sup>124</sup> GAUTTARI, Félix. *Caosmose, Um Novo Paradigma Estético*. Tradução Ana Lúcia Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Editora 34. Rio de Janeiro 1992.

partir do momento em que foram assumidos pelos mass média de alcance mundial. (GUATTARI 1992, pg. 11,12)

Ao considerar um estudo de uma Arquitetura do Medo sob uma abordagem de subjetividade é importante que se leve em conta também que:

Seria conveniente definir de outro modo a noção de subjetividade, renunciando totalmente à idéia de que a sociedade, os fenômenos de expressão social são a resultante de um simples aglomerado, de uma simples somatória de subjetividades individuais. Penso, ao contrário, que é a subjetividade individual que resulta de um entrecruzamento de determinações coletivas de várias espécies, não só sociais, mas econômicas, tecnológicas, de mídia, etc (Guattari, 1986: 34)

Sobre os processos de subjetivação, nesta pesquisa, há que se levar em conta o que Guattari (2011) chama de máquinas informacionais e comunicacionais que para ele, elas não devem se contentar em veicular conteúdos representativos, mas devem concorrer de igual modo para a confecção de novos Agenciamentos de enunciação (individuais e/ou coletivos). Ainda segundo Guattari, “[...] todos os sistemas maquínicos, sejam que domínio pertençam – técnico, biológico, semiótico, lógico abstrato - , são o suporte, por si mesmos, de processos protossujeitos que ele qualifica de subjetividade modular. (GAUTTARI 2011 p. 178)

## 14. SUBJETIVIDADE CAPITALISTA E A PRODUÇÃO DE UMA ARQUITETURA DO MEDO INVESTIGADA EM FORTALEZA.

No capítulo anterior, algumas “formações discursivas” foram vistas com relação ao modo como a violência tem participado da vida nas cidades. Análises sob a ótica de representações (macro) fazem parecer indubitável que a arquitetura do medo é apropriada para proteção, e que existe, fundamentalmente, pela falta de segurança nas cidades. Existe muito mais que o medo da violência na arquitetura que investigamos. Há, também, o propósito da produção lucrativa da cidade, tendo a violência e o medo dela decorrente, como promotores desta arquitetura que resulta, como já apresentado anteriormente, em espaços públicos fragilizados entre ilhas de segurança privada.

Neste terceiro capítulo esperamos poder mostrar como, em nossa pesquisa, a produção de subjetividade ajuda o capital imobiliário com o uso e produção do medo, principalmente o da violência urbana. Faremos isso a partir das três vozes/vias explicitadas por Guattari e que serão desenvolvidas adiante.

### 14.1. MICROPOLÍTICAS URBANAS – CONSTRUINDO A CIDADE

Antes de tratarmos da subjetividade, faz-se necessária a compreensão do conceito de micropolítica. Segundo Guattari,

[...] a questão da micropolítica – ou seja, a questão de uma analítica das formações do desejo no campo social – diz respeito ao modo como o nível das diferenças sociais mais amplas (que chamei de ‘molar’) se cruza com aquele que chamei de ‘molecular’.(GUATTARI & ROLNIK 2013. p. 150).

A problemática da micropolítica não se situa diretamente no nível da representação, como a abordagem de questões no capítulo anterior, mas no nível da produção de subjetividade, que como diz Guattari,

Ela se refere aos modos de expressão que passam não só pela linguagem, mas também por níveis semióticos heterogêneos. Então, não se trata de elaborar uma espécie de referente geral interestrutural, uma estrutura geral de significantes do inconsciente à qual se reduziriam todos os níveis estruturais específicos. Trata-se, sim de fazer exatamente a operação inversa, que, apesar dos sistemas de equivalência e de tradutibilidade estruturais, vai incidir nos pontos de singularidade, em processos de singularização que são as própria raízes produtoras da subjetividade em sua pluralidade. (GUATTARI & ROLNIK, 2005, p. 36)

É muito importante esta abordagem com recurso à subjetividade porque, como diz Guattari, (2005) ela dá conta de explicar todos os fenômenos importantes da atualidade. Guattari comenta sobre a produção de subjetividade no Brasil e explica

também que para o caso do Irã ou da Polônia, “[...] não se consegue explicar o que está acontecendo nesses países se não se entender até que ponto, está havendo uma produção de subjetividade coletiva que, com dificuldade, se expressa como recusa de um certo tipo de ordem social.”(GUATTARI & ROLNIK, 2005. p. 36).

Exemplos de produção da subjetividade voltada aos interesses do capital com relação ao Brasil, puderam ser vistos na abordagem macro desta tese, no capítulo anterior, quando Chomsky analisa a relação dos Estados Unidos com os países sul-americanos e da América Central.

Para Guattari “[...] a produção da subjetividade constitui matéria-prima de toda e qualquer produção”.<sup>125</sup> Para nós, a produção da Arquitetura do Medo em Fortaleza passa necessariamente pela produção da subjetividade.

A violência urbana, além de causar medo, ela é divulgada pela mídia de modo a convencer que todos precisam de segurança, que somente por trás de grades e muros, pode-se sobreviver nas cidades. Esse é um exemplo de construção de subjetividade criando as condições de desenvolvimento de indústrias que exploram o medo e a violência, e favorecem a venda de produtos e serviços de segurança.

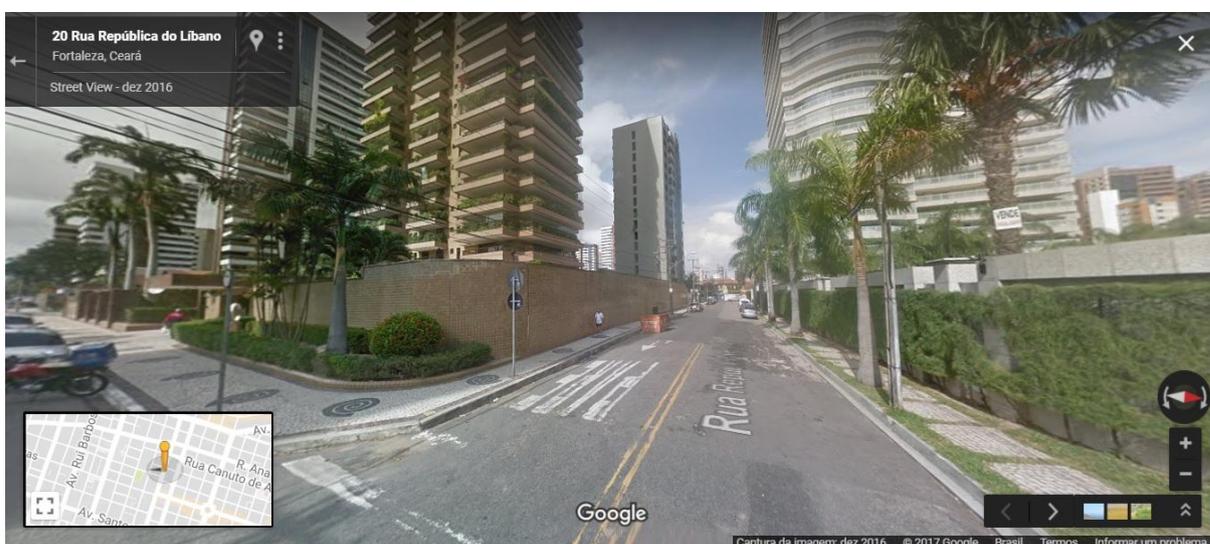


Figura 14. Rua República do Líbano – Meireles próximo ao nº 20. Fortaleza – fonte: Google

A arquitetura residencial adota a segurança como prioridade de preocupação, e é assim, que a arquitetura toma as características que vemos na imagem do recorte estudado, ruas desertas e perigosas entre muros altos e grades dos lotes, estes, a grande maioria, de edifícios condomínios residenciais.

<sup>125</sup> GUATTARI & ROLNIK, 2005. p. 36

É necessário que se defina agora o poder, para se processar uma análise de micropolítica. Para Foucault,

[...] o poder é uma relação de forças, ou melhor, toda relação de forças é uma “relação de poder”. Compreendamos primeiramente que o poder não é uma forma, por exemplo, a forma-Estado; e que a relação de poder não se estabelece entre duas formas, como o saber. Em segundo lugar, a força não está nunca no singular, ela tem como característica essencial estar em relação com outras forças, de forma que toda força já é relação, isto é, poder: a força não tem objeto nem sujeito a não ser a força. (DELEUZE 2011, p. 78)

Conhecido o que é o poder, associemos a ele o conceito de microfísica do poder, que de forma resumida, pode ser considerado o exercício de poderes periféricos e moleculares encadeados, por indivíduos, grupos, empresas, comunicadores, professores, cientistas, crianças mendigos. “[...] O que Foucault chamou de “microfísica do poder” significa tanto um deslocamento do espaço da análise quanto do nível em que esta se efetua.” (MACHADO, 2012, p. 14) É algo que não se vê, mas se sabe de sua existência, e que, muitas das vezes, trazem resultados não esperados ou percebidos numa correlação de forças.

Numa análise de subjetividade, de acordo do Guattari, devemos considerar três vozes/vias:

As vozes de poder: que circunscrevem e cercam, de fora, os conjuntos humanos, seja por coerção direta e dominação panóptica dos corpos, seja pela captura imaginária das almas;

As vozes de saber: que se articulam de dentro da subjetividade às pragmáticas técnico-científicas e econômicas;

As vozes de autorreferência: que desenvolvem uma subjetividade processual autofundadora de suas próprias coordenadas, autoconsistencial (que há um tempo atrás eu havia relacionado à categoria de “grupo sujeito”), o que não a impede de instar-se transversalmente às estratificações sociais e mentais. (GUATTARI, 1993, p. 179).

## 14.2. AS VOZES DO PODER

Vejamos como as vozes do poder, de que fala Guattari, podem explicar o fenômeno da Arquitetura do medo em Fortaleza. Se funciona para Fortaleza, deverá funcionar para todas as cidades que estão sob o mesmo regime político e econômico, e sofrem com a violência urbana. Considerando a cidade como abrigando conjuntos humanos, onde estão essas vozes? “[...] Essas partem dos agenciamentos coletivos de enunciação, das máquinas informacionais e comunicacionais que veiculam conteúdos representativos.”(GUATTARI, 1993, p.178).

Podemos dizer que nos processos micropolíticos<sup>126</sup> e no poder de ação e reação das forças, afetando e sendo afetados, que os agentes destes embates de forças constroem também novos enunciados. Essas vozes existem nas relações sociais, de produção da vida e do conhecimento, ou seja, podem ocorrer num processo de micropolítica urbana. A vida na cidade é plena desses enunciados. Na escala do Estado, na política brasileira atual, o comportamento dos parlamentares, embora, não da maioria, nos chega como um forte enunciado de descrença nos legisladores e governantes. Sobre a subjetividade em determinado momento do Brasil, escreveu Guattari:

Nessa sociedade dual – e como! – assistimos a uma subjetividade sendo duplamente varrida: de um lado, por uma onda ianque bastante racista – por mais que isto desagrade alguns – que é veiculada por uma das mais potentes redes televisivas do mundo e, de outro lado, por uma onda de caráter animista com religiões sincréticas como o candomblé, mais ou menos herdadas do fundo cultural africano e que tendem a sair de seu acantonamento original do seio das populações negras, para contaminar o conjunto da sociedade, inclusive os meios mais abastados do Rio e São Paulo. É impressionante ver o quanto, nesse contexto, a impregnação mass-midiática precede a aculturação capitalística. (GUATTARI, 1993, p. 189)

A mídia, já comentava Guattari (1993), tem grande poder de aculturação, e para nós, ela também é muito importante no processo em que se tenta convencer as pessoas a investir em bairros como os pesquisados, e trabalha na grande valorização dos aspectos da insegurança, mostrando de forma especial, o crime, a violência na vida na cidade e, em contrapartida, apresentam a oferta de segurança com dispositivos de alta tecnologia, procedimentos inteligentes de segurança acompanhando construções de alto padrão de acabamento e conforto. Sobre Investir e morar em lugar privilegiado com segurança e conforto são propostas e temas desse tipo que compõem argumentos enunciados pela *indústria do medo* (grifo nosso) e dos interesses do capital imobiliário em busca de se reproduzir. Ao nível de ações imediatas/micro de convencimento ao consumo, um anúncio de cosméticos em um outdoor, consegue vender pela ameaça sutil à beleza. Uma propaganda de academia fitness alerta para a feiura do corpo. Propagandas de empreendimentos imobiliários residenciais, com destaque para os muros, grades e outros dispositivos, alertam para o perigo da violência urbana que pode matar. São inumeráveis as fontes de informação que constroem a subjetividade. Há

---

<sup>126</sup> Os processos micropolíticos, segundo Guattari, tratam de uma analítica das formações do desejo no campo social.

especialistas: organizações, coletivos e indivíduos são especializados em vender ilusões, principalmente o capital que se utiliza do publicitário para fazer prosperar o consumo. Tudo para deixar o cidadão em dívida eterna, principalmente para com o cartão de crédito.

O cidadão urbano está em constante modulação dentro de categorias que podem sofrer mutações ou mobilidade, mudança de acordo com as especificidades das categorias como: posses, profissões, conhecimento, poder, nível econômico. Pode ser tentador investir num carro mais novo, ou mudar-se para um condomínio de luxo, somente por desejo de ter determinado de status social. É a subjetividade capitalística em ação, embora em poucos exemplos.

### 14.3. AS VOZES DO SABER

Vejamos que vozes são estas que ajudam na construção da subjetividade dentro do território urbano.

As vozes de saber: que se articulam de dentro da subjetividade às pragmáticas técnico-científicas e econômicas;

Saberes específicos dominam o conhecimento dentro da cidade. Não raro, deixamos que falem por nós, ou encontramos sempre alguém que se julga capaz de dizer o que se deve fazer, e traçar o destino dos outros<sup>127</sup>. Estas vozes são encontradas em instituições diversas, no Estado, nas políticas urbanas. Delegamos aos políticos o destino das cidades e até mesmo dos cidadãos. Mas como dizem DELEUZE e FOUCAULT num diálogo:

[...] DELEUZE: Para nós, o intelectual teórico deixou de ser um sujeito, uma consciência representante ou representativa. Aqueles que agem e lutam deixaram de ser representados, seja por um partido ou um sindicato que se arrogaria o direito de ser a consciência deles. Quem fala e age? Sempre uma multiplicidade, mesmo que seja na pessoa que fala ou age. Nós somos todos pequenos grupos. Não existe mais representação, só existe ação: ação de teoria, ação de prática em relações de revezamento ou em rede. M.F.: Parece-me que a politização de um intelectual tradicionalmente se fazia a partir de duas coisas: em primeiro lugar, sua posição de intelectual na sociedade burguesa, no sistema de produção capitalista, na ideologia que ela produz ou impõe (ser explorado, reduzido à miséria, rejeitado, "maldito", acusado de subversão, de imoralidade, etc.); em segundo lugar, seu próprio discurso enquanto revelava uma determinada verdade,

---

<sup>127</sup> Para Foucault, era importante que aos prisioneiros fosse permitido falar por si mesmos, sem a intermediação do diretor da prisão, do mesmo modo que os médicos deveriam deixar os doentes se manifestarem sobre suas doenças. (Os Intelectuais e o Poder: Conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze)

descobria relações políticas onde normalmente elas não eram percebidas.[...] <sup>128</sup>

Os pensamentos destes intelectuais não têm sido aceitos por muitos que ainda pensam representar ou falar pelos outros, o que tem significado no Brasil um grande retrocesso. Encontramos no Brasil de hoje uma total insegurança em/por quem se pensava ser representado; sobre o que se esperava do direito à cidadania e à cidade. Somos prejudicados pelos que deveriam lutar pelo direito e bem estar do povo, e deveriam dar exemplo para gerações futuras.

Políticos no Brasil hoje (felizmente não é regra) desrespeitam quem os elegem, usurpam os votos de milhões de eleitores, e discursam como falassem para imbecis e analfabetos. A mídia brasileira controla o país, já dizia Guattari (1993). Outros saberes específicos nos dominam na cidade, são os mais técnicos e científicos difíceis de contestação que nos tornam mudos, e temos que acatar. Hospitais e escolas são lugares onde se é mais infantilizado. Ao nível do problema de fazer cidade onde vive o cidadão não sabe nada sobre o porquê de muitas realizações públicas, e nem se tem o direito de perguntar. Exemplos disso são as muitas obras públicas e viárias, decididas por tecnocratas e políticos sem a participação popular. Tudo isso traz para a cidade problemas de difíceis soluções. O adensamento de áreas urbanas, com edifícios de múltiplos pavimentos pode ser de muitos modos, prejudicial à cidade. Arquitetos, urbanistas, sanitaristas e representantes dos mais diversos conhecimentos sabem disso e, embora se os tenha nos órgãos públicos municipais, pouco podem fazer para suplantar decisões equivocadas dos políticos, seus chefes, que podem ter seus cargos, e isso não é regra, para dar votos e até mesmo sustentar governos ilegítimos, corruptos e golpistas, em algum lugar do planeta. Exemplo da interferência de políticos sobre decisões de técnicos foi o caso recente de parlamentar, na época ministro de governo brasileiro, que quis forçar, por interesse pessoal, a construção de um edifício fora do gabarito permitido em área histórica de Salvador. Isso ilustra bem o que disse Lefebvre (1969), no segundo capítulo de um livro sobre os tecnocratas. São inumeráveis as decisões sobre a cidade que são equivocadas, como o

---

128 OS INTELECTUAIS E O PODER Conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze. Acesso em: 20 jan. 2017. <http://cineclubedecompostela.blogaliza.org/files/2010/09/Foucault-Deleuze-Os-Intelectuais-e-o-Poder.pdf>

asfaltamento desnecessário que aumenta a temperatura urbana, diminui a infiltração de águas para o subsolo; a construção em locais baixos, e até mesmo o aterramento de lagoas podem causar enchentes nas vias, e muitos outros tipos de problemas que não se pode controlar na cidade, sem uma participação efetiva da população nos negócios públicos urbanos. E assim vai a construção das cidades, pelo menos no Brasil. Tudo acontecendo sob uma onda massiva de construção de subjetividade, para o interesse do capital, o que Guattari chama de “subjetividade capitalística”.

#### 14.4. AS VOZES DE AUTORREFERÊNCIA

Esta é a terceira voz de que trata Guattari quando traça o histórico de alguns Equipamentos coletivos de enunciação. Para ele, nem a história nem a sociologia seriam capazes de dar as chaves analíticas-políticas de todos os processos de subjetivação, aí então ele destaca que há na base dos processos de subjetivação das sociedades contemporâneas o que ele chama de vozes/vias: As vozes do poder, as vozes do saber, já tratadas em parágrafos anteriores, e esta terceira, as vozes de autorreferência. Essas vozes, para Guattari,(GUATTARI, 1993) mesmo inscritas “[...] no coração da diacronia histórica e duramente encarnadas nas clivagens e segregações sociológicas, não param de se entrelaçar em estranhos balés, alternando lutas de morte e promoção de novas figuras.”(GUATTARI, 1993, p. 178-179). O conhecimento destas vozes e seus entrelaçamentos podem levar a bom termo análises de processos de subjetivação. Tentamos exemplificar anteriormente, as vozes do poder e do saber em seus respectivos parágrafos, aplicadas a subjetivação, no caso, da preferência por um tipo de arquitetura que se pretende de proteção, como a Arquitetura do Medo pesquisada. Esta terceira voz, para Guattari (1993) é a da autorreferência, em relação às vozes dos poderes e dos saberes, ele a define como a mais singular, a mais contingente e ancora a realidade da finitude, e também a mais universal, aquela que opera “[...] as mais fulgurantes travessias por campos heterogêneos.”[...] seria preciso dizê-lo de outro modo: ela não é universal no sentido estrito, ela é mais rica em Universos de virtualidade, a mais provida em linhas de processualidade.” (GUATARI 1993, p. 180). Ainda sobre as três vozes:

As vozes de poder e de saber se inscrevem em coordenadas de hexorreferência que lhes garantiam um uso extensivo e uma circunscrição

precisa de sentido. A Terra era o referente de base dos poderes sobre os corpos e as populações, enquanto que o Capital era o referente dos saberes econômicos e do controle de produção. O Corpo sem órgãos da autorreferência, sem figura nem fundo, nos abre, por sua vez, o horizonte inteiramente diferente de uma processualidade considerada como ponto de emergência contínua de toda forma de criatividade.

Faço questão de frisar que a essa tríade – Poder territorializado, Capital de saber desterritorializado e Autorreferência processual – não tem outra ambição senão a de esclarecer certos problemas como, por exemplo, a atual ascensão das ideologias neoliberais ou de arcaísmos ainda mais perniciosos. . (GUATTARI, 1993, p. 181).

Como na citação, o mencionado Corpo sem órgãos (CsO) contrapõe-se ao organismo, e é vinculado a esse conceito, é importante que se perceba a diferença conceitual entre os dois, apresentamos então as suas definições segundo Deleuze e Guattari:

“O organismo não é o corpo, o CsO, mas um estrato sobre o CsO, quer dizer um fenômeno de acumulação, de coagulação, de sedimentação que lhe impõe formas, funções, ligações, organizações dominantes e hierarquizadas, transcendências organizadas para extrair um trabalho útil” . (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 24).

A cidade é um organismo e como diz Magnavita “[...]A forma urbana constitui uma estratificação histórica codificada e resulta de uma multiplicidade e heterogeneidade de práticas, ações e desejos”.<sup>129</sup> Acrescentando o conceito de organismo à cidade vemos nela as características próprias do organismo como as suas formas, funções ligações, organizações dominantes e hierarquizadas, tudo para um trabalho útil, (abrigar a vida urbana dentro de preceitos capitalísticos). A cidade funciona muito bem de acordo com o que se estabelece para ela como organismo. As vias são hierarquizadas, há organizações dominantes de controle e produção. Como um organismo em funcionamento a contento ao serviço da produção da vida urbana dentro de preceitos capitalistas, a cidade é pensada como possibilidade de maximização de lucro seja no potencial natural que bem serve ao turismo, seja no potencial de investimento imobiliário. Pensando-se a assim, a cidade não pode parar de se produzir, de criar oportunidades de riquezas. É necessário que sejam preparados planos que direcionem esse crescimento e toda e qualquer ameaça a esses planos deve ser eliminada. Entram no processo, então, os agentes produtores de subjetividade para evitar a desorganização do “organismo”

<sup>129</sup> MAGNAVITA, Pasqualino Romano. Micropolíticas Urbanas e Processos de Subjetivação. Anais XIII Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional. 25 a 29 de maio de 2009. Florianópolis-Santa Catarina- Brasil. <http://unuhospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/anais/article/view/3246>

cidade, para evitar singularidades que possam se contrapor à ordem estabelecida. Processos de singularização são processo de criação, e a criação acontece quando se quebra o organismo, quando se dá oportunidade ao desejo de criar. A subjetividade capitalística tenta fazer com que o desejo seja pensado como falta e não produção, (como na definição de corpo sem órgão)

“O CsO é o campo de imanência do desejo, o plano de consistência própria do desejo (ali onde o desejo se define como processo de produção, sem referência a qualquer instância exterior, falta que viria torná-lo oco, prazer que viria preenchê-lo”. (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 18).

Sendo o desejo, falta – ao ver capitalista – poderá ser suprida pelo próprio capitalismo, que tem a participação de máquinas mediáticas, agenciamentos maquínicos e agenciamentos coletivos de enunciação, secretando subjetividade capitalísticas favoráveis ao consumo.

Evita-se que se pense, e se, se tiver que pensar, que seja dentro do senso comum, o que é conveniente porque tende ao dogmatismo, a forma de conhecimento mais ingênua, quando se acredita sem questionamento. Para Hessen, “[...] Sendo a atitude do homem ingênuo, o dogmatismo é, tanto psicológica quanto historicamente, o primeiro e mais antigo dos pontos de vista.[...]” (HESSEN, 2003, p. 30).

É muito conveniente, para quem vende uma ideia, que os argumentos do vendedor não sejam questionados, por ignorância, ingenuidade ou qualquer outro motivo. O sucesso da venda fica garantido. Evita-se quase sempre, que se pense ou se faça algo com convicção ou autonomia. Há sempre alguém observando: “o que você pensa que está fazendo?”, “quem é você pra fazer isso”, “Não será desse modo, já existe uma comissão de alto nível pensando esse problema”. Não é a toa que muitos governantes não investem em educação, um povo educado questiona e incomoda governos. As instituições responsáveis por modelar essa ordem do pensar e do saber-fazer estão atentas. A escola, o hospital, o trabalho a família, os amigos, todos agem, sempre tutelando, infantilizando e dentro de convenientes semelhanças. É mais fácil aceitar o igual, a semelhança, que a diferença. Evita-se mudar o que já está estabelecido. A produção do espaço urbano ainda segue leis estabelecidas em uma carta escrita em 1933, por intelectuais arquitetos representantes do capitalismo. Estes, em banquete, bebendo vinho enquanto velejavam pelas Ilhas Gregas, diziam como deveria ser a cidade no mundo que se abria ao tecnicismo, à tecnologia do concreto armado e das

máquinas de locomoção, como os elevadores que impulsionaram os edifícios a múltiplos pavimentos e múltiplas oportunidades de lucro. A indústria de veículos automotores se desenvolvia e eram oportunas as preocupações de famosos arquitetos, em projetos espetaculares, propondo a separação entre pedestres e veículos, bem como, a criação de autopistas que deram vazão à indústria automobilística e continuam justificando nas cidades as grandes obras viárias, símbolo de tecnologia, vias do progresso e da poluição do planeta. Ainda hoje, no Brasil, ter uma ponte estaiada, de preferência atravessando parques, lagos ou o mar, mesmo sem necessidade, pode ser sonho de realização de administrações municipais. Sem contar com os desvios de orçamento – não é regra – mas que podem ocorrer em obras grandiosas, como vem sendo comprovado recentemente no Brasil.

Acabamos de mostrar aqui, a importância para esta pesquisa, dos processos de subjetivação capitalística a que se é submetido nos dias atuais com reforço das tecnologias computacionais e midiáticas, segmentarizando, modulando indivíduos e coletivos, e na tentativa de convencimento de que o desejo é falta e que o capital está pronto a suprir. Arquiteturas de proteção contra a violência estão entre esses desejos de quem se sente ameaçado pela onda de insegurança e violência por que passam as cidades, como Fortaleza, ambiente empírico desta pesquisa.

## 15. CAPÍTULO 4

### CONCLUSÃO

Como já mencionado, a Arquitetura do Medo como objetivação humana está dentro do mundo da representação, do real e do possível, e assim, suas relações com o medo e a cidade foram estudadas nos dois capítulos anteriores. No primeiro, é reconhecida pelos signos que a compõem, e no segundo, tece relações múltiplas com as questões do espaço urbano, da violência e do medo. No terceiro capítulo vimos a importância da produção da subjetividade capitalística nas determinações físicas de uma arquitetura encontrada em Fortaleza, e que serviu de laboratório para este estudo. Esta Arquitetura, neste mundo da representação molar (percepção macro), tem sobre si, saberes específicos que se constituem em estratificações históricas. O nosso envolvimento no terceiro capítulo com as questões da produção de subjetividade nos vincula diretamente a conhecimentos estabelecidos por três grandes estratos “ [...] os que nos amarram mais diretamente: o organismo, a significância e a subjetivação. A superfície do organismo, o ângulo de significância e de interpretação, o ponto de subjetivação ou sujeição [...]” (DELEUZE & GUATTARI ([2015] 1996, p 25). Com relação ao organismo, estamos supostamente organizados – pelo menos, assim pretende o pensamento hegemônico e macro – que se tenha um corpo organizado ou articulado. Se não o formos, corremos o risco de sermos depravados. No estrato da significância, somos significantes e significados, intérpretes e interpretados, senão, corremos o risco de sermos desviantes. No ponto da subjetivação ou sujeição, somos sujeitos, fixados, sujeitos de enunciação que se rebatem sobre o enunciado, caso contrário, seríamos apenas vagabundos. (DELEUZE & GUATTARI ([2015], 1996.)

A cidade não é como nós, mas há quem a tenha comparado a organismos vivos em textos sobre urbanismo arquitetura e cidades, ou ainda, as compare mais recentemente, devido aos aspectos de sustentabilidade<sup>130</sup> muito em voga no planeta. Se considerada como um organismo, necessita estar subordinada às funções pré-estabelecidas, organização de suas partes segundo uma intencionalidade de funcionamento, previsto por normas e leis que supostamente

---

<sup>130</sup> Ver .<http://www.ecodesenvolvimento.org/posts/2012/janeiro/cidades-devem-ser-administradas-como-organismos>. pesquisado em 03/02/2016.

lhes garantem a aplicação da metáfora do organismo. Ela tem também seus significados, interpretação e uma imagem “ideal” a propósito do espetáculo e do consumo de suas potencialidades de lucro, sofrendo operações de “plástica e embelezamento” para o turismo, com remoção, sempre que possível, da “feiura” das favelas ou áreas degradadas, que como “manchas na pele” enfeiam o que turistas pagam pra ver. Para isso, existem as políticas de remoção de populações pobres – gentrificação –, processo de recuperação de áreas urbanas visando, entre outras coisas e além do lucro imobiliário, dar à cidade o aspecto de organismo saudável, próspero, com seus equipamentos urbanos, inclusive habitação, pouco acessíveis à pessoas de baixa renda, mas para muitos, uma boa solução de “limpeza urbana”, como fosse uma operação de remoção de um tumor para garantir a saúde de um organismo, como em um caso que ocorreu em Fortaleza:

[...] remoção dos residentes de núcleos favelados para a construção de obras públicas tais como abertura de vias e edificação de equipamentos urbanos. No período entre 1971 e 1974 foram removidos 2.812 barracos que deram lugar a construção das avenidas Aguanambi, Estados Unidos (Virgílio Távora), Borges de Melo e Presidente Castelo Branco (Leste Oeste) além de outras obras como o Terminal Rodoviário de Fortaleza. As famílias foram realocadas em conjuntos habitacionais distantes de seus locais de residência. Foram construídos os conjuntos residenciais Alvorada (1971), distante 7 km do Centro; o residencial Marechal Rondon (1972) no município de Caucaia, distante 12 km da sede de Fortaleza; e o conjunto Palmeiras (1974), distante 14 km do Centro. Para essas novas localizações residenciais foram remanejados parte dos residentes de comunidades carentes, dentre as quais Lagamar, Poço da Draga, Verdes Mares, Moura Brasil e Pirambu. (BENTO, 2011, p. 47)<sup>131</sup>

Há ações menos violentas, como nas urbanizações de áreas “degradadas” em que se permite a permanência, porém sob controle de higiene e segurança em comunidades de baixa renda como a do Campo do América, situada nos Bairros do recorte urbano estudado.

O conceito ou adjetivação “degradado”, por si, é excludente e está associado ao não igual, à diferença que é de difícil aceitação, juntamente com outras diferenças e medo da alteridade que promovem a segregação e sua não aceitação nas cidades, como já tratado no segundo capítulo.

---

<sup>131</sup> BENTO, Victor Régio da Silva. Centro e Periferia em Fortaleza sob a Ótica das Disparidades na Infraestrutura de Saneamento Básico. Universidade Estadual do Ceará – UECE Centro de Ciências e Tecnologia – CCT Mestrado Acadêmico em Geografia – MAG Fonte, pesquisado em 01/12/2016 em: [http://www.uece.br/mag/dmdocuments/victor\\_regio\\_dissertacao.pdf](http://www.uece.br/mag/dmdocuments/victor_regio_dissertacao.pdf)

A comunidade do América foi legalmente aceita na cidade, mas continua sendo para muitos, principalmente seus vizinhos, fonte de perigo, violência urbana e medo.



Figura 15. Comunidade do Campo do América nos bairros Aldeota e Meireles: fonte: Google.

Os investimentos na melhoria de condições e utilização de seu campo de futebol, (antes na areia), promoveu a vida social na comunidade, mas frustrou a muitos que desejavam a remoção da comunidade. Não é difícil imaginar a quem pudesse interessar a substituição daquele espaço, por edifícios semelhantes aos que já existem na área.



Figura 16. Aspecto da Comunidade do Campo do América – Após requalificação urbana. Fonte: Google

Comunidades pobres dentro, de áreas urbanas mais centrais, como a Comunidade do Campo do América, nem sempre recebem melhorias e se firmam no seu espaço, inclusive, com regularização fundiária, e reconhecimento pela cidade

como parte diferenciada, mas integrante da malha urbana. No caso da comunidade do Campo do América, no recorte investigado, a Prefeitura deu condições de lazer à comunidade, com a revitalização do campo de futebol<sup>132</sup> muito utilizado para atividades culturais diversas. Para muitos, a comunidade referida é uma fonte de violência, como são no Brasil, de modo geral, essas comunidades que se diferenciam por baixa renda e classe social de seus moradores. Há sempre os que acusam a comunidade do Campo do América como fonte de violência e medo na área. E de fato, lá não se desconhece a existência de traficantes e usuários de entorpecentes constatado pelos órgãos de segurança.

Essas requalificações urbanas são sempre alvo de especuladores imobiliários em diversas partes do mundo, como o conhecido bilionário recém-eleito presidente dos Estados Unidos, Donald Trump

[...]que se apodera de bairros inteiros de Nova York, de Atlantic City etc, para “renová-los”, aumentar os aluguéis e, ao mesmo tempo, rechaçar dezenas de milhares de famílias pobres, cuja maior parte é condenada a se tornar homeless<sup>133</sup>, o equivalente dos peixes mortos da ecologia ambiental”. (GUATTARRI, 2001, p 26)<sup>134</sup>

O tipo de Arquitetura do Medo que investigamos encontra-se em uma das mais privilegiadas área urbanas de Fortaleza, situa-se em um planalto com muita ventilação e próximo ao mar, como já foi descrito no primeiro capítulo. É, portanto, área desejada e ocupada por muitos que podem pagar os elevados preços de imóveis da área que está em constante construção. Nesta área tem acontecido a substituição de antigas residências em grandes lotes para construção de altos edifícios-condomínios de apartamentos, sempre dentro de proposta de segurança

---

<sup>132</sup> <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/cidade/online/prefeitura-de-fortaleza-inaugura-novo-campo-do-america-1.1030732> Acesso em 20/03/2017.

<sup>133</sup> Homeless significa literalmente “sem lar”. O termo designa nos Estados Unidos um fenômeno urbano comum nas metrópoles contemporâneas: pessoas que moram nas ruas. Tal população é em geral de dois tipos: por um lado, aqueles cuja pobreza os impossibilita de pagar aluguéis e, por outro lado, ao “loucos”. Em Nova York com o movimento de despsiquiatrização próprio dos anos 70 e 80, aumentou muito o número de “loucos” morando nas ruas. O termo homeless, hoje, designa um movimento organizado naquela cidade pela aquisição de moradia, semelhante ao “movimento por moradia” existente em São Paulo. (R.N)

<sup>134</sup> GUATTARRI, F. *As três Ecologias* 11ª Edição. Tradução: Maria Cristina F. Bittencourt. Revisão da tradução: Suely Rolnik. Título original em francês: Les trois ecologies. © Editions Galilée, 1989. Texto obtido da 1ª Edição Eletrônica 2001 <http://escolanomade.org/wp-content/downloads/quattari-as-tres-ecologias.pdf>

máxima possível, segundo os modelos de isolamento entre lotes, vias e espaços públicos.

Não se trata de criticar especificamente os investimentos que lá se façam, pois acontece a necessária geração de empregos, mas criticamos os modos de ocupação dos lotes das propriedades privadas em detrimento do espaço público residual, entregue ao isolamento provocado pelos limites fechados dos lotes, que dão às ruas caráter de abandono, embora tenham as grades muros e toda a arquitetura uma certa qualidade, digna de apreciação turística, há então cuidado com os materiais e formas das separações entre lotes e ruas. Eles comunicam de forma direta a renda dos proprietários e habitantes do bairro, e mais especificamente, de determinados condomínios verticais lá implantados.

A cidade e particularmente o recorte em estudo também tem um terceiro estrato que é o da subjetivação, seu funcionamento, sua população, sua construção, seu uso, constituem agenciamentos maquínicos e agenciamentos coletivos de enunciação, pelo que se diz e se vê, na heterogeneidade de sua constituição. É-se convencido a cada momento, pela divulgação mediática da violência, da necessidade de se construir com segurança, e o bairro cresce como um modelo que se pretende paradigma de proteção, e assim reproduz seu modo de proteção no território da cidade, com prejuízo da segurança dos espaços públicos de logradouros.

Pesquisando sobre a Arquitetura do Medo, tema já tratado num livro seminal de Nan Ellin, tivemos que atentar para procedimentos de análise capazes de diferenciar nossa pesquisa do que já havia sido feito, e também permitir que se complementassem e dessem à abordagem uma tessitura mais consistente, capaz de costurar falhas de metodologia que se pretenda única e hegemônica. Tivemos inicialmente que reconhecer diversidade de abordagens do tema e a importância dos objetos e signos do “mundo macro” da reprodução em suas determinações, complexidade e instâncias da vida cotidiana nas cidades, muitos apontando para a necessidade de construção intencional e pragmática de “pretensas fortalezas” contra o medo da violência urbana existente em todo território nacional, mais especialmente nos espaços urbanos onde as diferenças entre ricos e pobres tornam-se mais exacerbadas.

Importante também o reconhecimento neste estudo que realizamos do potencial do medo, sua importância e suas formas de construção que, como vimos,

tem suas origens desde a genética à produção deliberada e intencional, com objetivos bem determinados, como o faz muito bem a mídia, nas formas de tratar a violência associada ao medo e às formas de produção do espaço urbano. É este espaço com todas as suas características de representação que tratamos de examinar, buscando identificar o que o tornou singular como objeto de investigação apropriado à originalidade pretendida, ao mesmo tempo como objeto de análise, com potencial de gerar conhecimento para o estudo da cidade. É por/com medo da violência que nos afastamos dos outros, dos diferentes, desconhecidos. A percepção da cidade como aglomerado de formas significantes nos deu luz para o início da pesquisa. A partir dos signos, ou elementos sinalizadores do medo, se descortinou um vasto campo de possibilidades de investigação que conduzimos nos três capítulos ou momentos da tese. É pensando na importância do medo, e na necessidade de combatê-lo que se abre a perspectiva de lucro da indústria de equipamentos de segurança, com a invenção de estratégias de proteção dentro dos espaços de habitação que aqui são, em sua maioria, constituídos de edifícios condomínios de múltiplos pavimentos. É pelo medo da violência e grande perspectiva de lucro que a indústria do medo desenvolve seus produtos e serviços, desde a blindagem de veículos particulares, à proteção de grandes condomínios residenciais. É em grande parte pelo medo da violência que uma arquitetura, como a que pesquisamos prolifera nas cidades, e indústrias de dispositivos de segurança se desenvolvem. Entender as causas da violência foi tão ou mais importante que um aprofundamento do medo em todas suas possibilidades de nos afetar. As marcas (signos) das preocupações com a violência, que são vistas nos dispositivos de segurança, falam mais do que o medo de quem utiliza estes equipamentos. Compre-se um apartamento já preparado com tudo o que supostamente será necessário para satisfazer em termos de segurança. Muitos dos que habitam condomínios verticais não tiveram a escolha do tipo de proteção que eles pagam nas taxas de condomínio, e não têm opção outra, senão concordar com a maioria dos inquilinos sobre problemas relativos à proteção coletiva do condomínio. Portanto, é importante que se perceba que a Arquitetura do Medo passa por “[...]agenciamentos coletivos de enunciação, que não correspondem nem a uma entidade individuada, nem a uma entidade social predeterminada.” (GUATTARI & ROLNIK, 2005 p.39).

As arquiteturas investigada, bem como muitos processos urbanos contemporâneos passam pela subjetividade, de modo que, como afirma Guattari,

“qualquer revolução em nível macropolítico concerne também a produção de subjetividade”. As vozes coletivas predominam sobre singularidades que muitas vezes são reprimidas, pelo poder do discurso do saber e do poder. Pode-se dizer por exemplo, que numa relação de saber/poder, discutir com técnicos em segurança é coisa mais para outro técnico, que para um leigo no assunto, tal atitude seria uma perda de tempo. Saberes especializados têm mais poder e predominam num diagrama de forças. Quem questionaria a espessura de um vidro resistente a tiros de pistola? Trata-se de um saber que, como muitos, facilitam o lucro em função do saber especializado e do medo. As técnicas de blindagem de um veículo também, são processos especializados, em que não se pode opinar. É aceitar, pagar e sentir-se seguro ou não, se possível, com menos medo – e assim, a indústria do medo prospera. O mesmo acontece para o caso da arquitetura do medo. Quem domina saberes especializados sobre segurança, projeta a segurança e blindagem de edifícios, porém, não sem antes trabalhar a subjetividade: os enunciados de violência, os da eficiência dos dispositivos de proteção e os de toda uma campanha para introjetar na clientela a importância da utilização desses dispositivos nos condomínios. Não se esquecendo dos argumentos relacionados aos lucros dos investimentos em imóveis de área de grande valorização. São processos de subjetividade capitalística entrando no grande negócio da arquitetura do medo que modela uma cidade hostil à vida, em suas vias e espaços públicos, inseguros e associados à violência e ao medo. Sua forma assim moldada expõe a derrota pelo medo e pela violência de duas qualidades: o lado de fora, antes público e lugar de troca e encontros, e agora, o lugar do medo. O dentro e o espaço privado, lugar da esperança de proteção, mas também isolamento, quase prisão, dentro de domínios privados.

Destacamos nesse estudo da Arquitetura do Medo a importância da leitura semiótica dos signos ou sinalizadores do medo, assunto desenvolvido nas primeiras páginas juntamente com os exemplos de estudos precedentes que levam também a designação de Arquitetura do Medo. Esta designação se encontra em um livro seminal sobre o assunto, “Architecture of Fear”, onde vários autores apresentam ensaios os mais diversos, mas sempre relacionados arquitetura ao medo e à cidade. Não tratamos, no entanto aqui, de uma pesquisa semiótica, apenas foi utilizada a semiótica para se permitir destacar o objeto de análise, diferenciando-o dos estudos precedente que ganharam a mesma denominação.

O medo e a violência foram vistas nas suas definições mais gerais somente para o entendimento de suas características fundamentais, como o caráter inato do medo, bem como o de sua possível fabricação com objetivos bem explícitos.

No segundo capítulo, onde se processa uma percepção molar do objeto de estudo, vimos como a violência urbana e o medo trabalham o espaço das cidades.

A epígrafe que escolhemos para essa tese é reproduzida nesta conclusão afirmando que:

O atual *regime de fantasmagorias* que rege nosso imaginário urbano pode ser resumido, num primeiro estágio, em torno da querela sobre o conceito de *comunidade*, seja ela perdida como encontro originário ou desejada como um lugar futuro. Nessa teatralização teórica, os muros, enquanto aparatos cênicos, totêmicos, encenam a comunidade estilhaçada e a vida urbana que não se realiza em sua plenitude.<sup>135</sup>

Este texto de Drummond nos é oportuno, pois corrobora aspectos de nossa tese, como o malefício dos muros para a vida urbana que perdeu a dinâmica existente em tempos pretéritos. A violência incontestável de hoje legitima o muro, mas também decreta a morte do espaço público de logradouros e praças, por onde apenas se passa, a caminho de casa, para adentrar com pressa em “ilhas de segurança”, nos condomínios fechados.

A epígrafe traz reflexões que nos suporta a ideia de que há todo um processo subjetivação quando refere a “fantasmagorias”. Processo que pode explicar a permanência dessa forma de espaços urbanos, e destaca fenômenos estudados nesta investigação da Arquitetura do Medo, como os muros e seus efeitos na cidade. A citação também apresenta conceitos abordados e menciona efeitos danosos dos muros, ou da arquitetura e suas formas espetacularizadas, vistas no recorte urbano e apresentado em algumas imagens no texto e que caracterizam visualmente o abandono das ruas e o medo, características do recorte escolhido. Formas que se impõem como propostas contra o medo da violência, mas em detrimento da vida no espaço da cidade, pois constroem barreiras entre o público e o privado, reforçam dicotomias e provocam o fim da vida urbana, como diz Drummond, “Nessa teatralização teórica, os muros, enquanto aparatos cênicos, totêmicos, encenam a comunidade estilhaçada e a vida urbana que não se realiza em sua plenitude”<sup>136</sup>.

---

<sup>135</sup> DRUMMOND, Washington. Muros: da cidade capsulada ao surto heterológico. <http://muros.art.br>

<sup>136</sup> Idem.

Porém, mais do que a questão dos efeitos negativos dos muros no espaço da cidade, Drummond também nos corrobora a ideia de que: “O atual regime de fantasmagorias que rege nosso imaginário urbano” está sob a égide da subjetivação, onde as imagens e fetiches urbanos, que formam a subjetividade, são indiretamente também tratadas no terceiro capítulo, embora no corpo teórico de agenciamentos maquínicos e agenciamentos coletivos de enunciação, bem na forma dos conceitos de Deleuze & Guattari.

O conceito benjaminiano de fantasmagoria foi criado no século XIX, e ligados a ele estão os importantes conceitos: fetiche (MARX) e reificação (LUKÁCS, KOSIK), muito utilizados para o entendimento dos processos da sociedade contemporânea.

O conceito de comunidade, quando se pensa democratização e participação na cidade, nos remete ao questionamento sobre que cidade temos e que cidade poderíamos desejar ou lutar para conseguí-la.

Este “encontro originário” de que trata o autor da epígrafe, muito bem se ajusta à ideia de que as cidades, antes pontos de encontro, troca e criação, tornam-se cada vez mais um ideal passado, rumo a uma forma de comunidade urbana a se definir.

## 16. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACCIOLY, Vera Mamede. **Planejamento, Planos Diretores e Expansão Urbana: Fortaleza 1960-1992**. Tese de Doutorado FAUBA. Salvador, BA, 2008 Disponível em:  
<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/12079/1/TESE%20VERA%20MAMEDE%20008.pdf>
- ANDRE, Christophe. **Psicologia do Medo**: como lidar com temores, fobias, angústias e pânicos. Tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- BAUMAN, Zigmunt, 2009- **Confiança e Medo na Cidade**; tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- BENTO, Victor Régio da Silva. **Centro e Periferia em Fortaleza sob a Ótica das Disparidades na Infraestrutura de Saneamento Básico**. Universidade Estadual do Ceará – UECE Centro de Ciências e Tecnologia – CCT Mestrado Acadêmico em Geografia – MAG Fonte: pesquisado em 01 dez. 2016 em:  
[http://www.uece.br/mag/dmdocuments/victor\\_regio\\_dissertacao.pdf](http://www.uece.br/mag/dmdocuments/victor_regio_dissertacao.pdf)
- BOTELHO, Adriano. **O financiamento e a financeirização do setor imobiliário: Uma análise da produção do espaço e da segregação sócio-espacial através do estudo do mercado da moradia na cidade de São Paulo**. Tese de Doutorado – FFLCH. Departamento de Geografia. USP, 2005
- BOTELHO, Antonio José Junqueira, 2002 - **Globalização, regulação e neonacionalismo: uma análise das agências reguladoras**, In Revista de Sociologia e Política \_Vol. 18, Nº 0, 2002.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de Muros – Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo** Edusp. SP, 2000. 1a. Edição.
- CHOMSKY, Noam. **Democracia e mercados na nova ordem mundial**.(pág.7-45)  
 In:GENTILI, Pablo. Organização. Globalização Excludente; Desigualdade, exclusão e democracia na nova ordem mundial.
- DELEUZE, Gilles. **Focault**. Editora Brasiliense, 2011.
- DELEUZE & GUATTARI . **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1. (tradução de Aurélio Guerra Neto, e Célia Pinto Costa ). Rio de Janeiro. Editora 34, 1ª Edição 1995.
- DELEUZE & GUATTARI . **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 3. (tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik de

Mille plateaux: capitalismo et schizophrénie.) Rio de Janeiro. Editora 34, 2ª Edição 2012 (1ª Reimpressão 2015).

DELUMEAU, Jean. **Medos de Ontem e de Hoje**, in NOVAIS. Adauto. Ensaio sobre o MEDO. Edições SESC SP. Editora Senac, São Paulo 2007.

DIÓGENES, Beatriz Helena Diógenes. A Centralidade da Aldeota Como Expressão da Dinâmica Intra-Urbana de Fortaleza. Dissertação de Mestrado, USP, 2005.

DRUMMOND, Washington. **Muros: da cidade capsulada ao surto heterológico**. <https://muros.art.br> acessado em 20 jan. 2017.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Organizado por Michael Schröter; tradução, Vera Ribeiro; revisão técnica e notas, Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

ELLIN, Nan (Editor). **Architecture of Fear**. Princeton: Princeton Architectural Press, 1997.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio et alli, **\_Semiótica, manual de leitura AUP 414 e AUP 406**. USP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. **Olhar Periférico: Informação, Linguagem, Percepção Ambiental**. São Paulo, 1993.

FERREIRA, Pedro Peixoto **\_O dentro e o fora** IFCH-Unicamp – CTeMe – FAPESP março 2005. LincolnInstitute, 2001. Acesso em 20 /02/2017 em: [https://pedropeixotoferreira.files.wordpress.com/2010/05/ferreira\\_2005\\_o-dentro-e-o-fora\\_efqdi.pdf](https://pedropeixotoferreira.files.wordpress.com/2010/05/ferreira_2005_o-dentro-e-o-fora_efqdi.pdf)

FLUSTY, S., **“Building Paranoia”**, in N. Ellin e E.J. Blakely (orgs.), op. cit., p.48-52.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 25ª ed – São Paulo: Graal, 2012.

FURTADO Celso. **O Brasil Pós-milagre**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1981.

GARDENBERG, André. **Arquitetura do Medo: Fotografias**. Coordenação Geral: DOIS/UM Produções. Curadoria: Diógenes Moura.

GENTILI, Pablo. (org). **Globalização Excludente: Desigualdade, exclusão e democracia na nova ordem mundial**, 5ª Edição. Petrópolis, RJ: Vozes; Buenos Aires: CLACSO, 2008.

GLASSNER, Barry. **Cultura do Medo**. São Paulo : Francis, 2003.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Editora Record. 2005.

GUATARRI, F. **As três Ecologias** 11ª Edição. Tradução: Maria Cristina F. Bittencourt. Revisão da tradução: Suely Rolnik. Título original em francês: Les trois ecologies. © Editions Galilée, 1989. Texto obtido da 1ª Edição Eletrônica 2001. Acesso em 18/12/2016 em: <http://escolanomade.org/wp-content/downloads/guattari-as-tres-ecologias.pdf>

\_\_\_\_\_. **Caosmose, Um Novo Paradigma Estético**. Tradução Ana Lúcia Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Editora 34. Rio de Janeiro 1992.

\_\_\_\_\_. **Da Produção de Subjetividade**. In: PARENTE, Andre.(Org.) *Imagem Máquina: A era das tecnologias do virtual*. Rio de Janeiro: Editora 34. 1993. p. 177-191.

GUATTARI, Felix;. ROLNIK, Suely. **Cartografias do Desejo**. 12ª Edição. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2013.

HESSEN, Johannes. Teoria do Conhecimento. Martins Fontes, São Paulo 2003.

HOBSBAWM, E. J. **Bandidos**, Forense Universitária. Rio de Janeiro. 1976.

KERLINGER, Fred N., **Metodologia da Pesquisa em Ciências Sociais**. Editora Pedagógica e Universitária Ltda.

LEFEBVRE, Henri. **Posição: contra os Tecocratas**. Editora Documentos Ltda. 1969.

LEFEBVRE, Henri. **Une Pensée Devenue Monde. Fault-il abandonner Marx?** Fayard 1980.

LENCIONI, Sandra. **Redes, coesão e fragmentação do território metropolitano**. *Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. [En línea]. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2010, vol. XIV, nº 331 (69). <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-331/sn-331-69.htm>>. [ISSN: 1138-9788].

LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade Paradoxal: ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo**; tradução Maria Lucia Machado - São Paulo Companhia das Letras, 2007.

MACHADO, Roberto. **Por uma Genealogia do Poder**. In FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 25ª ed – São Paulo: Graal, 2012.

MAGATTI, Mauro. **Bauman e o destino das cidades globais**. In ZIGMUNT, Bauman. **Confiança e Medo na Cidade**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2009.

MAGNAVITA, Pasqualino Romano. **Micropolíticas Urbanas e Processos de Subjetivação**. Anais XIII Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional. 25 a 29 de maio de 2009. Florianópolis-Santa Catarina- Brasil. Pesquisado em 20 /01/2017 em: <http://unuhospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/anais/article/view/3246>

\_\_\_\_\_. **Por uma micropolítica do planejamento urbano as dobras conceituais corpo, saber, poder, espera e a cidade**. Anais dos Encontros Nacionais da ANPUR (2013) Link: Pesquisado em 22/01/2017) em: <http://unuhospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/anais/index>

MALAGUTI BATISTA , Vera. **O Medo na Cidade do Rio de Janeiro**: dois tempos de uma história – Rio de Janeiro: Revan, 2003.

MARTIN, Hans Peter. SCHUMANN, Harald. **A armadilha da Globalização; O assalto à democracia e ao bem-estar social**. Tradução Waldtraut U. E. Rose e Clara C.W. Sackiewicz. –São Paulo: Globo. 1997.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo, Martins Fontes, 1994.

MISSE, Michel, **Crime e Violência no Brasil Contemporâneo**. Estudos de Sociologia do Crime e da Violência Urbana. Lumen Juris editora, 2011.

MOLLO, Maria de Lourdes Rollemberg. 2001. **Globalização da Economia, Exclusão Social e Instabilidade**. Disponível em: <http://www.cefetsp.br/edu/eso/globalizacao/globalizacaoeconomia.html>  
Acesso em: 26 de nov. 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. **Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extra-Moral**, in OBRAS INCOMPLETAS, Seleção de textos de Gérard Lebrun Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho Posfácio de Antônio Cândido. Editora Nova Cultural Ltda. 1999.

NOTH, Winfried; SANTAELLA, Lucia. **Imagem, Cognição, Semiótica, Mídia** (1998) Iluminus.

OKAMOTO, Jun. **Percepção Ambiental e Comportamento**. Editora Mackenzie. São Paulo 2002.

PAIVA, Ricardo Alexandre. **A metrópole híbrida: o papel do turismo no processo de urbanização da Região Metropolitana de Fortaleza**. (pag.52/321)  
<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/826>

PEDRAZZINI, Yves. **A violência das Cidades**. Tradução de Giselle Unti. Vozes 2006.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo, Perspectiva, 1977.

PINKER, Steven. **Como a Mente Funciona**. Ed. Companhia das Letras. São Paulo 1998.

RODRIGUES, J. M., & PEIXOTO Jr., C. A. **Para desarticular os estratos dominantes do organismo, da significância e da subjetivação**. *Psicol. Argum.* 2011 jul./set., 29(66), 285-293.

SANTAELLA, Lucia / ARANTES, Priscila. **Estéticas Tecnológicas- Novos modos de sentir**\_(2008). Educ.

SANTAELLA, Lucia, **Semiótica Aplicada**. Cengage Learning, 2008.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. **Medo e Exclusão Social- Um estudo sobre a Morte o Medo dos Pobres e o Medo de Pobres**. Tese de doutorado. Instituto de Psicologia USP. São Paulo-1998.

SILVEIRA, Lauro Frederico Barbosa da. - **Curso de Semiótica Geral**. Editora Quartier Latin do Brasil, São Paulo 2007.

SILVA, Magno Medeiros da, **Teoria das Violências, Mídia e Direitos Humanos**. Disponível em:

<[http://www.dhnet.org.br/dados/cursos/dh/br/go/goias/teorias\\_da\\_violencia\\_midia\\_e\\_dh.html](http://www.dhnet.org.br/dados/cursos/dh/br/go/goias/teorias_da_violencia_midia_e_dh.html)

SINGER, Paul, **Globalização e Desemprego: diagnóstico e alternativas**. 7ª Ed.. 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2008.

WACQUANT, Loïc. **Os condenados da cidade: estudo sobre marginalidade avançada**. [tradução de Roberto Martins Filho... et al.] Rio de Janeiro: Ravan; FASE, 2001. 2ª edição setembro de 2005.